

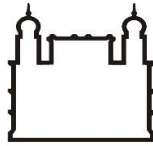


**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**DA PATERNIDADE ÀS PATERNIDADES SINGULARES:
NARRATIVAS DE HOMENS-PAIS ATIVISTAS NAS MÍDIAS
SOCIAS**

Juliana Araujo Mesquita

**Rio de Janeiro
Julho de 2022**



**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**DA PATERNIDADE ÀS PATERNIDADES SINGULARES:
NARRATIVAS DE HOMENS-PAIS ATIVISTAS NAS MÍDIAS
SOCIAS**

Juliana Araujo Mesquita

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

**Rio de Janeiro
Julho de 2022**

CIP - Catalogação na Publicação

Mesquita, Juliana Araujo.

Da paternidade às paternidades singulares: narrativas de homens-pais
ativistas nas mídias sociais / Juliana Araujo Mesquita. - Rio de Janeiro, 2022.
137 f.; il.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde da Criança e da Mulher) -
Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente
Fernandes Figueira, Rio de Janeiro - RJ, 2022.

Orientador: Marcos Antonio Ferreira do Nascimento.

Bibliografia: f. 119-126

1. Paternidade. 2. Masculinidade. 3. Ativismo Político. 4. Mídias Sociais.
5. Enquadramento interseccional. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser meu guia ao longo de toda a caminhada.

Ao meu orientador, Marcos Nascimento, pela presença leve, atenta e acolhedora, por me acompanhar de perto nesse processo de escrita, por todas as trocas e por tornar esse trabalho possível.

À Anna Uziel, à Martha Moreira e ao Benedito Medrado por aceitarem o convite para compor a banca, pelo tempo destinado à leitura do texto e pelas valiosas contribuições.

Aos meus pais, Antônia Mesquita e Manoel Mesquita, que sempre acreditaram em mim e nunca mediram esforços para oferecer, a mim e à minha irmã, educação de qualidade, mesmo frente a tanto desafios.

À minha irmã, Manuela Mesquita, que torce e celebra minhas conquistas, como se fossem dela e me incentiva a sonhar e concretizar cada vez mais projetos.

Ao meu namorado, Antonio Ferreira, que incansavelmente esteve ao meu lado nos dias de alegria e de angústia, que é abrigo, sobretudo nos dias mais turbulentos.

Às minhas amigas de infância, Dianne Rocha, Juliana Petersen, Marina Mussalam e Patrícia Pinheiro, por todos os momentos vividos, pelas descobertas que fizemos juntas e pela força da nossa amizade, que sobrevive mesmo aos contratempos e distâncias.

Às (ex) companheiras de trabalho, Aline Coutinho, Julie Smith, Letícia Zaffari e Milena Cunha, que compartilham constantemente as dores e delícias da profissão, pelas trocas e amizade.

À minha psicoterapeuta, Najla Martins, por todo o cuidado e por fazer parte da minha jornada de (re)construção.

Aos homens-pais, que gentilmente me cederam um tempo de suas vidas para contribuir com a construção desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

LISTA DE SIGLAS

UTIN – Unidade de Terapia Intensiva Neonatal

IFF – Instituto Fernandes Figueira

Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz

ONU – Organização das Nações Unidas

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

PNAISM – Política Nacional de Atenção Integrada à Saúde da Mulher

PNAISH – Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

SciELO – *Scientific Electronic Library Online*

Lilacs – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

PubMed – *Public Medline*

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde

PC – *Personal Computer*

RCLE – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

Arpen – Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

MEI – Microempreendedor individual

TRA – Técnicas de Reprodução Assistida

STF – Supremo Tribunal Federal

HIV – *Human Immunodeficiency Virus* (Vírus da Imunodeficiência Humana)

DM – *Direct Message* (mensagem privada)

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

ONG – Organização Não Governamental

AME – Atrofia Muscular Espinhal

FIV – Fertilização *In Vitro*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos homens-pais participantes da pesquisa	43
Quadro 2 - Pesquisa exploratória sobre contas de homens-pais no <i>Instagram</i>	153

RESUMO

Na sociedade contemporânea, embora cada vez mais homens assumam funções de cuidado de seus filhos e filhas, as mulheres ainda são as protagonistas no cenário do cuidado. De igual maneira, a presença dos homens-pais também se mostra crescente nas mídias sociais digitais, espaço em que as iniciativas de produção de conteúdo sobre paternidades têm sido expressivas e diversas, considerando que, esses perfis na mídia social abordam experiências de paternidades socialmente marcadas. Esta dissertação de mestrado tem como objetivo compreender quais concepções sobre paternidade e cuidado sustentam a criação de conteúdos relacionada à paternidade no *Instagram*. Para tal, realizou-se um estudo qualitativo em ambiência digital, utilizando como método as narrativas de vida. Os resultados foram analisados e divididos nas seguintes seções: paternidade como responsabilidade; cuidado para além das questões de provedor financeiro; autorreconhecimento da paternidade como processo; experiência pessoal de paternidade; articulação de agendas políticas; quando a paternidade vira um “negócio”; representatividade de comunidade de pessoas com deficiência, pretas, LGBT, mulheres e homens monoparentais; e *hates*, críticas e reações negativas. Conclui-se que a reflexão sobre a própria experiência de paternidade/masculinidade, atravessada por marcadores sociais da diferença (deficiência, raça/etnia, orientação sexual) e o ativismo por direitos que sustentam a produção de conteúdo. Isso porque esses homens-pais produzem e articulam diálogos com outras agendas políticas, que são anteriores à agenda de paternidade. Assim, ressalta-se a singularidade de cada paternidade, pois, o fato de ser preto, *gay*, pessoa com deficiência constrói a experiência de paternidade particular de cada homem. O *Instagram* tem sido palco de intensos debates sobre paternidades no Brasil nos últimos anos, entretanto, as mudanças ainda não são suficientes, visto que o avanço do conservadorismo e a pandemia de Covid-19 aprofundaram as desigualdades e opressões sofridas por grupos subalternizados.

Palavras-chave: Paternidade. Masculinidade. Ativismo Político. Mídias Sociais. Enquadramento Interseccional.

ABSTRACT

In contemporary society, although more and more men are taking care of their sons and daughters, women are still the protagonists in the care setting. Likewise, the presence of men-fathers is also increasing in digital social media, a space in which content production initiatives about paternity have been expressive and diverse, considering that these profiles on social media address socially marked paternity experiences. This master's thesis aims to understand which conceptions about paternity and care support the creation of content related to paternity on Instagram. To this end, a qualitative study was carried out in a digital environment, using life narratives as a method. The results were analyzed and divided into the following sections: paternity as responsibility; care beyond financial provider issues; self-recognition of paternity as a process; personal experience of fatherhood; articulation of political agendas; when fatherhood becomes a "business"; community representation of people with disabilities, black, LGBT, single-parent women and men; and hates, criticisms and negative reactions. It is concluded that the reflection on the experience of fatherhood/masculinity itself, crossed by social markers of difference (disability, race/ethnicity, sexual orientation) and the activism for rights that support the production of content. This is because these men-fathers produce and articulate dialogues with other political agendas, which predate the paternity agenda. Thus, the uniqueness of each paternity is highlighted, because the fact of being black, gay, a person with a disability builds the particular paternity experience of each man. Instagram has been the scene of intense debates about paternity in Brazil in recent years, however, the changes are still not enough, as the advance of conservatism and the Covid-19 pandemic have deepened the inequalities and oppression suffered by subaltern groups.

Keywords: Paternity. Masculinity. Political Activism. Social Media. Intersectional Framework.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MARCO TEÓRICO	18
2.1 APONTAMENTOS INICIAIS	18
2.2 MASCULINIDADES E PATERNIDADES: UM OLHAR PELOS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA	19
2.3 GÊNERO E TRABALHO DE CUIDADO	25
2.4 MÍDIAS SOCIAIS: ENTRE ATIVISTAS E INFLUENCIADORES DIGITAIS	29
3. PERCURSOS METODOLÓGICOS	36
4. ANÁLISE DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
4.1 DA PATERNIDADE GENÉRICA ÀS PATERNIDADES SINGULARES: EXPERIÊNCIAS SOCIALMENTE MARCADAS	50
4.2 DA EXPERIÊNCIA PESSOAL AO ATIVISMO: PERCURSOS NAS MÍDIAS DIGITAIS	86
4.3 COMPROMISSOS ÉTICOS E POLÍTICOS COM CAUSAS SOCIAIS	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM HOMENS-PAIS QUE CRIAM CONTEÚDO NO <i>INSTAGRAM</i>.....	127
ANEXO II – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.	130
ANEXO III – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	134
ANEXO IV – PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE CONTAS DE HOMENS-PAIS NO <i>INSTAGRAM</i> EM 19/06/21	138

1. INTRODUÇÃO

O tema da paternidade tem sido foco das Ciências Sociais e Humanas desde os anos 1980¹. Entre 1987 e 1990 os debates sobre a paternidade estavam situados nos campos do Direito e da Psicologia, sendo estendidos na década de 1990, convertendo-se em tema de pesquisas também das áreas de Antropologia, Saúde Pública, Sociologia e Enfermagem, dentre outros. Nos anos 2000, a temática alcançou ainda outros campos, como o da Saúde Coletiva, Saúde da Mulher e da Criança, Filosofia, Comunicação e Neurociências².

Em uma revisão da literatura científica brasileira sobre a paternidade realizada por Campeol e Crepaldi³, evidenciou-se que o reconhecimento da sua relevância para o desenvolvimento infantil ainda é recente. Tal indício pode estimular a produção de novas pesquisas, dado que, se observa a necessidade de ampliar o alvo dos debates dos estudos brasileiros sobre as relações paterno-filiais em arranjos familiares não tradicionais. Transformações nos paradigmas sociais que orientam a participação dos pais nas tarefas parentais têm aumentado o envolvimento paterno⁴ e incidido na multiplicidade de configurações familiares, reconhecidas socialmente, como a família monoparental, recasada e homoafetiva. Arranjos familiares que englobam também a paternidade instituída por adoção e métodos de reprodução assistida³.

O tema da paternidade despertou meu interesse no curso de pós-graduação em Psicologia Hospitalar e da Saúde, quando tive a oportunidade de realizar uma capacitação na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes

Figueira (IFF/Fiocruz). A prática no setor despertou minha atenção para questões acerca da sobrecarga das mulheres-mães relativa à tripla jornada de trabalho – trabalho remunerado, trabalho doméstico e cuidado com as crianças – além da organização e planejamento das tarefas de casa. Dessa forma, evidencia-se o protagonismo materno e o papel secundário atribuído a participação paterna nos cuidados com o bebê.

Entretanto, a pandemia de Covid-19 e as medidas sanitárias de distanciamento físico se apresentaram como impasses ao desenvolvimento da pesquisa em serviços de saúde, gerando a necessidade de redefinir o desenho de estudo, que antes estava pensado para interações presenciais. Diante disso, a investigação em ambiente digital passou a se configurar como uma possibilidade neste cenário de isolamento social. As mídias sociais se tornaram além do campo de pesquisa, o objeto da mesma, já que, a partir da observação, propiciaram a constatação de vários perfis de homens-pais que produziam conteúdos sobre paternidades e de seus milhares de seguidores e seguidoras.

Nesse sentido, as experiências de paternidades não só se tornaram interesse de estudo de diferentes campos de conhecimento, como também tema de reflexão de homens-pais que utilizam as mídias sociais para vocalizar publicamente suas vivências de paternidade. A escolha do *Instagram*, como campo e objeto investigativo desta pesquisa se baseou em um levantamento realizado em dois momentos diferentes, em setembro de 2020 e em abril de 2021, de perfis que abordavam a temática da paternidade em diversas redes sociais. Observou-se que o número de seguidores e seguidoras era maior e cresceu mais no *Instagram*, em comparação ao *Facebook* e ao *YouTube*, o que, possivelmente, aumenta a produção para veiculação por meio dessa mídia. Além

disso, segundo uma pesquisa realizada pelo *site Opinion Box*⁵, o *Instagram* é uma rede social com mais de um bilhão de usuários ativos, com crescimento contínuo e o Brasil aparece em segundo lugar na lista dos países com o maior número de usuários dessa mídia.

Em um mundo cada vez mais conectado por meio da *internet* e das mídias digitais, um estudo feito pelo *site The Next Web*⁶ sobre o crescimento do número de usuários nas dez redes sociais mais usadas no mundo aponta que em 2011, o *Facebook* e o *YouTube* começam a disputar a primeira posição com 482 milhões de usuários em cada, enquanto o *Instagram* nem aparece na lista. Já em 2018, o *Facebook* e o *YouTube* se mantêm nas primeiras posições com 2,2 bilhões e 1,9 bilhão, respectivamente e o *Instagram* aparece na terceira posição, com 1 bilhão de usuários. Ou seja, em sete anos, o número de usuários dessas três redes sociais, quadriplicou.

O relatório anual produzido pelo *site WeAreSocial*, o "*Global Digital*"⁷, demonstra que 66% da população brasileira usa redes sociais, o equivalente a 140 milhões de usuários. O Brasil foi um dos países com maior aumento no número de usuários nas redes, com mais de 10 milhões de novos usuários. A plataforma digital *YouTube* se destaca com 133 milhões de usuários mensais, o *Facebook* aparece em segundo lugar com 130 milhões e o *Instagram*, em terceiro com 69 milhões de usuários. Pode-se observar que apesar de no Brasil o primeiro lugar ser o *YouTube* e não o *Facebook*, as três redes sociais mais populares no mundo são as mesmas no Brasil.

Desde os anos 2010, a fibra ótica possibilitou que uma enorme parcela de dados fosse trocada entre os usuários, ocasionando duas importantes transformações: a total mobilidade através dos dispositivos móveis e, sobretudo,

a produção de conteúdo por não especialistas. Isso pois, a partir da constituição de interfaces interativas e de diversos tutoriais, qualquer usuário poderia criá-lo e inseri-lo em plataformas colaborativas⁸.

O ativismo digital possibilita a agregação de diversas frentes de luta ao mesmo tempo, numa transversalidade de interesses e pautas, promovendo a conectividade de uma rede de agendas. Além disso, as redes sociais tornam possível, principalmente, uma maior propagação de ideias e mídias contra hegemônicas, o que amplia o conjunto de informações e recursos para a tomada de decisões⁹.

No tocante ao campo da saúde, a pandemia de Covid-19 gerou o aquecimento do debate fundamental sobre diversas desigualdades sociais, raciais e de gênero no Brasil. Além disso, revelou nossas feridas, pondo em evidência a cruel iniquidade da distribuição de renda no país, ceifando a vida de inúmeras de pessoas contaminadas pelo Sars-Cov-2. No Brasil, a pandemia vem atingindo sobretudo grupos historicamente excluídos por diversos eixos de opressão e subalternização social. Destaca-se o enfraquecimento da assistência em saúde sexual e reprodutiva, que pode resultar em gravidezes repentinas, abortos inseguros e mortes maternas, piorando condições sociais de vida de um grande segmento populacional¹⁰.

As mulheres foram impactadas de diversas maneiras, tais como, sobrecarga de trabalho doméstico, cuidado com filhos (com o fechamento de escolas e creches), cuidado de familiares doentes e/ou idosos, necessidade de obter renda para sobrevivência familiar, desemprego e exaustão física e mental. Ademais houve um incremento do debate sobre o racismo estrutural; a invisibilidade de grupos sociais que representam a força de trabalho formal e

informal; e a violência de gênero que aumentou em espaços domésticos, cometida por homens, que agredem e violam as mulheres, e no seu extremo, levando ao feminicídio¹⁰.

A equidade de gênero ^[1] se apresenta como uma agenda de grande relevância, sendo apontada como um dos objetivos presentes na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). O documento “Transformando o Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” é uma declaração produzida na Assembleia Geral da ONU em 2015, com o objetivo de orientar as ações tanto da comunidade internacional como de todas as pessoas nos próximos 15 anos. Os países signatários pactuaram a adoção de medidas inovadoras e transformadoras para impulsionar a paz, a justiça e um mundo mais sustentável e resiliente¹⁴.

O plano de ação assinala 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas, para eliminar a pobreza e viabilizar vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. O ODS 5 “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” perpassa ao longo de toda Agenda 2030 e expressa o crescente indício de que a igualdade de gênero tem efeitos multiplicadores no desenvolvimento sustentável. Ou seja, ela não é somente um direito humano fundamental, mas o alicerce essencial para a construção de um mundo pacífico, próspero e sustentável¹⁴.

^[1] O princípio da igualdade garante que todos devem ser tratados como iguais, segundo a lei¹¹. Por sua vez, o debate da equidade aponta para a problematização da diferença manifesta em desigualdade e da solução desta última através da igualdade de valor e de oportunidades, tendo em conta as diferenças e as singularidades de grupos e sujeitos¹². A equidade de gênero diz respeito não a toda diferença, e sim a diferenças que são julgadas injustas, ou seja, o reconhecimento de iniquidades está assentado em valores que tornam desiguais homens e mulheres em relação a importância social¹³.

Além disso, há um conjunto de políticas, programas e ações brasileiros que buscam abordar, sensibilizar e enfrentar os problemas de assimetria de gênero no tocante à parentalidade e cuidado. Algumas dessas iniciativas envolvem diretamente a questão da maternidade, da paternidade e dos cuidados com bebês e crianças, por exemplo, a Política Nacional de Atenção Integrada à Saúde da Mulher¹⁵, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem¹⁶ e a cartilha da Unidade de Saúde Parceira do Pai¹⁷.

Outra contribuição para a discussão sobre paternidade e equidade de gênero foi a do Instituto Promundo ao lançar o relatório “A Situação da Paternidade no Brasil – Tempo de Agir”¹⁸, no qual afirma que o assunto tem conquistado cada vez mais espaço na agenda pública global. O documento, que atualiza o primeiro relatório lançado em 2016, além de reunir informações disponíveis sobre a temática, tem a intenção de destacar a importância da contribuição dos homens na divisão igualitária do trabalho de cuidado infantil e doméstico para promover a equidade de gênero. Nesse cenário, o relatório aponta para o perigo de realizar debates acerca das paternidades sem uma leitura crítica sobre a desigualdade de gênero e sem pautar questões fundamentais para o movimento de mulheres, negro e LGBT.

Com o intuito de fazer uma primeira aproximação com o objeto de pesquisa, realizei um levantamento de contas no *Instagram* de homens que publicavam conteúdos acerca da paternidade (Anexo IV). Tais perfis me chamaram atenção pela diversidade de experiências de paternidades e pela articulação entre a agenda da paternidade e outras agendas específicas – como contra o racismo, homofobia, capacitismo e transfobia. Além disso, alguns perfis não eram pessoais, mas sim de coletivos, sugerindo a formação de uma agenda mais

ampla do que a paternidade baseada na experiência singular e individual de ser pai. A pesquisa foi realizada no dia 19 de junho 2021.

Pensando no campo científico brasileiro, existe um crescimento dos estudos sobre a paternidade na contemporaneidade³, entretanto, se considerarmos o enfoque da produção de conteúdo nas mídias sociais em relação às paternidades, ainda carecemos de estudos. Grande parte das pesquisas que relacionam paternidade e mídias sociais estão centradas nas associações entre fatores relacionados as famílias e o uso excessivo da *internet* por adolescentes. Esses estudos, em geral, exploram pouco as concepções sobre paternidade, masculinidade e cuidado dos homens-pais, sendo focalizado o cuidado de mulheres-mães.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender quais concepções sobre paternidade e cuidado sustentam a criação de conteúdo sobre paternidades/paternagem no *Instagram*. Seus objetivos específicos são: investigar as motivações dos homens-pais para a criação de perfil sobre paternidade no *Instagram*; analisar as concepções sobre masculinidade, paternidade e cuidado desses homens; e discutir as implicações dessas iniciativas para o ativismo por direitos, por exemplo, agendas antirracista, anticapacitista e antiLGBTfóbica^[2].

O presente estudo está dividido da seguinte forma: marco teórico; apresentação dos interlocutores, materiais e métodos; análise dos dados, resultados e discussão; considerações finais.

[2] Expressão usada pelo movimento social LGBT, que aglutina as diversas formas de violência enfrentadas por pessoas desse grupo social.

No marco teórico, exploram-se estudos que elegemos para embasar esta pesquisa: masculinidades e paternidades; marcadores sociais da diferença; divisão sexual do trabalho e trabalho de cuidado; mídias sociais; ativismo digital; influenciadores digitais.

O capítulo “Percurso metodológico” expõe a forma como este trabalho foi conduzido: uma pesquisa qualitativa, etnossociológica, em ambiente digital, pelo método das narrativas de vida, com uma exploração do campo, a partir de entrevistas semiestruturadas.

O capítulo “Análise dos dados, resultados e discussão” está dividido em três partes, que compõem os eixos temáticos que emergiram, a partir da construção do material da pesquisa de campo, em articulação com os marcos teóricos. A primeira tem início com as concepções de paternidade, masculinidade e cuidado. Em seguida, na segunda parte exploram-se as motivações para a produção de conteúdo digital e finalmente na terceira, as implicações para o ativismo por direitos. São eles: “Da paternidade genérica às singulares: experiências socialmente marcadas”; “Da experiência pessoal ao ativismo: percursos nas mídias digitais” e “Compromissos éticos e políticos com causas sociais”.

As “Considerações finais” marcam as principais questões desta dissertação, que surgiram após os meses em campo e as reflexões a partir do material exposto.

2. MARCO TEÓRICO

2.1 Apontamentos iniciais

À época da qualificação do projeto de pesquisa, foi realizado um levantamento da produção científica nacional e internacional sobre paternidade e *internet*, em diferentes *sites* de bases de dados informatizadas de acesso gratuito para busca de artigos científicos, o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e o *Public Medline* (PubMed).

Iniciou-se a primeira busca e seleção dos artigos científicos relevantes por meio da combinação dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Paternidade *and* Internet, Paternidade *and* Mídias Sociais, Paternidade *and* Web, Paternidade *and* Meios de Comunicação, Paternidade *and* Ativismo Político, Parentalidade *and* Internet, Parentalidade *and* Mídias Sociais, Parentalidade *and* Web, Parentalidade *and* Meios de Comunicação, Parentalidade *and* Ativismo Político, Relações pai-filho *and* Internet, Relações pai-filho *and* Mídias Sociais, Relações pai-filho *and* Web, Relações pai-filho *and* Meios de Comunicação, Relações pai-filho *and* Ativismo Político, Pai *and* Internet, Pai *and* Mídias Sociais, Pai *and* Web, Pai *and* Meios de Comunicação e Pai *and* Ativismo Político. Não foi utilizada delimitação temporal e/ou de localidade.

Nesse levantamento foram encontrados, no total, dois artigos relacionados ao tema, já excluídos aqueles que não possuíam acesso público gratuito ao texto completo, apareceram duplicados e/ou em mais de uma base. Contudo, nenhum dos artigos se aprofundou na discussão sobre paternidade nas mídias sociais.

Chama a atenção a escassa produção que relacione paternidade e ativismo político, não tendo sido encontrada nenhuma referência na busca com as combinações dos descritores desses temas.

Há uma extensa produção relacionada a mediação parental do uso de internet pelos adolescentes. Apesar da vasta literatura sobre monitoramento parental, poucos estudos enfocaram a relação pai-filho em particular, isso aponta para a lacuna existente entre as pesquisas a respeito da relação dos pais com as mídias sociais, não apenas ao nível nacional, mas também internacional. As pesquisas na Saúde Coletiva têm muito a agregar tanto aos conhecimentos de como essas iniciativas nas mídias sociais se produzem e impactam os modos de vida de seus seguidores e seguidoras, quanto a uma perspectiva crítica de transformação de discursos universalizantes, que desconsideram a pluralidade do exercício da paternidade.

2.2 Masculinidades e paternidades: um olhar pelos marcadores sociais da diferença

Desde o século XX, a vida familiar tem sido redefinida devido às transformações sociais, como a inserção feminina no mercado de trabalho, a ausência do pai em algumas circunstâncias, e, por outro lado, a maior participação masculina na vida doméstica¹. Essas transformações vêm se tornando tendência no século XXI, diante da constatação de seu crescimento, e vêm intervindo na formação de diferentes estruturas familiares, assim como a criação de diversas expectativas sobre os papéis dos pais¹⁹. Cabe ressaltar que

diversas mudanças familiares, culturais e históricas ocorridas na sociedade contemporânea converteram mais complexo e plural o papel do pai na família²⁰.

Em relação à delimitação do que seja paternidade, há diferentes enfoques nos diversos campos de conhecimento, com exceção do campo jurídico, que deve responder às demandas trazidas pelo exame de DNA, pelas tecnologias de reprodução assistida, pelos novos arranjos familiares e filiação, entre outras questões que dizem respeito à parentalidade²¹. Nesse contexto, com enfoque no campo da Saúde, observa-se uma visão mais ampla do que se trata a paternidade escapando da visão clássica do pai provedor e chefe da família, o que torna possível pensá-la de forma múltipla¹.

A paternidade é um tema cada vez mais frequente nos estudos, partindo de diferentes focos e modos de pesquisar²². A paternidade mostra-se como uma vasta possibilidade de pesquisa, principalmente partindo de um olhar que não toma como naturais noções que são socialmente construídas. Antes atrelada à divisão sexual do trabalho, se ligava à capacidade de prover financeiramente a família, independentemente da relação do pai com seus filhos e filhas.

Contudo, assim como se parte de diferentes focos e modos de pesquisar, há também uma diversidade na forma de exercer a paternidade. Por isso, assim como as masculinidades, o mais adequado a se falar é de paternidades no plural²³. Sendo assim, os diferentes discursos sobre paternidade (os mais tradicionais e os mais contemporâneos) configuram um campo de disputa cotidiano²⁴. Seguindo nessa perspectiva, é perigoso o caminho no qual se opõe dois modos de ser pai - o participativo, aquele que cuida, uma essência a ser alcançada, *versus* o tradicional, ausente dos cuidados, pois, podemos cair em uma nova dicotomia, tendo como divisor de águas a questão do cuidado²⁵. É

importante ressaltar que esses modelos coexistem e estão em constante disputa.

Refletir sobre paternidades implica também pensar sobre masculinidades. De que homem estamos falando? A paternidade mostrou-se concebida como fundamental para uma determinada masculinidade: a dos homens casados e heterossexuais. A dos homens não casados, por outro lado, pode basear-se na falta de responsabilidades, liberdade sexual e acesso a várias mulheres. Já a de homens homossexuais e trans, ainda que sejam cada mais visíveis, seguem esbarrando nos mandatos da cultura cisheteronormativa¹⁻²⁶.

Permanece presente um modo de ser homem específico - trabalhador, heterossexual, pai de família, casado, com filhos²⁷. Esse ponto chama atenção, considerando a importância das sexualidades não hegemônicas, de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros – enquanto movimento, na visibilidade e na conquista de garantias legais para o exercício de outros modos de viver a masculinidade – e a paternidade²².

De acordo com Connell (1995, p. 188): “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”²⁸. Geralmente, coexistem mais de uma configuração em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em razão desse entendimento, tem se tornado habitual falar de “masculinidades”. Isto é, o enfoque recai sobre aquilo que as pessoas realmente fazem, não naquilo que é imaginado ou esperado; na racionalidade e significado histórico da ação e na referência não só às relações sociais, mas também aos corpos masculinos.

“Fazer um filho” confirma a virilidade heterossexual conferida à masculinidade. Desta forma, a orientação sexual heterossexual é entendida

como atribuição da paternidade e da masculinidade²⁹. Entretanto, a paternidade não é entendida apenas como “fazer filhos”, ela está associada também à capacidade de sustentá-los e educá-los. Essas responsabilidades colocam o trabalho remunerado dos homens como referência essencial nas concepções sobre paternidade e masculinidade, sobretudo a hegemônica¹.

É necessário recordar que a relevância dada à família nuclear formada por pai, mãe e filhos, e à filiação baseada no casal heterossexual tem uma historicidade. A naturalização desse modelo de família produz a crença de que a criança só pode ter um pai e uma mãe que encerrem na mesma pessoa o biológico, o parentesco, a filiação e os cuidados de criação. Uma relação que nos aparenta tão natural, que nem julgamos tratar-se de uma ordem social segundo o que nos concede a natureza¹.

Além disso, um determinado padrão de masculinidade hegemônica está sujeito a ser questionado ou ser transformado no decorrer do tempo. Contudo, a posição dominante dos homens na ordem do gênero promove vantagens materiais assim como vantagens psicológicas e isso possui um custo material²⁸. Nos países capitalistas, o acesso político, a renda média, o controle da riqueza empresarial e dos meios de violência são notadamente maiores pelos homens em comparação as mulheres e a distância entre os mesmos vem crescendo.

Ainda que os homens, geralmente, se favoreçam com os benefícios na hierarquia de gênero, grupos específicos de homens ganham muito pouco com eles. Por exemplo, os jovens de classe operária, economicamente desprovidos por conta do desemprego estrutural, podem não ter nenhuma vantagem em comparação às mulheres em suas comunidades. Outros grupos de homens –

gays e negros, com as mulheres, custeiam a manutenção de uma ordem de gênero não-igualitária²⁸.

À vista disso, refletir sobre a diferença considerando uma perspectiva interseccional, pode auxiliar na compreensão de como e porque diversos grupos subalternizados – homens-pais pretos, homossexuais, com deficiência - têm reivindicado atenção diferenciada a suas demandas identitárias de acesso a direitos e garantia de cidadania³⁰.

É na intersecção dos marcadores sociais da diferença que se produzem opressões específicas à pessoas ou grupos e que podem ser construídas diferentes modos de resistência. A pessoa é indivisível em cada situação singular, o que pressupõe que as opressões a afetam de forma combinada, coincidindo e reforçando-se reciprocamente na produção das desigualdades sociais. Portanto, a Interseccionalidade é um conceito analítico que pode contribuir ao possibilitar a leitura e interpretação da realidade de modo a melhor atuar sobre ela visando a sua transformação³⁰.

Compreende-se que os marcadores da diferença dizem respeito a um conjunto de valores construídos socialmente de variáveis, como, por exemplo, gênero, raça/etnia, sexualidade, classe, deficiência, entre outros, que operam nos processos de diferenciação social e de posicionamento dos sujeitos na estrutura social³¹.

Essa abordagem teórica emerge, nos Estados Unidos durante os anos 1980, como uma crítica ao feminismo em vigor, dirigido, conforme formularam distintas autoras, para as mulheres brancas, heterossexuais, de classe média, anglófonas e protestantes. Estes discursos periféricos se articulam também para apresentar uma epistemologia crítica possível de superar as limitações teóricas explícitas

nos binarismos homem/mulher, masculino/feminino, homo/hétero, tidos como essencializadores e biologizantes. O feminismo da diferença busca ressaltar que o sujeito é social e culturalmente formado em redes discursivas nas quais, gênero, raça, sexualidade, geração, nacionalidade e religião não são variáveis isoladas, se entrecruzam de modo que o eixo de diferenciação constitui o outro ao mesmo tempo, em que é constituído pelos demais. Essa discussão perdura e no final da década de 1990 já detém um escopo relevante de reflexões³².

Propõe-se a utilização de três contribuições teórico-conceituais feitas pela feminista e socióloga indiana Avtar Brah. A primeira é considerar a articulação dos marcadores sociais da diferença como prática, como um movimento transformador de configurações relacionais. Diferentemente, das proposições feitas pelas grandes teorias, como o marxismo, que deu enfoque à classe em prejuízo de outros marcadores; ou alguns feminismos que descobrem no gênero um poder explicativo que reduzia outros eixos de diferenciação constitutivos dos sujeitos³². A segunda é a importância de se compreender as experiências como constitutivas dos sujeitos e não o inverso. A experiência tomada como “processo de significação”³³ (Brah, 2006, p. 360) nos possibilita abordá-la como “lugar de formação do sujeito”³³ (Brah, 2006, p. 361).

E por fim, de tratar a diferença como uma ferramenta analítica, plausível de oferecer elementos que, além de descritivos, consigam colaborar na articulação dos níveis micro e macrosocial. Desse modo, com o intuito de refletir quais são os processos que marcam certos indivíduos e grupos como distintos, e como, com base na experiência da diferença, enquanto desigualdade, os sujeitos se constituem subjetivamente³².

Para que o gênero seja compreendido em toda a sua dimensão descritiva e analítica, é necessário ser entendido em suas imbricações com raça. Por sua parte, raça não se dissocia simplesmente de um pertencimento de classe e das concepções sobre sexualidade, corpo, saúde, mulher ou homem, existentes de forma relativamente sistematizada nos diferentes grupos sociais³².

Dessa forma, a paternidade é aqui concebida como uma construção social que acompanha o caráter flexível das diversas posições identitárias. Com o intuito de compreender como se constroem os percursos e as intersecções da construção identitária interseccionada de homens-pais, pode ser instigante refletir sobre a diferença e sua expressão social mais cruel, a desigualdade, vigente em todos os âmbitos da vida social, inclusive nos cuidados parentais.

2.3 Gênero e trabalho de cuidado

Em nossas sociedades, a família é a instituição que primeiramente atende às necessidades de cuidado de seus membros³⁴. Logo, isso tem sido abordado como um assunto particular em torno do qual os grupos familiares são organizados. A atribuição das mulheres ao espaço doméstico e as responsabilidades que isso provoca, frequentemente expressam a falta de autonomia feminina, sua exclusão dos espaços de participação política e sua identidade no sentido de ser-estar para os outros e não para si³⁵.

O envolvimento dos homens-pais nos cuidados, cuidados parentais e tarefas domésticas é um ponto crucial para a igualdade de gênero e o desenvolvimento infantil³⁶. Entretanto, na América Latina, as mulheres dedicam mais tempo do que os homens aos cuidados da casa³⁷. Nesse sentido, as políticas

corroboraram com o papel de cuidadoras das mães e provedores econômicos dos pais. Desde muito tempo, cada vez mais mulheres começaram a trabalhar remuneradamente, contudo, ainda dispensam mais tempo ao cuidado e seus empregos são mais precários³⁸. Não obstante, o progresso na legislação e nas políticas, a ordem de gênero parece resistente à mudança ou a faz muito lentamente.

Assume-se que as novas gerações de homens são compostas por “novos pais” que buscam afastar-se do modelo autoritário que caracterizou a geração anterior. O discurso sobre o “pai envolvido” foi inserido na cultura popular, na mídia, nas casas e nos próprios pais, através de imagens em propagandas e personagens de novelas. Principalmente no caso dos pais, há uma expectativa que os jovens sejam pais presentes, próximos e amorosos, divergindo do pai provedor econômico e emocionalmente distante das gerações passadas, mesmo que esses novos pais ainda sejam exigidos a ser bons provedores³⁶.

De modo geral, percebemos um esforço em implementar uma noção de que homens podem cuidar, devem cuidar, e que o cuidado dos filhos faz bem a eles. Em um estudo com homens e o direito do pai em ser acompanhante no pré-parto, parto e pós-parto ressalta-se que a experiência do cuidado não é somente sinônimo de privações e obrigações, mas pode também ser vivida como algo prazeroso na vida de homens e mulheres³⁹.

O conceito de cuidado é aqui entendido, em consonância com Figueroa Perea e Flores Garrido (2012, p. 12), “como uma série de práticas que se realizam para satisfazer as necessidades (de caráter físico ou emocional) de outras pessoas”³⁴. Tal concepção nos leva a refletir sobre os modos em que as sociedades se organizam em diferentes contextos de modo a satisfazer as

necessidades dos indivíduos que as conformam, para se cuidar e ser cuidados, ou seja, podemos interrogar como se define e distribui o cuidado, qual é seu *status*, quem o realiza, como se interpreta, com quais recursos se conta, dentro de quais marcos valorativos se situa, etc.

Desse modo, é inegável que o cuidado abrange certas tensões tanto em sua definição teórica, como na maneira que é feito e distribuído em diferentes contextos. Sendo assim, é oportuno colocar-se em uma posição que ultrapasse as visões dicotômicas de interpretação sobre essas atividades. Isto é, nem sempre podem ser reconhecidas como práticas de servidão e falta de autonomia, tampouco devem cair no extremo da romantização e de uma postura acrítica que se aproxima dos essencialismos³⁴.

O cuidado deve responder a dois aspectos fundamentais: que a pessoa se interesse pelo bem-estar dos outros e que realize alguma ação direcionada nesse sentido. Isto é, não é o bastante ter uma disposição, essa deve ser pautada em atividades específicas orientadas a satisfazer algumas necessidades externas a si mesmo³⁴. Assim, os autores alertam que se o interesse com o bem-estar do destinatário for verdadeiro, não deve existir o modo de interação em que a pessoa disposta a cuidar acredite somente em seus juízos, critérios e convicções para delimitar o que o outro, demanda. Essa situação seria tanto instrumentalmente inapropriada, pois, a percepção errônea conduzirá ao cuidado inadequado que não atenderá a proposta inicial de melhorar o bem-estar da pessoa cuidada, como também pode se configurar uma forma de opressão do cuidador-receptor, posto que anularia a autonomia e agência de quem é cuidado³⁴.

Com o objetivo de diminuir esse risco, os teóricos sobre o cuidado do ponto de vista ético recomendam que seja feito através de um exercício que possui alguns aspectos essenciais: ampla capacidade de empatia, confiança e diálogo frequente⁴⁰. Logo, as necessidades de quem necessita de cuidados são transmitidas e atendidas através de interações sociais que procuram um caráter horizontal e não opressor de poder entre ambas as partes. Além disso, requer que os cuidadores realizem julgamentos e tomem decisões, considerando o contexto como a situação dos agentes e que a ideia do Outro concreto prevalece sobre a noção do Outro abstrato e universal³⁴.

A associação entre cuidado e gênero é notória em nossas sociedades, em que perdura uma divisão sexual do trabalho que confere às mulheres os espaços domésticos e as tarefas reprodutivas e de cuidado sobretudo às mães e esposas. Ao defini-la como um conjunto de práticas sociais, torna-se inegável que cada cultura estabelecerá a maneira como ela é realizada, por quem e em que campo de interpretação³⁴. Por outro lado, o trabalho realizado no mercado em proveito de uma remuneração financeira, imprescindível à satisfação das necessidades e desejos dos familiares, é uma função principalmente masculina.

A despeito disso, nota-se algum avanço, ainda que lento, na direção da corresponsabilidade, sobretudo nas famílias que possuem pelo menos dois provedores econômicos³⁶. Todavia, as mulheres, ainda que nesta forma familiar, permanecem a se concentrar mais nos assuntos parentais e domésticos do que os homens⁴¹. Cabe ressaltar que existem distintos arranjos familiares, cada vez mais recorrentes e visíveis, em que o pai é o responsável pelos filhos. Existem casais heterossexuais que contestam a ordem tradicional de gênero em que o pai é o cuidador principal e a mãe é a provedora. Há também os casais de

homens que criam filhos, que põem à prova a noção de que o cuidador principal deve ser uma mulher⁴².

Dessa forma, pensar sobre o cuidado é fundamental para conjecturar novos modelos sociais, nos quais o bem-estar dos cidadãos seja ressignificado para assumir a interdependência que existe entre eles, a relevância do cuidado em suas diferentes variantes e a possibilidade de que essas práticas sejam exercidas por homens e mulheres, em igualdade de condições, *status*, apreciação e prazer³⁴.

O cuidado de qualidade para as crianças e para outros integrantes da família é indispensável. A procura por mais igualdade na divisão do cuidado está diretamente relacionada a garantia de melhores condições de trabalho, emprego digno, remunerações justas, capacitação e outras ações efetivas de redução da pobreza, sobretudo por dever do Estado. A justiça e a igualdade econômica constroem a estrutura fundamental de uma sociedade democrática, além de serem as condições primordiais para alcançar os níveis igualitários de cuidado¹⁸.

2.4 Mídias sociais: entre ativistas e influenciadores digitais

Não vivemos em uma realidade distinta do universo digital, e sim em um único mundo, onde não cabe mais separações entre o real e o virtual, *online* ou *offline*; supor desse modo dicotômico é permanecer “vivendo no século XX”⁴³. Desde já se fala sobre uma era do pós-digital, em que tudo está conectado e interligado, não havendo, dessa maneira, mais fronteiras ou idiomas que impossibilitem a interação entre os povos.

Vivenciamos período em que todos somos atores em potencial da ação política digital, basta apenas que nos identifiquemos com uma causa. A militância começa a ser organizada por intermédio de fóruns, grupos de discussão sobretudo em *Facebook* e *WhatsApp*, e rapidamente passeatas tomam conta das ruas com palavras de ordem relativamente combinadas, trajeto pré-estabelecido, regras mínimas de conduta dos participantes já discutidas. A ação política não compete mais aos grandes centros regionais, tampouco são centralizadas, visto que qualquer cidadão pode fazer suas reivindicações⁴³.

O ativismo digital possui extensa capacidade de agregar, convocar as massas, atuar nas ruas e tem um caráter complementar ao ativismo presencial. Além do mais, possibilita congregar diferentes frentes de luta simultaneamente, numa transversalidade de interesses e pautas, permitindo a conectividade de uma rede de agendas⁹.

É evidente que o acesso a informações que anteriormente não tinham entrada para circular nas mídias dominantes possibilita a elevação e qualificação do debate político, crescendo as possibilidades do controle social sobre o uso de verbas públicas e sobre decisões políticas relativas à implementação de respostas para os problemas. Ainda permite o trânsito de expressões identitárias, modos de sexualidade, corporalidade e moralidades distintos dos “estabelecidos”, propondo outras agendas micro e macropolíticas em saúde⁹.

Esta dinâmica de arranjo instantâneo de manifestações torna-se ainda mais acelerada com a transição da *internet* apoiada em *PCs* e *laptops* para *smartphones* e *tablets*. A partir do declínio constante dos preços de smartphones e acesso à *internet* tendo se tornado padrão de mercado, qualquer pessoa passou a ser capaz de publicar denúncias em tempo real, acompanhar ao vivo

manifestações pelas ruas e disseminar notícias, em suma, ser provedor de conteúdo político⁴³.

Entretanto, até mesmo os *blogs*, diários virtuais em que alguém individualiza a fala, com função de reunir iniciativas políticas ainda hoje, toda a ação política virtual é inevitavelmente coletiva, com todos os espaços de interação sendo coletivos e alimentados por qualquer pessoa. *YouTube*, *Facebook*, *Instagram*, entre tantos outros são utilizados frequentemente para a articulação dessa nova geração de ativistas em que qualquer internauta pode ser um ativista, mesmo por uma ação somente, sem empregar todo seu tempo⁴³.

Deste modo, uma pessoa que compartilha textos e vídeos em redes sociais, alinhados com sua ideologia está tanto inserindo um grande fichamento do que necessita sobre aqueles temas como pode estar auxiliando para a formação política de seguidores e seguidoras. Logo, surgiram em fóruns, discordâncias, à intitulação “militância de sofá”, daqueles que questionam muito sem ir às ruas, contudo, se articulam bem o que fazem, são capazes de estar disseminando informações de forma eficiente⁴³.

Os debates fomentam um movimento potente, que mobiliza um devir político, além de contribuírem e fortalecerem a expressão de novos atores. Essa circulação de informações, expressões vivenciais e opiniões qualifica o debate político, embora haja o perigo de intensificar a intolerância em torno de “comunidades de iguais”⁹. Ou seja, considerando tanto o maior trânsito de informações por diferentes atores, quanto a transversalidade de interesses e pautas é possível que o ativismo digital contribua para o debate político não apenas da equidade de gênero, como também paute o racismo, a homofobia, o capacitismo e a transfobia, por exemplo.

Por outra perspectiva, a estruturação das plataformas digitais não viabiliza um debate tão expressivo entre pessoas com opiniões contrárias. As associações algorítmicas nos induzem a ver mais constantemente as postagens de quem já exibimos alguma afinidade ou interesse, por meio das “curtidas”, “comentários” ou envio de “emoticons”, nos orientando a transitar no espaço de “iguais”⁹. Desse modo, cada vez menos praticamos o diálogo, a enunciação de argumentos para o convencimento e a escuta respeitosa dos que divergem de nós. Há uma limitação desse campo de influências que se refere à disposição dos regimes políticos em escutar outras vozes, seja das ruas ou da *internet*. É inegável que essa abertura é também circunstancial e maleável, pode estar aspirando interesses próprios, como apoio popular.

Nessa direção, tomando como foco a América Latina, casos de ciberativismo são múltiplos, com as redes sociais digitais em destaque num continente que demonstra resistência a partidos políticos fragilizados e desigualdade social⁴⁴. Ao nível de exemplificação, Sorj e Fausto⁴⁵, examinaram 19 mobilizações políticas em seis países latino-americanos. Os autores constataram que apesar desses movimentos sociais possibilitarem uma comunicação mais horizontal, em contrapartida, a organização ocorre de modo a não propiciar um debate argumentativo, com as já habituais simplificações e polarizações da *internet*. O algoritmo das redes sociais digitais, como o *Facebook*, também auxilia nesse processo, posto que a partir de curtidas, compartilhamentos e outras ações, somos direcionados para determinados conteúdos em detrimento de outros.

Dessa forma, temos uma conjuntura que favorece a participação dos sujeitos. Um contexto conhecido pelo impacto da inserção de amadores como produtores, em que não necessitamos mais pedir auxílio ou autorização a

profissionais para expressar as coisas em público⁴⁶. No entanto, vivemos em uma sociedade em que a imagem de si, é cada vez mais ressaltada. O fazer ver⁴⁷ é reforçado com a promessa de ver e ser visto em espaços e tempos diferentes⁴⁸. Assim, participar está justamente associado a mostrar-se, romper com a dicotomia entre o público e o privado⁴⁹. De modo geral, esse é o contexto que sustenta o surgimento de novos perfis profissionais como o de blogueiro e, posteriormente, o de influenciador digital⁵⁰.

O termo influenciador digital – e sua tradução anterior em língua inglesa, *digital influencer*, começou a ser utilizado mais frequentemente, no Brasil, desde 2015. Um dos motivos centrais pode estar relacionado a chegada de novos aplicativos na área de produção desses profissionais que deixaram de se restringir a somente uma plataforma – apenas o *YouTube*, no caso dos vlogueiros; ou apenas o *blog*, no caso dos blogueiros⁵⁰. Considerando as múltiplas plataformas em que os influenciadores atuam, nomear-se como blogueiro (relativo apenas ao *blog*), não seria o bastante para definir a sua atuação.

O discurso que transita defende que os influenciadores são aqueles que possuem algum poder tanto no processo de decisão de compra de um sujeito, quanto de pôr discussões em movimento e de influenciar em decisões relativas ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede. Nesse sentido, evidencia-se que há sempre produção de conteúdo. Isso se refere a uma condição imprescindível para ser considerado um influenciador, neste cenário. Cabe ressaltar que na produção de conteúdo, não há uma análise valorativa. Esse conteúdo abrange desde fotos “amadoras” para o *Instagram*,

posts em *blogs*, montagens divertidas no *Facebook*, até vídeos com edição profissional, textos especializados, etc.⁵⁰.

Falar de influenciadores digitais, na forma que observamos atualmente, revela a nossa sociedade atual, com todas suas características sociais, econômicas e tecnológicas que ampara o surgimento desses novos profissionais⁵⁰. Atualmente, o termo é extensivamente disseminado pela mídia e presente nas discussões cotidianas. Contudo, as modificações não dizem respeito somente ao uso do termo mais inovador do momento, indica a existência de enunciados em circulação – embora notoriamente dispersos. Sendo assim, cada uma dessas transformações, retrata práticas e dinâmicas, mudanças no mercado em que os influenciadores estão inseridos. Além disso, representa o capital social de suas relações e o poder de influência sobre a mídia tradicional⁵⁰. Por certo, influenciador não é somente um nome.

Logo, o avanço do termo não anula os termos anteriores e definições já formuladas ainda que estas façam alusão a fenômenos distintos. Além do mais, na realidade, um influenciador digital, embora não tenha sido blogueiro em nenhum momento de sua profissionalização, deve a institucionalização de seus conhecimentos aos blogueiros, por exemplo⁵⁰. O termo influenciador não exclui dinâmicas dos antigos vlogueiros ou blogueiros, não configura, obrigatoriamente, uma inovação em matéria de práticas de comunicação e sim, uma expansão das possibilidades de atuação. Essa postura, no que se refere a teoria, impede que o foco nos modismos provoque o não aprofundamento das questões e um aniquilamento da compreensão histórica, atribuindo a uma determinada parcela um traço “inovador” que possivelmente já foi observado em outras condições em relação a algum objeto⁵¹.

Nessa perspectiva, um influenciador pode ser tanto aquele que incita debates ou agenda tópicos de discussão em nichos, bem como aquele que influencia na compra de um lançamento de determinada marca. Nos dois casos, é fundamental atravessar um processo de construção e manutenção de reputação⁵⁰. Nas palavras da autora:

“tornar-se um influenciador digital é percorrer uma escalada: produção de conteúdo; consistência nessa produção (tanto temática quanto temporal); manutenção de relações, prestígio em uma comunidade e, por fim, influência” (Karhawi, 2017, p. 14)⁵⁰.

3. PERCURSOS METODOLÓGICOS

O presente estudo propôs o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa de abordagem socioantropológica em ambiente digital, com homens-pais que produzem conteúdo digital a respeito da paternidade no *Instagram*, visando compreender as concepções de paternidade e cuidado que sustentam a criação de conteúdo, a partir de suas experiências.

No processo de elaboração do projeto de pesquisa, minha prática como psicóloga clínica e hospitalar, atuante em unidade neonatal atendendo também homens-pais, trouxe questões para pensar o contorno metodológico. Como lidar com as vantagens e desvantagens da familiaridade com o público? De que forma realizar o exercício do estranhamento, sem que o esse movimento nos leve a pretensão de um olhar “neutro”? Foi a partir desses questionamentos que busquei nas ciências sociais, especialmente na antropologia, pistas metodológicas⁵². Deste modo, escolhi a narrativa de vida, posto que o seu intuito é estudar um fragmento particular da realidade sócio-histórica⁵³, com uma exploração do campo, realizando entrevistas individuais e/ou em dupla.

O campo de estudos foi a rede social *Instagram*, sendo selecionados seis perfis públicos criados por homens-pais que produzem conteúdo sobre paternidade, são eles: @paiderodinhas (Sérgio), @paispretos (Humberto), @papai_e_papia (André), @rafaelnoris (Rafael), @paternidadesequitativas (Daniel) e @2depais (Gustavo e Robert).

Todo o trabalho de coleta de informações e materiais para o estudo ocorreu entre os meses de outubro de 2021 e janeiro de 2022. Nesse período, acessei os perfis em diferentes horários e dias da semana. A minha entrada em campo

foi fácil, uma vez que possui recursos tecnológicos, acesso à *internet* e conta pessoal na plataforma social, além das contas serem públicas, ou seja, qualquer pessoa – com um celular/computador com acesso à *internet* - pode ver os perfis e suas publicações.

As entrevistas individuais ou em dupla foram realizadas com homens-pais, que produzem conteúdo digital público sobre paternidade no *Instagram*. O critério de inclusão na pesquisa foi ser homem, pai – biológico ou não, com 18 anos ou mais, produtor de conteúdo a respeito do tema da paternidade na mídia social *Instagram*, durante o período de construção dos dados. A seleção dos participantes se deu por produções de conteúdo que discutissem paternidades, a partir dos marcadores sociais de orientação sexual, raça e deficiência ou que abordassem agendas para além da paternidade.

Todas as entrevistas ocorreram após o consentimento verbal ou escrito dos interlocutores em participar da pesquisa, sendo enviado aos mesmos o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE). Nenhum dos participantes solicitou anonimato de sua identificação, possivelmente por possuírem contas públicas. A proposta era realizar entrevistas semiestruturadas e dialogadas, divididas em dois blocos de perguntas - comum e específico. No primeiro, continha duas perguntas e no segundo, uma pergunta específica para cada homem-pai. De modo a motivar os participantes a discorrerem sobre os temas de interesse do estudo, foi utilizada uma pauta com tópicos que poderiam disparar os relatos (Anexo I). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra por mim, para posterior análise.

Os dados foram obtidos por intermédio de entrevistas narrativas de modo remoto e síncrono com os participantes, sendo utilizada a chamada de vídeo

pela plataforma *Google Meet*, por ser um programa de fácil acesso (via *smartphone*, computador ou *tablet*), sendo necessária apenas a criação de uma conta gratuita no *Gmail*. Cada entrevista teve duração aproximadamente de uma hora cada. Em cinco dessas entrevistas participaram apenas um homem-pai e em uma, estiveram presentes dois homens-pais, que juntos produzem conteúdo para o mesmo perfil. Durante as entrevistas, os participantes estiveram em locais como escritório, quarto ou varanda, de seus domicílios, hotel ou pousada. Utilizaram-se de celular ou computador e fones de ouvidos. Algumas foram interrompidas por momentânea falha na conexão ou por alguma outra questão urgente que surgiu no momento. As etapas procederam da seguinte forma:

1 – Foi realizado o convite para participação da pesquisa através de mensagem privada no *Instagram*. Na mensagem, fiz uma breve apresentação sobre mim, informei o objeto, objetivos da pesquisa, o modo como a entrevista ocorreria, e por fim, realizei o convite. O conteúdo da mensagem foi o mesmo para todos os participantes. Enviei mensagem para cinco perfis pré-selecionados e fui respondida por três. Como não recebi resposta por mais de duas semanas dos outros dois perfis, enviei *e-mail* com o convite. Sendo respondida apenas por um, aceitando participar da pesquisa. Entretanto, ao questioná-lo sobre sua disponibilidade de dia e horário para a entrevista, não obtive resposta.

Fiz tentativa de contato com mais três perfis, que abordam o tema da paternidade com o marcador de pertencimento da transexualidade, enviando o convite por *Instagram*. Apenas um me respondeu demonstrando interesse em participar da pesquisa e solicitando o contato através do *WhatsApp*. Contudo, não obtive resposta no contato por essa plataforma. Constatou-se que houve uma dificuldade na aceitação da participação na pesquisa por parte dos homens-

pais transexuais. Uma possibilidade que nos ocorre sobre essas recusas é a desconfiança que esses sujeitos têm sobre questões éticas relacionadas a pesquisas acadêmicas com população trans, especificamente de pesquisadores/as cis gêneros/as²⁶.

Foi realizada mais uma tentativa de contato com mais três perfis da rede social em questão, dessa vez com pautas sobre monoparentalidade masculina, equidade de gênero e homossexualidade, respectivamente. Os três aceitaram participar da entrevista, que foi agendada através do *WhatsApp*, após disponibilizarem seus contatos.

2 – Após confirmação, enviei o RCLE por *WhatsApp* ou *e-mail*, a depender da preferência do interlocutor. Foi orientado que o participante lesse, tirasse as dúvidas que porventura tivesse e se estivesse de acordo, poderia imprimir, assinar e me enviar por *e-mail* ou afirmar que leu, entendeu e concorda em participar da entrevista, até o momento da mesma.

3 – As entrevistas foram agendadas em comum acordo com o entrevistado. Ao iniciar as mesmas, com o consentimento dos participantes e para uso exclusivo da pesquisa, as entrevistas foram gravadas em formato de áudio, sendo garantido o não compartilhamento do material gravado e seu armazenamento seguro.

4 – Ao final da entrevista, combinei o retorno para a devolução do que fosse produzido na pesquisa.

5 – Realizei registros em meu diário de campo sobre minhas impressões dos encontros ao final de cada entrevista.

Sérgio (@paiderodinhas) foi o primeiro que me respondeu através da mensagem privada, poucos minutos depois do convite, confirmando sua

participação e solicitando que eu entrasse em contato via *WhatsApp*. O perfil @paispretos, que respondeu no dia seguinte, solicitou formalização do convite por *e-mail*. Após envio e sem resposta por seis dias, enviei uma mensagem privada para confirmar o recebimento do *e-mail*. Fui respondida que seria verificado. Três dias transcorridos sem resposta, mandei outra mensagem perguntando se havia recebido meu *e-mail*, quando fui direcionada para enviar para outro endereço de *e-mail*. Após realizar a ação, recebi confirmação de recebimento e retorno de que entrariam em contato comigo no dia seguinte. Recebi mensagem por *WhatsApp*, no dia combinado, procedendo o agendamento da entrevista.

O terceiro perfil que me respondeu, sete dias depois, foi @papai_e_papia, confirmando o interesse em participar da pesquisa. A marcação da entrevista, nesse caso, ocorreu através do *Instagram*. O quarto homem-pai entrevistado foi o Rafael (@rafanoris), que me respondeu em poucos minutos já informando sua disponibilidade para a entrevista. Procedemos a marcação da mesma através do *WhatsApp*.

O quinto perfil a confirmar seu interesse na pesquisa foi o @paternidadesequitativas, criado por Daniel. O contato foi realizado diretamente por *WhatsApp* por ter recebido indicação para entrevistá-lo. Como o convite foi feito próximo às festividades de fim de ano, foi agendado para a primeira semana de janeiro. O último perfil a aceitar participar da pesquisa foi o @2depais, criado por Gustavo e Robert. A comunicação se deu exclusivamente com Robert, que respondeu prontamente em minutos e pediu que agendássemos via *WhatsApp*. No dia da entrevista, os dois estavam disponíveis, por isso, a mesma ocorreu com ambos, que estavam em cidades diferentes no momento.

A seguir apresento os dados sociodemográficos colhidos nas entrevistas com os homens-pais citados anteriormente.

Nome	Idade	Cor/ etnia	Estado civil	Orientação sexual	Deficiência	Local de moradia	Religião	Escolaridade	Ocupação/Profissão	Filhos	Tempo de produção de conteúdo
Sérgio	54	Branco	Casado	Heterossexual	Sim. Física. Tetraplegia. AME tipo 2	Amparo, SP	Espírita	Superior completo	Artista plástico aposentado; ativista	Uma (11a)	<i>Facebook</i> 7- 8 anos e <i>Instagram</i> 5 anos, aproximada mente
Humberto	40	Preto	Casado	Heterossexual	Não	Rio de Janeiro, RJ	Protesta nte	Superior completo	Professor	Um (2a)	<i>Instagram</i> desde 2015, em outras mídias início de 2005
André	46	Branco	Casado	Homossexual	Não	São Paulo, SP	Filosofia lfá	Superior completo	Empresário	Um (12a) e uma (11a)	4 anos, mais ativamente a 2
Rafael	32	Branco	Solteiro	Bissexual	Não	Pedreira, SP	Não	Superior completo	Publicitário	Um (11a)	<i>Instagram</i> 10 anos

Daniel	44	Branco	Casado	Heterossexual	Não	Recife, PE	Não	Pós-graduação completa	Consultor independente e microempresário	Um (4a) e dois gêmeos (1a)	<i>Instagram</i> aproximadamente 1 ano. Em coluna <i>online</i> por 3 anos e meio
Gustavo	31	Branco	União estável	Homossexual	Não	São Paulo, SP	Não	Superior completo	Engenheiro civil	Um e uma (29s)	Desde 24 de agosto de 2021. Aproximadamente 5 meses
Robert	29	Branco	União estável	Homossexual	Não	São Paulo, SP	Não	Superior completo	Engenheiro civil	Um e uma (29s)	Desde 24 de agosto de 2021. Aproximadamente 5 meses

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos homens-pais participantes da pesquisa (produção da autora).

O registro produzido a partir das entrevistas foi analisado segundo a perspectiva analítica de Bertaux, que norteou as discussões dos dados acerca dos percursos dos atores postos em situação, a paternidade de homens-pais que produzem conteúdo no *Instagram*, buscando construir hipóteses compreensivas relativas à realidade social em que essa experiência está inscrita. Assim, a construção de um corpo possível de hipóteses está baseada em um modelo a partir das observações, repleto de descrições dos mecanismos sociais e em propostas interpretativas dos fenômenos examinados⁵³.

Bertaux apresenta como proposta uma fragmentação do processo de análise em subcategorias que se interconectam. Segundo ele, é através da análise comparativa, isto é, da comparação entre as narrativas que as reincidências farão emergir o núcleo do coletivo. O pesquisador precisa empenhar-se, tendo em vista esta comparabilidade, isto é, deve atentar-se tanto para a unidade do objeto social, quanto para a escolha dos casos - diversificados, mas mantendo o universo social, a permanência do enunciado inicial e do filtro, e o traçado objetivo dos percursos e dados factuais inclusos nas narrativas⁵³.

As categorias foram construídas ao longo do processo de análise das entrevistas realizadas com os homens-pais, a partir da divisão em eixos dos três objetivos específicos deste estudo: as concepções sobre masculinidade, paternidade e cuidado; as motivações para a criação do perfil no *Instagram* e as implicações ético-políticas para o ativismo de outras agendas.

No que se refere ao primeiro objetivo, aparecem como eixos comuns (1) a paternidade como responsabilidade, (2) cuidado para além das questões de provedor financeiro, e (3) autorreconhecimento da paternidade como um

processo. Já no segundo objetivo, encontramos (1) experiência pessoal de paternidade, (2) articulação de agendas políticas e (3) quando a paternidade vira um “negócio”. Por fim, no terceiro objetivo, selecionamos (1) representatividade de comunidade de pessoas com deficiência, pretas, LGBT, mulheres e homens monoparentais; e (2) *hates*, críticas e reações negativas.

No interior desse processo de análise, fazemos uso do conceito de indícios que se referem aos trechos da narrativa que, ainda que de modo implícito, “remetem a um mecanismo social que marcou a experiência de vida” (Bertaux, 2010, p. 108)⁵³. O pesquisador deve buscar compreender sobre o que eles se referem na realidade sócio-histórica, e se empenhe a refletir qual sua significação sociológica até quando o investigador não considere que os mecanismos sociais ditam comportamentos individuais, como na sociologia estruturalista. “A sociologia contemporânea, mais consciente do caráter ‘construído’ dos contextos sociais e da diferencialidade das pessoas, concebe os processos sociais como encadeamentos prováveis de ações e de interações de atores colocados em situação” (Bertaux, 2010, p. 113)⁵³.

É importante ressaltar que há a sugestão de que ao término da entrevista, o pesquisador redija uma série de anotações acerca do que notou no contexto da conversa, que mensagem foi transmitida, quais temas foram abordados e quais foram evitados. O autor recomenda concentrar-se naquilo que gerou mais surpresa ou choque⁵³. Geralmente, isso possibilita um rompimento com as concepções prévias do pesquisador e se torna um caminho para o aprofundamento da análise. Meu diário de campo serviu para que eu visse minhas representações prévias e realinhasse minhas expectativas, reorientando minhas compreensões ao longo da pesquisa. Esses dados coletados têm como

finalidade a contribuição na descrição e posterior compreensão do funcionamento de uma situação social.

Cabe salientar algumas reflexões sobre os ambientes digitais por quais navegamos. A *internet* tornou-se incorporada, corporificada e cotidiana em nossas vidas, como uma forma comum de interagir uns com os outros⁵⁴. O uso da *internet* deixou de ser uma experiência diferencial do cotidiano, apenas um meio para acessar algum domínio virtual ou se tornar “outra pessoa”, passando a ser aceito como uma maneira de estar presente no mundo, ressignificando a corporeidade e se misturando no fluxo da existência.

O conceito de *polymedia* discutido por Madianou e Miller⁵⁵, nos auxilia a refletir sobre os múltiplos usos das mídias sociais, sendo eles determinados social e culturalmente. A reflexão produzida pelos autores parte do ser humano para pensar as plataformas digitais, isto é, traz um contraponto acerca da suposta universalidade e neutralidade do algoritmo e manipulação das pessoas que usam as redes sociais, o que aponta para uma agência humana e para a complexidade e complementariedade de cada mídia.

A escolha do *Instagram* se baseou em um levantamento realizado em dois momentos diferentes, em setembro de 2021 e em abril de 2022, de alguns perfis que abordavam a temática da paternidade em diversas redes sociais. Observou-se que os perfis do *Instagram* reuniam maior número de seguidores e seguidoras e tiveram um crescimento maior em comparação ao *Facebook* e *YouTube*, o que aumenta a produção para essa plataforma e pode propiciar a intensificação das interações humanas que ali ocorrem.

Além disso, uma pesquisa feita pelo site *Opinion Box*⁵ sobre o uso do *Instagram* no Brasil, aponta que é uma mídia social com mais de 1 bilhão de

usuários ativos. O Brasil é o segundo país com o maior número de usuários de *Instagram*, atrás somente dos Estados Unidos. É importante ressaltar que durante a pandemia, o uso aumentou bastante, visto que 73% dos entrevistados afirmaram passar a usar mais o *Instagram* na pandemia. Desse modo, essa plataforma digital surge como uma possibilidade de campo investigativo, sendo tratado não só como recurso instrumental de pesquisa, como também espaço que produz e faz circular, narrativas que constroem realidade.

Em relação aos aspectos éticos, de acordo com as recomendações da resolução nº 510/16, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFF/Fiocruz e aprovado com número CAAE 52206221.9.0000.5269. Os participantes afirmaram que leram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II), concordando em participar da pesquisa. Para assegurar o sigilo, como os participantes desta pesquisa possuem contas públicas no *Instagram*, ficou a critério do participante se preferia que fosse identificado ou não. Todos os sete participantes concordaram com a sua identificação. Foi combinado o retorno ao contato com cada um, para divulgação dos resultados da pesquisa.

4. ANÁLISE DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Da paternidade genérica às paternidades singulares: experiências socialmente marcadas

Tendo como base a perspectiva analítica de Bertaux, as concepções de paternidade, masculinidade e cuidado aparecem nas narrativas dos entrevistados a partir das seguintes categorias elencadas: responsabilidade, cuidado para além do provimento financeiro e autorreconhecimento da paternidade como um processo.

Paternidade como responsabilidade

A categoria responsabilidade aparece de maneira central, colocando em cena uma alusão à figura de um possível pai desertor, ou seja, aquele que abandona a criança ou escapa das responsabilidades em relação ao filho/filha. Dados recentes publicados pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil) e obtidos através do Portal da Transparência do Registro Civil mostram que em 2021, houve um aumento da falta do nome do pai nos registros de nascimento de crianças⁵⁶.

Os cartórios brasileiros atingiram, no início deste ano, o maior quantitativo de crianças registradas apenas com o nome da mãe. Entre janeiro e abril, foram identificados 56,9 mil recém-nascidos por mães solo, o maior número em relação ao mesmo intervalo de anos anteriores⁵⁷. Segundo o estudo, em 2018, foram registradas 51,1 mil crianças apenas como o nome materno. No ano consecutivo, foram 56,3 mil. Já em 2020, o número caiu e passou para 52,1 mil. Por fim, em

2021, 53,9 mil bebês não apresentavam o pai reconhecido na certidão de nascimento⁵⁷.

O levantamento também indica redução do total de nascimentos de crianças neste ano, somando 858 mil. Em 2018, foram 954,9 mil. Na plataforma, pode-se acessar o módulo “Pais Ausentes”, que expõe os registros efetuados nos 7,6 mil cartórios brasileiros. Segundo normas definidas pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), se o pai não quiser reconhecer o filho, a mãe tem a possibilidade de apontá-lo com genitor no cartório, que deverá informar o fato aos órgãos competentes de modo a dar início ao processo de investigação de paternidade⁵⁷.

Por outro lado, existe um crescente consenso sobre a necessidade e a importância da participação masculina nos cuidados da criança⁵⁸. Todavia, há obstáculos materiais e culturais, como, por exemplo, ordem de gênero, organização do trabalho remunerado e não remunerado, discriminação salarial, falta de serviços de educação infantil, políticas de cuidado maternalistas, falta de políticas de trabalho que apoiem o cuidado, que prejudicam o avanço para a equidade de gênero no âmbito privado. Desse modo, sendo necessárias políticas e programas para avançar na conquista de uma maior participação dos pais com a criança³⁶.

Sérgio, por exemplo, conta que “o meu desempenho como pai ele não é o menor em termos de responsabilidade e de presença e participação, ele não é menor por causa da deficiência. Ele apenas é adaptado”, evidenciando que considera a responsabilidade como primordial no exercício da paternidade.

No que se refere à conciliação trabalho e casa, Humberto, após um adoecimento, em que um dos complicadores foi a sobrecarga de trabalho remunerado, defende que:

é importante dosar, é importante ter equilíbrio e aí eu passei a, a ter uma, uma meta... assim de o que que eu ia fazer no coletivo? E aí eu passei a assumir uma responsabilidade apenas, né? E hoje é justamente a consultoria étnico-racial, que eu fiquei só com essa frente.
(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Apesar de Humberto, limitar suas responsabilidades no coletivo, de modo a redistribuir o tempo entre trabalho remunerado e o cuidado com o filho, ao tomar como foco a América Latina, o quadro evidenciado pelas pesquisas de uso de tempo, é que as mulheres dedicam mais tempo que os homens às tarefas de cuidado, inclusive em famílias heterossexuais de dois provedores. Os homens destinam duas a seis vezes menos tempo ao cuidado dos filhos, da criança e das tarefas domésticas do lar³⁷. Assim, ainda perdura uma acentuada divisão sexual do trabalho na América Latina. Enquanto os homens passam mais tempo no trabalho remunerado, as mulheres, dedicam mais tempo ao trabalho doméstico não remunerado.

Em consonância ao exposto anteriormente, André em sua entrevista, reforça a noção de irresponsabilidade masculina perante a paternidade, apontando também para uma sobrecarga das mulheres ao assumirem todo o cuidado da criança, “a mulher se torna mãe quando engravida, o homem nunca... tem alguns que nunca se tornam pais, né? Na verdade, se tornam mais um filho daquela mulher”.

André relata que após conhecer seu marido e estabelecerem um relacionamento mais sólido, decidiram “que era hora de a gente adotar”. Compareceram ao Fórum de São Paulo, “para participar de todo o processo de

adoção, um ano e meio depois chegaram o filho e a filha”. Acredita que a decisão de ter um filho, leva em conta inúmeros fatores, entretanto, para quem está disposto, as mudanças não seriam tão drásticas.

Em sua experiência pessoal como pai, aponta que:

a rotina não muda, a rotina aumenta... o que nós fazíamos a dois, passamos a fazer a quatro, é o que muda... também assim, é claro tem uma coisa... ‘mas, se eu tiver filho, eu não vou poder sair para balada’. É claro, se você ainda está no *mood* né.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Segundo a antropóloga Cláudia Fonseca, ‘a família’, não sendo uma unidade natural, retrata o conjunto de diversas relações, é atravessada por várias forças institucionais e abrange a participação em diferentes graus de intimidade de diversos personagens⁵⁹. Considerando que a lei representa, em determinados contextos, um instrumento fundamental para consolidar as relações de parentesco, admite-se que o efeito de qualquer contrato legal será restrito se não vier junto das convicções pessoais dos envolvidos.

Para André, como ele e o marido são caseiros, não sentiram muita diferença na rotina com e sem filhos. Ele diz:

como a gente já não era muito de balada, a gente nunca foi tanto de ficar saindo para noite [...] a gente sempre fez muito programa familiar... a sogra vem para cá com muita frequência, ela dorme em casa, a gente passa a noite assistindo filme, pizza, enfim... Às vezes a gente viajava. Então, os nossos programas sempre foram muito familiares, então ter o nosso filho e filha não mudou absolutamente nada... nada... acrescentou-se os dois na nossa rotina [...] o que muda é tempo de preparo para sair de casa, a paternidade não mudou o nosso tipo de programa.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Segundo Rafael, ter um filho com vinte e poucos anos, trouxe para si um “senso de responsabilidade e preocupação com o trabalho que eu não tinha antes”. No meio dessa experiência, conta que acabou “também perdendo o meu pai, que também era meu porto seguro”, inclusive financeiramente. Isso fez com

que sua responsabilidade aumentasse. Ao refletir sobre sua vida antes da paternidade, acredita que “se eu não tivesse filhos, eu seria um pouquinho mais de porra louca”.

Por se considerar “pouco ovelha negra da família”, Rafael conta que voltar a morar com seus pais foi “sendo um pouquinho mais estressante até um momento”, em relação à divisão das tarefas domésticas e no cuidado com seu filho. Por isso,

a decisão de morar sozinho acabou, embora, exigindo mais financeiramente, psicologicamente, foi um alívio, uma mudança muito positiva na relação minha com o meu filho... na parte de eu assumir a responsabilidade de casa, de cuidado... e até a minha relação com os meus pais.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

Rafael relata que a primeira vez que foi morar só com o filho “ele tinha cinco anos, ia fazer seis e... eu tinha acabado de conseguir um novo emprego em Campinas”. Contudo, após uma mudança na contratação da empresa, que gerou perda de direitos trabalhistas, o impacto em seu orçamento o fez voltar a morar com seus pais. Ele conta que:

todo mundo da agência basicamente, acabou virando MEI. E aí acabaram... é... vários direitos que me ajudavam muito, como vale-alimentação, vale-refeição... acabou diminuindo a jornada de trabalho e essas mudanças acabaram afetando bastante meu orçamento.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

Além da preocupação financeira, que motivava a mudança para a casa de seus pais, Rafael conta que tinha que lidar com a distância, pois “minha namorada mora em Campinas, morava em Campinas, então... a parte de morar isso mudava muito também na relação à três... quando eu fui para Pedreira, tinha essa preocupação de ficar mais longe”.

Desse modo, pode-se depreender que, apesar de a responsabilidade pelo cuidado das crianças ainda ser socialmente direcionado para as mulheres, os pais entrevistados demonstraram buscar assumir responsabilidades diante do nascimento do filho/filha, sendo atravessados pelas marcas da deficiência, orientação sexual, cor/etnia ou idade. Evidencia-se ainda que os homens enfrentaram desafios nessa empreitada, como a adaptação do espaço físico da casa, no caso do pai com deficiência, com vistas a maior acessibilidade; a conciliação entre o trabalho remunerado *versus* tarefas domésticas; as dificuldades financeiras.

Paternidade como cuidado

O cuidado evocado nessa seção se refere à ideia do pai que compartilha ou que assume o protagonismo das tarefas de cuidado com o filho/filha, diferindo-se da figura do pai como apenas provedor financeiro.

Sérgio entende paternidade como sinônimo de cuidado. Entretanto, por ser um homem com deficiência, alguns cuidados exigem adaptações, sendo utilizadas ferramentas tecnológicas que permitem maior interação em uma sociedade capacitista e proporcionam “qualidade de vida”. Por exemplo, o “computador serviu, serve [...] para nós interagirmos”. Outra categoria relevante é a de interdependência. O mesmo questiona “quem cuida de quem cuida né?” e ressalta que “aqui cada um cuida de um e todo mundo se cuida”. Por conta das limitações físicas, Sérgio relata “nunca dei comida pra ela [*filha*], muito pelo contrário... ela é que me dá comida às vezes, pra me ajudar”.

No que se refere às dificuldades encontradas por ser um homem com deficiência, Sérgio relata como principal questão a ausência de acessibilidade.

Antes da paternidade, aponta que “já começou lá no casamento né... que [...] para chegar no altar... até tinha que subir uma escadinha... [...] aí mandaram fazer uma rampa né”. Durante a gestação, não foi possível participar do curso de gestante e tampouco acompanhar sua esposa em todas as consultas de pré-natal. Ele explica:

porque a sala, onde as mães fazem o curso com um conjunto de maridos... enfim com os companheiros... não tinha acessibilidade [...] o consultório da médica era super apertado... difícil acesso... e no dia que eu fui... que foi justamente o dia que nós descobrimos que era uma menina... a médica teve que mudar todos os móveis de lugar para poder entrar com a cadeira.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

No dia do parto, Sérgio afirma que também não teve acesso e precisou ficar esperando o nascimento de sua filha do lado de fora. Ele continua:

minha esposa fez uma cesariana né... uma cesárea... e eu não entrei com ela na sala de cirurgia por falta de espaço... e também por causa da cadeira... porque era todo apertado lá e não cabia a cadeira... então... eu fiquei na porta... esperando.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Sérgio levanta uma discussão importante sobre acessibilidade para o exercício do cuidado e da paternidade de homens com deficiência. Numa lógica capacitista, pessoas com deficiência também “não deveriam ter filhos”. Como pensar e garantir os direitos reprodutivos e/ou direitos ao cuidado pela falta da acessibilidade? Para a antropóloga Débora Diniz, o desafio ético elementar de expressar os direitos sexuais e reprodutivos para as pessoas deficientes, é precisamente o de suscitar a ideologia da normalidade, que caracteriza o corpo com impedimentos como indesejável, desprezível, e subentende de antemão seu caráter assexuado⁶⁰. A reprodução não é unicamente biológica, não quer dizer somente ter filhos, constituir família, projetar-se para o futuro pelos vínculos de filiação. É, sobretudo a reprodução social, posto que estabelece quais

padrões de família a ideologia da normalidade julga aceitáveis para a ordem simbólica e normativa nas quais os deficientes lutam para serem incluídos.

Além das barreiras arquitetônicas, que permaneceram presentes também após o nascimento da filha – fazendo com que a entrada em uma sorveteria, por exemplo, fosse impossibilitada – Sérgio menciona as barreiras atitudinais. Ele conta que “normalmente as pessoas nos olham e acham que a esposa é minha cuidadora ou é a minha irmã né... e inclusive já fizeram comentários desse tipo”.

Ao se referir às concepções hegemônicas de masculinidade e paternidade durante o período de gestação, Humberto considera que “o homem não se sente nem necessário nesse momento, porque simplesmente não se sabe qual o lugar social do pai na vida do filho quando ele ainda é um bebê”. Humberto não queria “ser um visitante nessa época da gestação... que a gente sabe que é um lugar muito comum do pai [...] na nossa cultura, o homem vira pai quando o filho nasce”. Por isso, “conversar com ele ainda na barriga, cantar pra ele conhecer o meu tom de voz e acalmar minha esposa, quando ela tinha, por exemplo, cólicas... massagear as pernas dela...” foram algumas das ações realizadas por ele.

Outro tópico mencionado por ele foi a participação masculina na amamentação. Conta que sua “esposa tinha dores no mamilo, eu ficava ali dando aquele suporte eh... aconselhando ela a, a perseverar, que eu sabia que não era fácil... doía muito...”. Desta forma, entendia a importância de estar próximo a sua companheira nesse momento, de maneira a envolver-se em todos os processos na gestação e no puerpério. Apesar de seu envolvimento como pai, sinaliza o tempo limitado da licença paternidade no Brasil como uma grande dificuldade. Afirma que:

ela é uma, uma, uma brincadeira, né? Hoje são cinco dias. Cinco dias. Eu já tinha que voltar a trabalhar, e foi terrível... porque eu sabia que eu ia ficar muita coisa pra... [esposa] e aí eu lembro que eu ia trabalhar irado assim, sem dormir várias vezes.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Os homens-pais que assumem a função de corresponsáveis pela criação e desenvolvimento dos filhos, podem contribuir ativamente na amamentação ao exercer influência sobre a decisão de amamentar a criança, no auxílio à primeira mamada e na duração da amamentação⁶¹.

Neste sentido, a participação dos homens no puerpério, inclui não apenas o cuidado com o filho/filha, mas também à companheira que vivencia o período puerperal. A sexualidade foi citada como um ponto importante de atenção para o casal, pois, foram alertados pelo obstetra de sua esposa a ficarem trinta dias sem relação sexual, após a cesariana. Segundo Humberto, “o homem não sabe lidar com essa abstinência que acontece ali do puerpério, que a mulher com aqueles pontos, simplesmente não pode ter relação”. Ele acredita que por conta da informação e da rede de apoio, “foi muito mais fácil lidar” e “buscar outras formas de explorar a sexualidade”.

No marco da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, que tem como dois dos eixos principais “Saúde Sexual e Reprodutiva” e “Paternidade e Cuidado”, foi gerado o documento “Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde”⁶². O guia tem como objetivo conscientizar a relevância do envolvimento de homens de todas as faixas etárias nas ações de planejamento reprodutivo e auxiliar na ampliação e melhoria do acesso e acolhimento dessa população aos serviços de saúde, em especial na Atenção Básica.

Tradicionalmente, o planejamento reprodutivo e as ações em saúde, relacionadas ao período da gestação, parto e puerpério foram construídas e orientadas às mulheres e às gestantes, com enfoque no binômio mãe-criança. Contudo, constata-se um movimento crescente no Brasil e em diversos países, que defende que os homens podem e devem ser implicados integralmente em tudo o que se refere à tomada de decisão reprodutiva, a contar da escolha de ser pai à participação solidária na gestação, no parto e no cuidado e na educação das crianças⁶².

Uma das ações sugeridas por essa ferramenta é a realização de palestras e rodas de conversa com a população masculina, de modo a abordar e debater temas como sexualidade, direitos sexuais e direitos reprodutivos, gênero, socialização masculina e impactos para a vida de homens, entre outros. O espaço da consulta do pré-natal se torna uma oportunidade para esclarecer as dúvidas e desmitificar tabus em relação a esses temas.

Humberto relata que até mesmo durante seu trabalho no coletivo, notava que “a falta de masculinidade saudável [...] está muito além dessa coisa do fórum íntimo, está muito além de trocar fralda e dar banho, ela é sobre a longevidade do próprio relacionamento.” Em sua experiência pessoal, por ele e sua esposa estarem “estudando Mulherismo Africana^[3], por exemplo, que é uma alternativa fantástica pra pessoas pretas ao feminismo, por nos contemplar, por olhar nossa ancestralidade e nos oferecer possibilidades de emancipação de gênero

^[3] Mulherismo Africana é um conceito teórico matriarcal afrocentrado, criado por Clenora Hudson-Weems, em 1987, com intuito de construir critérios das próprias mulheres africanas, para avaliar suas realidades tanto no pensamento quanto nas ações. A sua abordagem fundamental é materno-centrada, levando em conta a liderança social que as mães negras têm nas comunidades⁶³.

mútua.”, percebe que “foi muito legal [...] a gente precisar mais um do outro, que a gente já estava nesse movimento”.

A adjetivação da masculinidade como “saudável” cada vez mais frequente faz alusão a oposição à masculinidade “tóxica” que aponta para uma visão reducionista. A masculinidade tóxica ocupa espaço para abordar aspectos da dominação masculina que controla mulheres e homens que escapam da égide da masculinidade hegemônica cis hétero patriarcal⁶⁴. Sendo assim, alguns atributos masculinos como a violência, por exemplo, estariam no cerne da toxicidade. Entretanto, o uso do termo, que coloca a masculinidade como tóxica em detrimento da masculinidade saudável, traz riscos por não considerar as estruturas sociais que produzem e reproduzem esses comportamentos. Contudo, o uso do termo parece ter um apelo discursivo.

O início da pandemia de Covid-19 foi um evento que transformou o trabalho de cuidado de seu filho, que tinha um ano na época. Humberto relata que sua esposa permaneceu no trabalho presencialmente, com uma carga horária ainda maior. Enquanto ele que “acordava o filho, que dava banho de sol, fazia a mamadeira da manhã, dava almoço, o lanchinho da tarde, a janta e aí quando dava umas 20h, 20h30 ela estava chegando do trabalho”.

Na pesquisa “Pais em casa: impactos da pandemia na divisão do trabalho de cuidado”⁶⁵, realizada no período de maio a agosto de 2020, com famílias heterossexuais com filhos durante a pandemia, foi constatado que famílias estavam sobrecarregadas. As mães são as mais solicitadas, porém, os pais se apresentaram impactados de modo consistente em relação ao tempo empregado em tarefas de cuidado e domésticas. Entre casais com filhos, mães exercem 21% a mais horas de trabalho não remunerado (em torno de 36 minutos

por dia) e dispõem 15% menos tempo sem pausa do que os pais. Embora haja maior engajamento dos pais, eles acreditam que dividem as tarefas de forma equânime, ao passo que a mulher não tem a mesma percepção⁶⁵.

Além disso, os homens-pais permanecem priorizando a prática de certas atividades e esquivando-se de outras, como lavagem de roupas. A maioria (70%) afirma inserir no cotidiano, atividades como cuidado das crianças e atividades educacionais (menos realizadas antes da pandemia). Entretanto, uma divisão equilibrada das tarefas segue sendo a conformação minoritária (22% das famílias participantes). Ainda no decorrer do isolamento a maioria (84%) manifesta satisfação a respeito da divisão de tarefas de cuidado. Dentre os casais com filhos, 43% afirmam que o envolvimento do(a) parceiro(a) alcança as expectativas, ocorrendo uma divisão mais equilibrada do que antes do isolamento social⁶⁵.

Por estar em trabalho remoto, Humberto conta que pode ver seu filho:

aprender a andar, ele começar a ficar sentadinho, tudo isso que eu, que eu, eu jamais conseguiria ver num regime normal, porque eu saia seis da manhã e voltava pra casa, alguns dias, até onze da noite, que eu tinha uma aluna particular, que era de, era... terminava nove da noite e eu chegava super tarde em casa. Então, eu tive essa possibilidade de poder paternar de verdade.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Contudo, apesar da oportunidade de exercer os cuidados com o filho, aponta que sua experiência “foi muito ruim, na verdade... a minha experiência com *home office*, ela foi péssima eh... nesse período de estar sozinho com, com o bebê. [...] o *home office* com o bebê ele, ele não existe, né”, já que não é possível dedicar-se plenamente a cada tarefa. O uso do verbo “paternar” remete a uma ação ou processo, não apenas algo estático, como um título.

O interlocutor considera que sua experiência de cuidado com o filho foi muita rica, pois buscou conhecimentos além daqueles disponíveis no Brasil. Ele conta que “indo além do que a gente tem aqui no Brasil como acesso de informação sobre parentalidade, eh... puerpério, parto, que eu acho que é muito pobre ainda o nosso repertório, mesmo incluindo disciplina positiva, comunicação não violenta, criação com apego”.

Com o crescimento e estruturação do coletivo, tornou-se cada vez mais urgente refletir sobre a conciliação da vida pessoal e laboral, pois a demanda de trabalho era grande e a necessidade de estar presente em tempo real, prejudicaria seu cuidado com o filho. Humberto declara não querer:

esse modelo de paternidade... muito menos por estar num, numa plataforma que é pró paternidade ativa, presente, participativa. Então, como é que pra fazer isso, eu preciso não olhar pro meu filho? Não teria o menor sentido. Então, a gente se preocupou por isso também, com a estrutura até pra ser coerente, né? A coerência conceitual ela é muito importante em qualquer tipo de empreendimento.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Já o projeto de paternidade de André existia antes mesmo de conhecer seu marido, sendo iniciado através do contato com seus sobrinhos. Ele conta que:

sempre quis ter filhos... meu companheiro também sempre quis ter filhos... o nosso contato com crianças existe desde... desde sempre, porque no total os dois... somados são dez sobrinhos e eles fazem parte da nossa vida desde sempre [...] mesmo antes de eu conhecer meu marido eu sempre fui muito paizão [...] eu recolhia toda a molecada dos pais, trazia aqui para casa, eles passavam um final de semana *father free*, sem pai para encher o saco, sem mãe para encher o saco.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

No que se refere ao período de separação de Rafael, o mesmo considera que “o primeiro ano da separação foi bem tumultuoso”. Para ele, o principal problema foi o “envolvimento de advogados”. Além de ser um processo que nunca vivenciou antes e que gerava muita ansiedade, também tinha a

preocupação de “banciar advogado [...] porque é bem caro”. Mesmo depois de dez anos, Rafael ressalta que o processo não foi finalizado, acredita que existe:

certo machismo mesmo na questão judicial, de não tratar pai e mãe como igual... né... nesse sentido... pelo benefício da criança... ainda existe muito essa questão de que a mãe é quem cuida, que sabe cuidar, etc., mas ainda assim, houve o entendimento de que ele tava melhor estabelecido comigo, mas nunca houve uma decisão final.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

Apesar de ser um pai solo, Rafael relata apoio de seus pais desde o início dessa trajetória. Ele diz que em “todos [*os momentos*] eles ajudaram bastante na minha evolução como pai”. Essa ajuda permanecia inclusive quando após “um tempo eu fui morar sozinho com o meu filho [...] a gente nunca se sente muito que se estabeleceu (risos), que tá com uma estrutura legal assim... hoje, obviamente, eu tenho uma estrutura melhor do que no começo do nascimento dele”. Rafael considera que apesar das dificuldades financeiras, por estar iniciando sua carreira com um filho pequeno, reconhece como “privilegio de ter ajuda dos meus pais”, não só nos cuidados com seu filho, como para “conseguir crescer na carreira”.

Em concordância com o relato de Rafael, a pesquisa realizada por Carvalho, com homens-pais que cuidam de seus filhos sozinhos mostrou que dois fatores influenciavam as decisões frente ao conflito entre cuidar dos filhos e o mercado de trabalho: as condições econômicas e de apoio familiar. Observou-se uma sobrecarga para os pais mais pobres, ou sem apoio da família ou de trabalhadoras domésticas⁶⁶. Dessa forma, a rede de apoio familiar de Rafael possibilitou que o mesmo conciliasse o cuidado com o filho e sua carreira, sendo esse um privilégio de gênero e classe como um homem de camada média.

Ele ressalta como os padrões de gênero foram marcados durante a sua infância e influenciou em seus aprendizados, ao relatar que:

como menino fui criado meio que para ser servido, né? A mulher da casa que faz a limpeza, que faz a comida, etc., e quando eu me tornei pai solo, os cuidados com o lar, principalmente... não tanto com filho... com filho acho que eu mandei bem, mas o cuidado com o lar foi bem difícil e também é uma dificuldade que eu ainda tenho de... de limpeza, principalmente... tem coisas que eu... não gosto, tipo lavar louça, etc... tipo que eu não aprendi nunca e ainda não... é bem difícil.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

Historicamente, de modo especial na sociedade capitalista, sempre pertenceu à mulher a responsabilidade pelos cuidados com a casa e com a família, a despeito de sua idade, nível de renda e condição de ocupação. O trabalho doméstico incidia sobre as mulheres fundamentado no discurso, presente atualmente, da naturalidade feminina para o cuidado. Essa incumbência social do cuidado ao feminino, inicialmente, restringiu a vida das mulheres ao espaço privado, e em seguida, com as mudanças socioeconômicas e a busca por independência feminina, estabeleceu desvantagens em comparação aos homens na atuação econômica e social⁶⁷.

Apesar de não encarar o cuidado do filho como uma dificuldade, percebe uma diferença em relação as necessidades em cada faixa etária, afirmando que “hoje o meu filho com 11 anos, é muito mais fácil do que ele com dois anos... que exigia uma atenção constante... e isso até nos trabalhos que pagam a conta”.

Já no nascimento do primeiro filho, Daniel, que trabalhava de forma independente, toma a decisão de parar de trabalhar por um ano, a fim de dedicar-se ao cuidado com o filho. Ele relata que “decidi que eu ia me segurar [...] eu optei por meio que parar tudo [...] fiquei sem trabalhar durante um ano [...] me

dei essa licença [...] grande privilégio ter essa experiência [...] o trabalho dela que me possibilitou isso”.

No enfrentamento dos desafios impostos pela pandemia, Daniel contou com uma rede de apoio remunerada e não remunerada, “temos babá, temos empregada doméstica, temos muitos privilégios [...] durante o começo da pandemia, a minha mãe também ficou com a gente [...] ela ajudava a cozinhar”. Daniel aponta a presença de rede de apoio como um privilégio. Em sua fala evidenciam-se as marcas da masculinidade hegemônica e seus privilégios, por ser um homem branco, heterossexual e de classe média. Entretanto, ser o cuidador principal dos filhos vai marcar uma diferença importante na sua trajetória de paternidade, pois como chamam a atenção Figueroa Perea e Flores Garrido (2012, p. 46), “reforça o caráter de excepcionalidade do cuidado masculino”³⁴.

De maneira geral, homens dominam coletiva e individualmente mulheres e outros homens em posição de subalternidade. Essa dominação é posta em ação no âmbito privado ou público e confere a esses homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. A opressão vivida pelas mulheres através dos homens é um sistema dinâmico no qual as desigualdades sofridas pelas mulheres são os impactos das vantagens dadas aos homens. Essa análise não deve estar desarticulada de outras relações sociais, sobretudo as divisões hierárquicas relacionadas aos pertencimentos de classes sociais, aos grupos étnicos, à idade. Isso porque, nossas vidas, nossas situações materiais são resultado de um conjunto de relações sociais⁶⁴.

A experiência de Daniel exigiu uma conciliação da vida laboral e dos cuidados. Apesar de toda a rede de apoio, há uma série de desafios:

porque é muito difícil trabalhar assim. Às vezes, de noite vai começar, só que a gente não dormiu bem na noite anterior, então... e passou o dia todo na... no corre, né? Então é, é muito difícil, é um grande desafio na verdade assim. É isso assim... foi difícil, está sendo difícil, mas eu acho que já passamos pelo pior. Então, realmente pra frente eu acho que as coisas tendem a melhorar.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

A alavancada da entrada das mulheres no universo econômico não equipara as funções impostas aos gêneros, longe disso, corrobora as desvantagens vividas pelas mulheres que atualmente dividem com os homens, de maneira equânime ou não, o provimento financeiro da família ao mesmo tempo que assumem a responsabilidade da esfera reprodutiva. A partida do lar e as conquistas cada vez mais visíveis na esfera pública representaram uma revolução inacabada, visto que as mulheres continuam assumindo basicamente sozinhas as atividades do espaço privado, o que perdura uma desigual e desfavorável divisão sexual do trabalho para elas⁶⁷.

Ainda que seja um pai especialista da paternidade, Daniel não se reconhece como modelo de paternidade para outros homens. Ele ressalta “não me vejo como modelo assim: ‘Ah, o exemplo do pai equitativo’ [...] eu sou muito mais um cuidador”. Observa que a pandemia, acentuou muito mais suas faltas como cuidador, questionando sua própria coerência em relação à defesa da equidade de gênero. Ele conta “principalmente nessa pandemia eu, eu me vi muito... eu me vi muito falhando em vários momentos... eu me vi muito... como uma farsa [...] de que eu não sou muito aquilo que eu coloco no mundo”.

O aspecto da pandemia acentuou a sobrecarga das mulheres no que se refere ao cuidado, também na família de Daniel. Na divisão sexual do trabalho do cuidado, historicamente as mulheres são incumbidas dessa função, mesmo

quando há uma reflexão e luta para a equidade de gênero. Seu relato demonstra que mais uma vez o privilégio masculino de “virar a cara” se faz presente:

mesmo se estando dentro de casa, você consegue virar a cara, você consegue fingir que aquela pessoa não está sobrecarregada e tal... e eu digo isso porque eu acho que, durante essa pandemia pelo menos eu virei a cara... e eu deixei as coisas caírem mais em cima de minha esposa, quando não deveria ter caído.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

Ampliando a reflexão da pandemia e a mudança nos padrões de gênero, Daniel acredita que “infelizmente a gente não vai ter uma grande mudança desses padrões de gênero, do envolvimento dos homens na divisão das tarefas domésticas e de cuidado e tal nesse pós-pandemia [...] a pandemia não quebrou o patriarcado”.

As análises oriundas da pesquisa “Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” ressaltam as dinâmicas da rotina dos lares, com foco no trabalho e nas condições de vida fundada na experiência das mulheres. As análises com base na desagregação dos dados por raça, renda, urbano/rural revelaram a intensificação e o aprofundamento de dinâmicas de desigualdade que constituem a sociedade brasileira e são sentidas no cotidiano das mulheres⁶⁸.

A pesquisa demonstra dimensões concretas da vida e do trabalho das mulheres, como a correlação permanente entre produção e reprodução, trabalho remunerado e não remunerado. As mulheres experienciam em seus corpos o desequilíbrio entre jornadas extensas de trabalho, tensões causadas pela pobreza e a responsabilidade pelo cuidado das pessoas que delas dependem. Compor essas áreas é um desafio para uma sociedade que tenha como prioridade a sustentabilidade da vida. Para além de um restabelecimento dos

tradicionais indicadores econômicos, é preciso uma reestruturação da economia que persiga pelos objetivos de construção de igualdade e justiça social⁶⁸.

Tendo em vista o exposto, a partir das narrativas anteriores, podemos refletir como a que a pandemia de Covid-19 aprofundou o abismo da desigualdade de gênero, portanto, o compartilhamento de tarefas do cuidado e a divisão sexual do trabalho doméstico é um ponto pendente na agenda de equidade de gênero.

Autorreconhecimento da paternidade como um processo

O projeto de paternidade de Sérgio foi muito desejado e planejado. O relato de sua experiência aponta para um esforço e persistência por realizar esse projeto, através de exames, consultas e inclusive uma microcirurgia. Sendo destacado por sua fala: “tentamos por dois anos engravidar, mas como não conseguimos fomos procurar uma consulta médica...”. Mesmo passando por dificuldades, ele e sua esposa, persistem no projeto, ao afirmar que:

colocamos então para o meu neurologista, o nosso desejo de ser pai e mãe, só que o médico aqui de Amparo tinha dado um diagnóstico bastante desanimador [...] falaram que nós teríamos uma chance se fosse feito um procedimento que era a retirada né do espermatozoide através de uma... uma microcirurgia... e aí então, a fertilização in vitro né... e nós aceitamos essa... essa empreitada.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Diante da situação de infertilidade, muitos casais investem nas Técnicas de Reprodução Assistida (TRA) como uma possibilidade de alcançar o projeto parental. Ao longo do tratamento, momentos de esperança e desesperança se intercalam e provocam sofrimento emocional, que afeta a autoestima, os planos, a vida financeira, por serem tratamentos muito caros, e o relacionamento do casal⁶⁹. Isso pode ser observado no relato de Sérgio, que vivenciou conversas

com especialistas, que foram desanimadoras e outras que trouxeram mais confiança no sucesso do projeto.

Sérgio afirma que foi “o primeiro caso de um pai com uma doença neuromuscular progressiva genética que obteve sucesso na... no tratamento [*da infertilidade*].” No que se refere aos impactos do tratamento via TRA na experiência da gestação, alguns pais destacaram a conquista da gestação, em detrimento das recordações dolorosas da experiência psíquica vivenciada, com intuito de negar ou minimizar o sofrimento desse período⁶⁹. No relato de Sérgio evidenciou-se que o mesmo ressalta a conquista da gestação, como algo mais especial ainda, posto que, por conta de sua condição, foi o primeiro homem a alcançar o sucesso do tratamento proposto.

Sobre o início do processo de adoção vivido por André e seu companheiro, André refere que não eram casados na época, por isso foi preciso escolher quem daria entrada no processo. Relembra que:

foi em junho de 2010, nós demos entrada ao processo de adoção [...] o STF não havia declarado a legalidade do casamento homossexual, então nós tínhamos aquele documento de união estável, mas aquilo não serve como certidão de casamento, é um contrato de convivência mútua, que posso fazer entre eu e você [...] nós entramos com nome do meu companheiro, por diversos motivos, né, entre eles, a questão de renda e tudo mais [...] o salário dele era bom.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Dessa forma, essa fala expressa não apenas a concepção de André, mas algo que está inserido socialmente e que se espera de um pai que é provisão financeira. Depreende-se que há o reconhecimento social da paternidade como a capacidade de prover financeiramente.

Entretanto, com a aprovação da resolução nº 175/2013 do CNJ⁷⁰, que obriga os cartórios a celebrarem o casamento civil homoafetivo no Brasil, André

e o parceiro se casam e logo em seguida, o último é habilitado no processo de adoção. André conta que:

no meio do processo todo, a gente acabou fazendo amizade com a assistente social do Fórum, que nos apresentou ao juiz e a gente acabou não precisando ratificar o processo todo. Porque como nós já éramos casados, o juiz aceitou, então ele emitiu a guarda definitiva das crianças no nome dos dois, mesmo que o processo inicial tenha sido só no nome do meu marido, no final a emissão da guarda definitiva foi em nome dos dois.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Em relação as restrições na ficha de adoção, André afirma que:

colocaram uma única restrição, que era algo que tanto para mim, quanto para meu marido, nós não sabemos lidar com isso... que era se tivesse uma criança com HIV positivo, tá? [...] Eu não sei se eu teria estrutura emocional para lidar com isso e não para lidar com a doença, porque o HIV para mim e para meu marido, que somos *gays*, o HIV, graças a Deus nunca chegou nem perto da gente, no sentido de infecção... a gente se cuida muito, a gente tem muito medo disso, mas a gente conviveu de perto com amigos que contraíram, com pessoas que a gente conhece. Eu, particularmente falando, tive amigos que faleceram por conta de HIV e eu, já lá atrás, adulto perdendo um adulto, não... não lidei bem com a sensação... eu não ia saber lidar bem com a situação do meu filho ter o vírus, que iria causar a ele sofrimento, preconceito sabe [...] não sei se eu teria estrutura emocional e psicológica.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Devido ao desconhecimento da realidade de criação de uma criança ou adolescente com deficiência ou com alguma doença, o preconceito existe até mesmo vindo dos pretendentes à adoção. Muitos desses candidatos amedrontam-se por não se sentirem capazes de dar à criança ou ao adolescente toda a assistência necessária durante a vida em razão da complexidade das condições que apresentam. Outros temem a possibilidade de enfrentarem, junto com o filho/a, o sofrimento de não ser acolhido em uma sociedade visivelmente preconceituosa e que não está cultural e estruturalmente pronta para lidar com essas pessoas⁷¹.

André faz uma comparação, a nível emocional, entre o processo de adoção e o processo de gestação normal. Para André, ambos passam por um processo gradativo de reconhecimento e empolgação. Ele relata que:

por motivos óbvios, qualquer casal, seja ele heterossexual, homossexual ou homem sozinho ou uma mulher sozinha, quando adota, não vai passar, obviamente pelos processos biológicos e fisiológicos da gravidez, mas todos os demais... a ansiedade, você passa para o processo de ansiedade, de medo, de felicidade [...] todos aqueles processos que a mulher tem, por exemplo, de no começo tá tudo bem, sabe assim? [...] porque até o primeiro, segundo, terceiro mês a barriga não tá evidente... então assim “ah, tô grávida...” a vida não mudou em nada... “tô grávida”. No momento em que a barriga aparece “Uau! Tô grávida!!!”.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Durante sua analogia, André apresenta a ideia de que o sentimento de maternidade começa antes para a mulher do que para o homem, por ela viver essa experiência corporalmente. Acredita que um dos motivos para o abandono paterno, inclusive, seja essa diferença fisiológica entre as experiências. Ele refere que:

conforme ela [*a barriga*] vai crescendo e o bebê vai mexendo, você é inundado com aquela sensação de tem um filho... para a mulher né, o homem não tem tanto disso... talvez esse seja... seja o fator muito importante... causador de tanto... desculpa a palavra... de tanto babaca abandonando mulher com filho no colo, porque [...] a mulher, ela se torna mãe, no momento em que ela engravida... [...] ela se torna mãe quando ela começa a ver a barriga dela crescer... o sentimento de pai, muitas vezes, nem depois que a criança nasce.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

André segue com sua comparação, afirmando que independentemente da orientação sexual do casal ou pessoa adotante:

o processo de adoção é equiparável, mental e psicologicamente e emocionalmente, é comparável ao processo biológico, porque [...] quando você tá entrando com a documentação, é o equivalente ao da mulher que descobriu que tá grávida... quando você é chamado para [...] a primeira entrevista com a psicóloga, é os três meses da barriguinha parecendo... E aí, a barriga começa a aparecer, e aí então, depois da primeira entrevista, você começa a ficar ansioso... [...] aí a assistente social tá ali pelo quinto, sexto mês da gravidez da mulher. Aí você passa por todo um curso [...] um dia inteiro com jurista, psicóloga, advogado... [...] eles usam esse dia aí, justamente para... para quebrar diversos mitos, diversos tabus, diversas mentiras.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Já para Daniel, a paternidade foi encarada como um aprendizado, que pelo conhecimento acumulado, despertou o desejo de ter mais um filho. Ele refere que:

esse aprendizado foi... foi muito intenso e foi muito bonito, foi muito positivo pra mim assim [...] uma experiência muito intensa, mas ao mesmo tempo muito tranquila... muito bonita e... e me fez achar que eu tinha bastante conhecimento e que ah, agora... porque a gente sempre teve vontade de ter mais um, eu tinha desejo de ter dois filhos, minha esposa tinha desejo de ter três.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

A transição para a paternidade requer um processo de desenvolvimento pessoal, redirecionamento interior e adaptação à nova função. O caso de uma primeira gestação, não contribui para que os homens se sintam capacitados para serem pais. Entretanto, o sentido atribuído à transformação é positivo, posto que o atributo que mais qualifica a transição para a paternidade é “bonita”. Nesse movimento, o homem faz uma avaliação de si mesmo, das suas responsabilidades e prioridades, criando a possibilidade para mudanças de valores e objetivos, abrangendo os valores da vida profissional⁷².

Apesar de considerar um conhecimento adquirido em relação à paternidade, tanto na teoria como na prática, com a chegada dos gêmeos univitelinos, dito idênticos, mas que para Daniel “são semelhantes, eu prefiro colocar assim”, observa que teve uma experiência completamente distinta da anterior tanto pela gemelaridade, assim como por serem “bebês pandêmicos”.

Daniel surpreende-se com uma masculinidade autocentrada e difere-se dela, principalmente durante a pandemia. Ele diz:

fico impressionado assim no tamanho do ego masculino, que ao mesmo tempo é muito frágil [...] não consegui [...] ser o pai que gostaria de ser, ser o pai que eu sei que eu posso ser, ter a paciência que eu sei que eu tento ter, que eu sei que eu posso ter... ser o companheiro

que eu precisava ser... pra minha esposa eh... de apoio, de, de tantas coisas.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

Ao se enxergar dessa forma, Daniel, busca ajuda profissional para cuidar de si, no intuito de retomar “o processo de análise, que eu acho que me ajudou muito assim a, a conseguir respirar e a conseguir olhar pra mim”.

O projeto de paternidade de Gustavo e Robert foi muito desejado e planejado. Robert conta que esse desejo existia antes mesmo dos dois assumirem a homossexualidade, “antes da gente sair do armário e tudo e viver nossa sexualidade de forma plena”. O sonho de serem pais existia enquanto eram melhores amigos, “na época héteros, dentro do armário” e imaginavam seus filhos brincando juntos. Quando começaram a namorar, o desejo permaneceu, “a gente só amadureceu e se programou pra fazer dessa forma, o que a gente fez”.

De acordo com a pesquisadora Anna Uziel, a suposição de recusa da paternidade, em razão do relacionamento com pessoas do mesmo sexo surge como argumento para o estranhamento da parentalidade *gay*⁷³. Como se todo homem *gay* necessariamente renunciasse à possibilidade de ser pai. Contudo, embora a parentalidade homossexual biológica, na maioria das vezes, dependa de outras variáveis além da vontade do sujeito envolvido, existem distintas formas de realizar o projeto parental. Sejam elas por uma relação heterossexual anterior, inseminação artificial com doador anônimo, útero solidário; ou por adoção.

O plano de paternidade foi concretizado do jeito que o casal sempre sonhou. Segundo eles, esse sonho foi construído por influência da

heteronormatividade e da ideia tradicional de filiação biológica. Gustavo afirma que:

a gente criou o nosso próprio sonho [...] a gente ficava naquele momento, imaginando como seria um bebê que fosse a mistura de nós dois, se isso fosse possível, né? Eu acho que bem por uma influência da heteronormatividade mesmo né? Aquele sonho de ter um bebê eh... com a genética do pai e da mãe, gente tentava encaixar na nossa vida. (Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

A resolução do Conselho Federal de Medicina número 2.294 de 27 de maio de 2021⁷⁴ atualizou as regras para a utilização das técnicas de reprodução assistida no Brasil. Dentre as mudanças, destaca-se o conhecimento da identidade entre doadores e receptores, em caráter de exceção, na doação de gametas para parentesco de até 4^o (quarto) grau, de um dos receptores (primeiro grau - pais/filhos; segundo grau - avós/irmãos; terceiro grau - tios/sobrinhos; quarto grau - primos), desde que não incorra em consanguinidade.

Foi a partir dessa modificação, que o casal pode realizar o projeto de paternidade como idealizado. A doação de óvulo foi feita pela irmã de Gustavo e a concessão temporária do útero foi de sua prima, sem caráter lucrativo e tendo em vista que a cedente deveria ter ao menos um filho vivo e pertencer à família de um dos parceiros em parentesco consanguíneo até o quarto grau. A fecundação foi feita com espermatozoide de Robert.

É interessante ressaltar como o jargão médico passa a fazer parte do discurso, sendo incorporado e naturalizado: “começamos primeiro com o amadurecimento dos óvulos, aí tinha que esperar amadurecer. Aí depois fazer a captação, aí depois fazer a fertilização, aí depois que fertilizou tinha que esperar mais cinco dias pra chegar eh... no embrião pra conseguir transferir e aí depois a data da transferência”.

Em relação ao “turbilhão de emoções” vivenciado por Sérgio durante a gestação, é importante ressaltar que a forma como os homens expressam ou não expressam emoções está relacionado aos mandatos culturais da masculinidade em que a manifestação das emoções é considerada como ‘feminina’ e sinal de ‘fragilidade’.

Em estudo realizado por Santos com homens e a expressão das emoções, encontrou-se que os discursos produzidos pelos interlocutores colocaram em evidência uma forte configuração social que relaciona masculinidade a autocontrole, fato que parece conduzir os homens para a incorporação da ideia de que manifestar certas emoções representa um sinal de fraqueza e, portanto, uma ameaça à sua masculinidade⁷⁵. Entretanto, os resultados possibilitam justificar este autocontrole, não na perspectiva da “natureza dos homens”, mas sim à luz de uma exigência social que relaciona os homens a seres emocionalmente fortes e controlados.

A questão do afeto também é citada como dificuldade frente à paternidade preta. Humberto conta que:

tinha um medo muito grande de não conseguir ser um pai afetuoso pro meu filho, porque eu não tive esse modelo e eu achava realmente que como a gente aprende aqui no Brasil, que a gente só tem... que a gente só pode dar, aquilo que a gente recebeu... eu achava que por eu não ter recebido né? Esse afeto do meu pai, eu não ia também conseguir ser um pai afetuoso.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Segundo Humberto, para a ancestralidade africana, “a roda é uma tecnologia, porque você vai pra aquela roda, você leva as tuas questões, dificuldades, anseios, enfim, todo mundo começa a compartilhar com você e você sai daquela troca totalmente diferente, com novas, novas percepções,

novos paradigmas”. Por isso, Humberto busca o aquilombamento^[4], de estar em grupo com outros pais pretos, porque percebe que “a desgraça está no isolamento”.

Em razão da busca por rede de apoio de homens-pais pretos nas redes sociais, falando de sua experiência pessoal de paternidade, Humberto acredita que não sofreu “coisas que muitas pessoas sofrem... de isolamento, de ficar perdido nesse lugar né... de não saber como expressar afeto, dúvidas, enfim... porque na nossa ideia de masculinidade, o homem tem que ser seguro o tempo todo”. Ele descobriu que “não só podia, mas como deveria pensar além desse padrão de masculinidade que dão pra gente e que isso era possível, perfeitamente possível desde que eu me cercasse de referências positivas”.

A pandemia de Covid-19, iniciada dez dias após o nascimento dos filhos gêmeos, implicou uma experiência radicalmente nova para Daniel. Ele afirma que:

foi uma loucura [...] foi um sufoco assim... sufoco de tudo assim... que aí Francisco deixou a escolinha que ele estava e não sei o quê... então foi um grande desafio e continua sendo um grande desafio, [...] tudo que eu achava que estava meio que sob controle, eu descobri que não era nada disso [...] vivemos cansados e felizes.
(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

Após a descoberta da gestação, Gustavo refere uma “montanha russa emocional [...] a gente tem momentos mega eufóricos de muita alegria, momentos de desespero”, ao pensar que em pouco tempo estarão cuidando de dois bebês. Já Robert concorda com essa mistura de sentimentos, mas ressalta que no início foi marcado por muita “ansiedade”.

^[4] Dispositivo proveniente da instituição quilombo, contudo deslocado do seu caráter territorial, com objetivo de revelar a continuidade do ato de aquilombar como tática de resistência e coletividade e denominar experiências de organização e intervenção social protagonizadas pela população negra na atualidade⁷⁶.

Neste sentido, pode-se refletir que para esse homens-pais, suas experiências de paternidade foram marcadas por uma transição, implicando ajustes das expectativas do projeto de paternidade, passagem por diferentes etapas do processo de adoção, aprendizados em relação ao cuidado da criança e da casa atravessado pela pandemia e vivências de intensas emoções.

Homoparentalidade

Optou-se por apresentar esse tópico em separado pelas singularidades de dois casais *gays* com projetos de paternidade distintos: um por adoção e outro por reprodução assistida.

A parentalidade desempenhada no terreno de configurações familiares, formadas por pessoas do mesmo sexo, tem sido nomeada de homoparentalidade. O termo emergiu no contexto francês, no final do século XX, referindo-se ao desejo de uma pessoa de orientação homossexual ser ou ter a intenção de ser pai ou mãe de uma criança⁷⁷.

Ao refletir sobre as dificuldades enfrentadas por ser um homem *gay*, André expõe:

o homem heterossexual, a sociedade heterossexual tem esse preconceito tão grande com o homem *gay* muito enraizado no machismo estrutural da sociedade e esse machismo não com a figura do homem *gay*, é com a figura da mulher. A sociedade heterossexual ela olha o homem *gay* como querendo ser mulher. Eu não quero ser mulher. [...] E aí a gente volta um pouco mais no tempo... década de 50, talvez, década de 40... a mulher era vista como inferior ao homem, ela não tinha capacidade de fazer o mesmo que o homem fazia, ela ganhava menos do que o homem e todo o estereótipo da feminilidade, da fragilidade do sexo feminino, de toda a subserviência, de toda a dependência, o machismo quer embutir dentro do homem *gay*.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

E continua, ao recordar uma experiência pessoal: “enquanto homem *gay*, várias vezes já fui questionado se eu era capaz de fazer coisas que um homem

heterossexual fazia. E eu faço melhor, inclusive, sabe? E com essa visão, o homem *gay*... e ele já é o tempo todo testado na sociedade, porque a sociedade encara esse homem *gay* como sendo menos homem. É quase no comparativo com uma mulher, sabe assim? A mulher está para o homem heterossexual, como o homem *gay* também está para o homem heterossexual”.

O escritor e filósofo francês Didier Eribon compreende que a experiência da injúria é estruturante da subjetividade *gay*. Essa injúria remete a condição social inferior aos demais homens. A contradição presente na fala de André aponta para a busca por ser “melhor”, a fim de recuperar o status social perdido, por conta da orientação sexual⁷⁸. Assim, a possibilidade de vivência da sexualidade e de uma identidade sexual vai passar, de acordo com o autor, ou pela dissimulação de si ou pela emigração para lugares mais liberais. Segundo o filósofo:

[...] a injúria é apenas a forma derradeira de um continuum linguístico que engloba tanto a fofoca, a alusão, a insinuação, as palavras maldosas ou o boato quanto a brincadeira mais ou menos explícita, mais ou menos venenosa. [...] Por outro lado, os mais reticentes à ideia de que a injúria poderia ser um elemento importante da relação que têm com o mundo concordarão com o fato de que, ainda que não tenham tido a experiência concreta disso, têm, ao menos, clara consciência de que tal agressão verbal sempre é possível e paira como uma ameaça instalada em cada instante da vida social (ERIBON, 2008, p.64)⁷⁸.

A equivalência, citada por André, na subordinação de mulheres e *gays* é sempre complicada. Não negando que isso acontece, mas muitos homens *gays* detêm privilégios de gênero que as mulheres não possuem. Carrara e Simões analisando o artigo de Fry sobre a construção histórica da homossexualidade no Brasil, apontam que o mesmo expõe três sistemas classificatórios que estariam disseminados no país conforme as diferentes classes sociais. No primeiro, a hierarquia de gênero, estruturada segundo a polarização

masculinidade/atividade sexual *versus* feminilidade/passividade sexual, envolveria de maneira sistemática todas as identidades sexuais⁷⁹.

A categoria “homem”, nesse cenário, englobaria todos os indivíduos do sexo masculino que hipoteticamente mantivessem posição “ativa” em relações sexuais com mulheres ou homens, sem distinção. Homens sexualmente “passivos”, tidos como “bichas”, “viados” etc., seriam concebidos como uma espécie de híbridos, em que características anatômicas masculinas se cruzariam a atributos de gênero femininos⁷⁹.

Para além do reconhecimento de múltiplas compreensões da sexualidade masculina, que variariam de acordo com regiões, classes sociais e situações históricas, o que Fry distingue é a interconexão de sistemas de conhecimento da sexualidade com cosmologias religiosas e ideologias sobre raça, idade e outros marcadores sociais; principalmente a força da linguagem do sexo para manifestar noções de hierarquia e igualdade que apontavam para um contexto mais amplo de disputas políticas⁷⁹.

André compreende que:

o homem heterossexual tem dessa ‘porque se o homem [heterossexual], tiver amigo *gay* o homem vai dar em cima de mim!’. Uma masculinidade muito frágil... aí quando o homem que se torna pai, ele é provado duplamente: primeiro ele tem que provar que ele é tão homem quanto um homem heterossexual e segundo ele precisa provar que ele é tão pai quanto o pai heterossexual. Porque o homem *gay*, na cabeça do conservador, na cabeça do homem machista, o homem *gay* quer ter um filho para abusar dessa criança!

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Para uma parcela de homens heterossexuais, na convivência entre eles e homens homossexuais há a impressão de uma “demarcação de posições”. Essa demarcação tem o intuito de defendê-los de possíveis questionamentos sobre a sua masculinidade. A masculinidade - compreendida como identidade

construída, reconhecida socialmente e que encontra o seu ideal de diferenciação no modelo hegemônico - é experimentada com suporte da homofobia como dispositivo regulador e de vigilância da masculinidade heterossexual⁸⁰. Pôr em questão a heterossexualidade e, portanto, a masculinidade parece ser a maior ameaça que esse tipo de relação oferece para os homens heterossexuais.

Segundo André, esse discurso disseminado que associa adoção de homens *gays* com pedofilia, apesar de corriqueiro, não coincide com as estatísticas de estupros de crianças e reforça a ideia de que o homem *gay* não é capaz de cuidar de seu (sua) filho(a). Ele afirma que:

é muito comum você reconhecer esse discurso que eles têm sobre adoção homoafetiva, um paralelo com a pedofilia. [...] a maior porcentagem de estupros de crianças... de meninas, né, acontece dentro do seio familiar biológico, da família tradicional e normalmente é pai, tio ou padrinho que estupra essa menina ou esse menino. Nenhum deles é *gay* [...] então, quando o homem (*gay*) adota uma criança, ele precisa provar duplamente que ele é homem o suficiente para adotar uma criança e que ele é tão bom quanto qualquer outro pai.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

A construção do pânico moral da pedofilia, a partir do enfoque de gênero, toma a figura do “abusador sexual”, de modo geral, relacionada ao gênero masculino. Quando a figura do “abusado” é “menino” o que se destaca não é uma interseção de vulnerabilidades (como no caso das “meninas”) e sim, uma justaposição de perversidades, posto que o entendimento dessa relação é atravessado, ao mesmo tempo, pelas concepções de “pedofilia” e de “homossexualidade”⁸¹. Além disso, percebe-se uma compreensão, com base no campo psi, de que na situação do “menino” a vivência do “abuso sexual na infância” pode gerar, entre outras possibilidades, uma identificação futura com o “agressor” (o denominado “ciclo do abuso”). Desde então, foi disseminada a ideia que correlaciona “homossexualidade masculina” e “pedofilia”, apoiando-se na

noção de “contágio”, o que vai se converter em uma tática de reestigmatização e repatologização dos homossexuais⁸¹.

Além do receio de que a ausência dos dois sexos seja capaz de causar transtornos ao desenvolvimento psicológico das crianças, outras fantasias habitam o imaginário social, como perigo de abuso sexual e a definição da orientação homossexual da criança em razão da influência dos pais⁷³. Ademais, um debate a respeito do direito de se submeter as crianças a mais preconceitos, posto que a sociedade ainda encara como anormal uma unidade familiar formada por um casal de pessoas do mesmo sexo.

Em relação às dificuldades sociais enfrentadas por ser um homem *gay*, Gustavo aponta que:

começou por eu vim de uma família cristã conservadora, bolsonarista de direita, então, eh foi difícil crescer no meio que eles, que, que era visto como algo muito ruim, como você infeliz e tudo mais. Então existia toda essa questão religiosa, esse peso religioso na minha vida como um todo assim, até chegar num ponto de empoderamento de eu falar “não a religião não vai mais dominar a minha vida e eu vou eh seguir a minha identidade [...] então houve essas questões: escola, é família, religião eh e vida profissional.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

O cenário de reorganização conservadora em nível nacional trouxe efeitos para as experiências de sexualidade e famílias dissidentes do modelo heterossexual. Nos últimos vinte anos, importantes mudanças ocorreram no modo como a sociedade brasileira convive com as “sexualidades dissidentes”, especialmente a partir do avanço dos movimentos de lésbicas, *gays*, bissexuais, *travestis*, e homens e mulheres transexuais nas arenas públicas e no cenário político contemporâneo. Contudo, a abertura do poder público para as pautas LGBT move-se para um estreitamento cada vez maior nos dias atuais, sobretudo pelo antagonismo de setores conservadores da política brasileira, com ênfase

nos grupos e lideranças do conservadorismo cristão, que conquistaram ainda mais espaço político depois do fortalecimento da crise política e econômica⁸².

Além disso, Robert aponta o *bullying* na escola e a permanência no emprego como outras dificuldades enfrentadas por ser um homem *gay*. Ele afirma que seu ambiente de trabalho era:

muito homofóbico, então eu tinha que trabalhar sem ninguém saber da minha sexualidade, porque muitas pessoas achavam que eu era casado com uma mulher, então, eu tinha que mentir no meu trabalho, entendeu? Então, como eu já tinha desejo de me tornar pai em algum momento, falei, eu não posso continuar dessa forma.

(Robert, 29 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Do pai genérico às singularidades da paternidade

No tópico de encerramento desta seção apresento um contraponto entre dois tipos de paternidade: uma genérica, tida como universal no imaginário social, e as demais atravessadas pelas singularidades das experiências a partir dos marcadores sociais da diferença. A primeira é representada pela paternidade de um homem branco, heterossexual, sem deficiência e de camada média e, no caso dessa pesquisa, outras paternidades que carregam alguma marca social subalternizada – pessoa com deficiência, negro, *gay* ou família monoparental masculina.

Sérgio, homem com deficiência e André, homem *gay*, fazem a tentativa de normalizar suas experiências como pai, na busca por afirmar-se não por suas diferenças, mas pelas semelhanças com o modelo hegemônico de paternidade – branco e cisheteronormativo. Sérgio sinaliza uma recusa a ideia de ser um exemplo para outros homens-pais, buscando uma ética na sua escrita ao não se colocar como exemplo de superação. Ele afirma:

sempre tomei cuidado para não contar a minha história, passando uma ideia de exemplo... eu não sou exemplo nenhum, de nada... nem de superação. Eu sou um ser humano como qualquer outro, cheio de

defeitos e qualidades, como qualquer outro... que comente erros e acertos, como qualquer um.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Sérgio compara sua vivência da gravidez e paternidade como algo similar à de outros homens-pais sem deficiência, tanto em nível emocional quanto de responsabilidade, apontando sua concepção de paternidade, o que fica evidenciada em seu relato:

foi um turbilhão de sentimentos e emoções... a gravidez foi como eu costumo dizer que a única diferença estar no lugar de quem nos observa, porque embora nós tenhamos aqui todas as adaptações né pra mim... tem tudo... pra dormir, pra comer, pra tudo, mas a paternidade é a paternidade né... então eu sou pai como qualquer outro.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Ainda no que diz respeito a sua experiência como homem com deficiência,

Sérgio acredita que:

a nossa sociedade não tá preparada para todos os tipos de gente [...] quando aparece uma família atípica e que ela, na verdade, ela é típica [...] as pessoas olham com 'Ó, maravilhoso... que milagre! Olha, que esplêndido!', quando na verdade [...] deveria ser natural né... não o capacitismo... não é porque a pessoa tem deficiência que ela é um santo ou um herói ou uma vítima né... então nem o vitimismo e nem... vítima nem super-herói.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

André refere uma tentativa de se afirmar pela semelhança, ao dizer que:

a nossa família é uma família como qualquer outra... que tipo, vai ter dia de piada, vai ter dia de falar sério, vai ter dia de castigo, vai ter dia que o almoço é arroz, feijão [...] e vai ter dias que o jantar é pizza... [...] a única... única e literal diferença existe da minha família para qualquer outra é que aqui são dois pais [...] a gente decidiu fazer isso, para mostrar a normalidade da nossa família.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Retomando sua experiência pessoal, diferentemente do que se possa esperar para um casal homoafetivo adotante, diz que “nunca passamos por nenhuma situação de preconceito, por sermos um casal homoafetivo... é... não passamos por nenhuma dificuldade nem jurídica, nem burocrática... no sentido

de usar do fato de sermos homoafetivos para dificultar a nossa adoção... o nosso processo foi como o processo de qualquer outro casal, transcorreu super tranquilamente e como a gente não fez restrição quase nenhuma, dentro de um ano e meio a gente já estava com as crianças em casa”. De modo similar ao Sérgio, há uma tentativa de normalizar os processos. A ideia de “qualquer”, sugere uma tentativa de afirmar “somos iguais, ainda que diferentes”.

É possível destacar progressos no enfrentamento aos preconceitos absurdos que envolvem as aspirações familiares de *gays* e *lésbicas* há tanto tempo. O Brasil também esteve inserido nessas tendências. Por diversos motivos, ainda existem poucas pessoas *gays* e *lésbicas* utilizando as novas tecnologias reprodutivas, entretanto, devido as lutas na arena política, ativistas podem contar, em algumas regiões do país, com a empatia dos juízes e serviços de adoção⁵⁹.

Apesar da paternidade *gay* marcar uma diferença em relação ao modelo hegemônico de paternidade heterossexual, os pais *gays* compartilham um discurso mais próximo da assimilação do que da diferenciação, como apontado no estudo de Herrera, Miranda, Pavicevic e Sciaraffia com pais *gays*, que tiveram filhos em contextos homossexuais. Esses homens são casados e vivem com seus parceiros há muitos anos. Isto é, reproduzem o modelo de família biparental, em que o parceiro conjugal é o mesmo que o casal parental⁸³. Para ‘adequar’ suas identidades parentais, que são encaradas como ‘anormais’, e atingir a inclusão social, esses pais decidem estrategicamente se aproximarem o máximo possível dos modelos familiares normativos⁸⁴.

As experiências dos pais homossexuais não são restritas a eles e podem não estar necessariamente associadas à sua orientação sexual. Homens em

relacionamentos heterossexuais com problemas de fertilidade ou pais adotivos também devem ultrapassar obstáculos significativos para ter filhos e também contestar a primazia dos laços biológicos⁸⁵. Desse modo, um casal masculino sendo o principal cuidador de um bebê provoca fissuras nos estereótipos de gênero. Assim, demonstra-se como um contexto heteronormativo que desvaloriza a homossexualidade influencia diretamente as experiências parentais de homens *gays* no Chile⁸⁵.

A paternidade de Humberto é marcada pelo lugar social do recorte racial. Sendo um homem preto, assim que descobre que sua esposa está grávida, preocupa-se com a questão racial do Brasil e recorda uma situação de racismo com criança, veiculada pela mídia:

a gente vê que até criança de dois anos são vítimas de racismo nas redes sociais... pessoas atacando por causa do cabelo, dos traços, enfim... eu acho que é um dos casos mais emblemáticos foi a filha da Beyoncé... eu lembro que teve um apresentador de TV argentino se não me engano, que foi até demitido, porque no ar... em um programa ao vivo, ele comparou a filha dela a um chimpanzé, uma coisa assim... horrorosa... e ele foi demitido, enfim [...] eu não vou ter estrutura para lidar com isso sozinho.

(Humberto, 40 anos, um filho de 2 anos)

Com a separação, Rafael e a mãe de seu filho precisaram tomar a decisão de quem ficaria com ele. Os motivos considerados para essa escolha foram de cunho financeiro, ele refere que por “ter uma estrutura melhor para oferecer, acabou que a gente acertou do meu filho ficar comigo” e a mãe de seu filho retorna para sua cidade natal. Entretanto, após alguns meses “acabou que ela se estabeleceu lá e aí a gente teve uma decisão judicial pra brigar pela a guarda”. A guarda permanece com Rafael, que afirma que “desde esse momento aí, do fim de 2010, eu sou basicamente pai solo”.

Nesse sentido, para além das diferenças dos marcadores sociais elencados, Daniel representa um contraponto em relação aos demais homens-pais, uma vez que não possui nenhum marcador socialmente desvalorizado, pois como homem branco, heterossexual, casado e sem deficiência, pertence a masculinidade hegemônica, reconhecendo seus privilégios. Isto é, diversamente dos outros entrevistados, Daniel não possui uma experiência pessoal de paternidade partindo de desigualdades e opressões sociais anteriores.

4.2 Da experiência pessoal ao ativismo: percursos nas mídias digitais

As narrativas dos homens-pais entrevistados apontam que as motivações para a criação do perfil no *Instagram* foram da ordem do compartilhamento da experiência pessoal de paternidade, do ativismo de pautas de determinadas agendas políticas, que atravessam suas experiências antes da paternidade e da criação de um “mercado da parentalidade”.

Experiência pessoal de paternidade

Em relação às motivações que levaram a criação do perfil no *Instagram*, Sérgio acredita que seja por diversos motivos, apresentando como primeiro lugar:

uma necessidade que eu sempre tive de me expressar, de me comunicar, além de ter o desejo de criar uma memória afetiva para ela [*filha*], tipo um álbum de família moderno né, mas explicando e contextualizando as fotos e contando essa história [...] comecei a escrever, registrar toda a nossa jornada em busca aí da paternidade e da maternidade [...] tipo um diário.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Enquanto Rafael, apesar de motivações semelhantes, refere um percurso diferente. Ele afirma que antes da criação do perfil no *Instagram*, fez um blog, motivado pelo próprio nascimento de seu filho. Conta que:

quando o meu filho nasceu, nasceu um blog também... que era o meio que eu mais gostava de comunicar né? Eu sempre... tive blogs, tipo diário pessoal [...] eu já tinha um blog que falava de paternidade... acabou sendo meio natural falar desses assuntos, porque eu sempre... é... trato desse assunto em blog e *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, em tudo né? Então, como eu tinha um canal de paternidade, acabava que as redes que eu criava ajudavam a distribuir o conteúdo que eu criava no blog... isso aconteceu com o *Instagram* e hoje, o blog tá praticamente parado.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

A mudança na produção de conteúdo de Rafael fez com que seu objetivo fosse:

falar um pouco mais da experiência pessoal... menos... não sei... acho que é... 2018 foi um ano muito complicado [...] eleições também... e foi muito frustrante ver as pessoas... defendendo coisas, que eu não defendia... então foi um momento mesmo de bastante... um pouco de angústia com o digital e ao mesmo tempo de se redescobrir.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

Já André relata que as motivações para a criação do perfil vieram de seu companheiro, a fim de:

mostrar nosso dia a dia... porque a gente percebeu que as pessoas tinham curiosidade de saber como é que era a... a vida... e a gente percebeu isso [...] quando a gente deu essa entrevista... na época era pro *site* do Ig, né? [...] Nessa entrevista a gente percebeu que teve muito comentário...

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Apesar de compartilhar sua experiência como homem-pai *gay*, André afirma que a criação de seu conteúdo não tem um público-alvo, ele acha que:

qualquer pessoa que se encontrar no momento de dúvida, de incerteza sobre ser pai ou ser mãe, dúvida sobre adoção ou que se identifique com o meu conteúdo, eu acolho e dou boas-vindas para que esse seja o meu público. Se você me pedir para mapear quem me segue hoje, via de regra são mulheres... ali entre os seus 18 e 35 [anos], sabe? A maioria. Mas a parcela masculina é muito pouca.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

André refere que, mesmo que ele não faça um direcionamento específico ao público feminino, esse público é o que mais acessa as publicações acerca de sua experiência de paternidade e sobre adoção. Esse dado sugere uma dificuldade no engajamento de homens sobre as discussões em relação a paternidade e planejamento reprodutivo. Constata-se que o processo de inclusão dos homens no debate sobre direitos reprodutivos tem ocorrido de forma ainda muito incipiente quando em comparação ao que houve com as mulheres, há pelo menos três décadas, no campo da sexualidade, reprodução, saúde sexual e reprodutiva e dos direitos das mulheres de modo mais amplo²⁷⁻
86.

Articulação de agendas políticas

A pluralidade de pautas e a articulação de diversas agendas é destaque em todas as narrativas. Além da discussão sobre paternidade, também estão presentes nas redes sociais dos interlocutores pautas das agendas anticapacitista, antirrascista, antiLGBTfóbica e equidade de gênero.

Sérgio além de desconstruir a ideia de superação tão relacionada no discurso sobre a deficiência, também problematiza a visão hegemônica da deficiência com lamentação e tristeza, ao afirmar:

pode levar com leveza... por que não? Com ironia? Porque o humor... o humor e a ironia é uma linguagem que você consegue captar a questão do outro... você consegue acessar o interior do outro e trazer, *convidando ele* para uma reflexão... ou de preconceito, quebra de mito né? Tabu. E continua “[...] não existe tristeza eterna e nem alegria que dure para sempre”. Outro ponto que busca desconstruir é “a sexualidade da pessoa com deficiência, que é um tabu gigantesco né?”
(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Já, o coletivo idealizado por Humberto discute diversas pautas que vão além da paternidade, mas se relacionam com ela. Ele relata que:

começou falando especificamente de paternidade e hoje a gente fala de educação, projeto político pedagógico, a lei de 10.639 de 2003, a gente fala de masculinidade saudável, paternidade, enfim... acabou gerando outra... outros desdobramentos né? Indo além da paternidade.
(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

A organização do coletivo comporta cinco frentes que são elas:

aquilombamento, que é essa união né? De pessoas pretas... ah o letramento racial, educação parental, a consultoria étnico-racial e a questão da, da educação parental afro referenciada e afro perspectivada. Porque... enfim, a gente tem que fazer um recorte quando fala em educação parental.
(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

O público-alvo do coletivo é prioritariamente o pai preto, por ser “invisível socialmente.” Enquanto o grupo Mães Pretas Presentes direciona sua fala para “as mulheres, nós focamos nos homens e aí ninguém fica desassistido.” A troca com pessoas brancas ocorre apenas:

quando realmente estão dizendo coisas que agrega, porque é muito comum a gente ver comentários do tipo como ‘gente, para com isso... a gente... somos todos iguais...’, ‘história de falar de racismo não está com nada... é só parar de falar que o racismo desaparece...’, ‘cota é esmola’. Pautas que não agregam não são discutidas.
(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Em relação ao perfil administrado por André, ele acredita que houve agregação de outros objetivos:

compartilhar o nosso dia a dia, esse continua sendo o intuito principal... e em meio a isso, em meio a compartilhar esse dia-a-dia, eu pensei ‘por que não compartilhar informação útil também?’, sabe? Depois que a gente apareceu, por exemplo no Ig, várias pessoas descobriram nosso perfil, passaram a seguir a gente e a gente recebe muita *DM* de pessoas que estão na mesma situação... de casais homoafetivos ou de homens e mulheres *gays* que querem, por exemplo, adotar e morrem de medo de passar por preconceito. Então... a gente já participou de diversas rodas de conversa sobre paternidade, onde nos questionam por isso... eu acho que já que eu tenho essa informação na minha mão, já que meu processo foi tão minucioso e me aprofundei tanto nesse processo, que eu acho que é interessante eu poder compartilhar isso.
(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

André acha que:

quando você compartilha sua história com alguém, é muito mais do que simplesmente a informação... informação por informação você entra no *site* e você consegue né? Você vai nos canais oficiais e as informações burocráticas você consegue. [...] quando eu compartilho nossa história com outro casal homossexual, o que eles estão vendo em mim é que é possível, entende? [...] O que eu tô dizendo quando eu falo para alguém é da minha experiência.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Para André, as publicações feitas no perfil também são na intenção de ser um porta-voz de pessoas LGBT que têm medo de se manifestar, ao afirmar que:

se eu posso dar voz para alguma coisa, eu dou essa voz, sabe? Eu já passei por inúmeras situações de preconceito, mas eu sempre me defendi, eu sempre tive como me defender e quando eu abro a minha boca para fazer um conteúdo ou para fazer uma postagem um pouco mais polêmica... não só no @papai_e_papia, mas no meu pessoal também [...] e se eu faço isso, primeiro é porque eu estou seguro de mim o suficiente para fazer isso e tem quem não é... existem pessoas que não se manifestam com medo da represália que elas vão ter no dia seguinte.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Ele continua explicando o intuito de suas publicações:

quando eu coloco a minha voz, quando eu coloco a minha cara, quando eu coloco algum texto nas nossas redes é na esperança de que essas pessoas vejam que elas precisam se manifestar [...] E essa representatividade é fundamental para que as novas gerações consigam se manifestar e consigam se posicionar, porque o preconceito, de verdade, só vai acabar quando essas pessoas preconceituosas perceberem que não tem mais volta, entende? 'Você não vai me colocar de novo dentro do armário! Eu passei décadas com a minha voz fechada, trancada dentro de um armário. Agora que eu tive coragem de sair, você não me tranca mais. Se você aprender a conviver com isso, lindo! A gente vai conviver em harmonia. Se você não aprender a conviver com isso, o problema é seu, quem vai perder cabelo é você'.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Rafael comenta que os temas abordados no seu perfil giram em torno “principalmente de paternidade, coisas que a gente tá fazendo, coisas que eu tô lendo, etc... lugares que a gente vai [...] família monoparental [...] pai solo... que infelizmente, um retrato muito mais gigante do que acontece, é de mães solas, né? [...] um diferencial”. O interlocutor resume suas publicações em três pilares “paternidade, cidadania e literatura”.

Em investigação acerca das famílias monoparentais masculinas, Carvalho observou que pais podem cuidar de seus filhos cotidianamente, com distintas representações de gênero, vivências de cuidado na infância, classes sociais, idades dos pais, dos filhos, raça/etnia, até mesmo sem prática anterior, a despeito de suas características relativas à religião, profissão, rendimento, tempo de união com as mães e locais de trabalho⁶⁶.

A pesquisa revela que os laços anteriores com os filhos tenham sido facilitadores significativos da decisão de cuidado, uma vez que a maior parte dos pais residiu com as mães no período da gestação e nos primeiros meses de vida das crianças. Metade dos pais separados requereu a guarda ao notar os perigos que seus filhos viviam, ressaltando que as crises provocaram sentimentos de empatia pelos sofrimentos de pessoas por quem sentiam amor e responsabilidade⁶⁶.

Rafael relata que com a mudança na sua produção de conteúdo, houve uma transformação no público-alvo que consumia seus conteúdos, antes “o público era bem mais geral mesmo, que era famílias, não era nem pais exatamente”. Progressivamente, tornou-se:

um público de famílias engajadas em alguns temas políticos... porque é um pouco disso que eu acabei construindo nos últimos anos, né... houve uma mudança, de perder seguidores e ganhar seguidores novos... tá rolando alguma troca muito maior... eu cheguei a ser candidato à vereador, na minha cidade... então, faz uma... chegada nova de pessoas, nesse sentido... e hoje, principalmente, com essa questão né... ainda é um conteúdo que tem bastante coisa em famílias e tal... mas é um pouco mais engajado... até por questões políticas, que eu nunca deixei de fazer em nenhum momento.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

Dessa forma, quando questionado, Rafael responde que se considera “mais próximo de um ativista digital, do que de um *influencer*”. Isso, porque suas postagens abordam além da paternidade, “literatura, eu gosto muito [...] ativismo

político, de militância, de tá junto ali e não sozinho [...] reunião de partido, manifestação”. Entretanto, “em alguns momentos eu trabalhei muito mais mesmo como microinfluenciador”.

Daniel enxerga a criação de seu perfil como:

uma coisa muito informal [...] foi um lugar pra eu compartilhar os trabalhos que eu faço e de compartilhar outras coisas que tenham como foco a ideia de paternidade como uma ferramenta de equidade de gênero [...] trazer alguma contribuição [...] eu costumo dizer que a minha experiência com a paternidade não interessa [...] eu tô falando de um lugar de uma família que tem uma renda estável, só isso já difere da maior parte da população do país.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

A crítica ao relato pessoal da experiência de paternidade é construída com base nas desigualdades produzidas a partir do marcador social de classe, que coloca Daniel em posição de privilégio.

Além de conteúdos sobre paternidade e equidade de gênero, Daniel compartilha “alguns conteúdos específicos, quando são coisas mais assim... recentemente teve um lançamento do primeiro relatório sobre a situação das paternidades negras do Brasil”. Ao falar sobre seu público-alvo, refere que seu “desejo é que homens acessem esse material, sejam pais ou não”.

Daniel se declara ativista. Ele discorre:

eu me considero um ativista. Na vida. Eu sou ativista contra a violência contra as mulheres, ativista pelo movimento dos homens com a igualdade de gênero, mas eu nunca nem tinha pensado ‘ah, sou um ativista das paternidades’, mas é... eu nem gosto do termo ‘influenciador’ e não sei o que... eu tenho um pouco de ojeriza a isso... tenho muito agonia com isso [...] ideia do influenciador [...] acho tudo tão estranho assim [...] sou um ativista fora das redes. Sou ativista nas redes.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

Gustavo e Robert contam que a motivação para criar o perfil no *Instagram* surgiu por não perceberem referências de casais homossexuais felizes nos meios de comunicação midiáticos. Gustavo comenta que:

a gente não tinha referências eh... de casais *gays* felizes na mídia de, de comunidade LGBT como um todo [...] A gente tem dez anos de casados, a gente nunca se separou nesse período. É uma história de um relacionamento de sucesso [...] a gente precisa mostrar pra aqueles jovens *gays* lá do interior do Brasil, lá da do sertão da Paraíba, do, da serra de Santa Catarina que é possível [...] então a ideia era justamente mostrar que é possível, que não é fácil, que tem suas dificuldades, mas que é possível ter um final feliz. Então esse perfil tem esse objetivo.
(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Nessa fala é interessante ressaltar a ideia de sucesso associada ao tempo cronológico e o desejo de audiência, que tenha um alcance do sul ao nordeste brasileiro. Entretanto há um recorte de classe que não aparece no discurso do casal, configurando um apagamento do marcador social de classe, como se a disponibilidade de recursos fosse igualitariamente acessível a todos.

A influência da classe social e da renda econômica na forma como os pais homossexuais vivenciam a paternidade é um aspecto que deve ser considerado. Em estudo de Herrera et al., foram constatados alguns sinais de como os pais com mais recursos são capazes de ter melhores oportunidades de construir um ambiente seguro para suas famílias, posto que têm mais possibilidades de escolhas de moradia, saúde, alimentação e escola seus filhos⁸³. Os autores pontuam ainda que homens homossexuais com maior capital social e econômico são os que têm maior chance de ter acesso à paternidade, o que faz refletir como a reprodução é estratificada.

Além do mais, existe a exclusão digital, fato que divide a população entre aqueles que possuem acesso a essa ferramenta e aqueles que não têm essa possibilidade⁸. A exclusão digital tem implicações significativas, pois retrata e agrava outros tipos de desigualdades socioeconômicas, posto que o uso da Internet é estreitamente condicionado por variáveis como idade ou estudos⁸⁷, e

não é territorialmente distribuído de forma igualitária⁸⁸. O acesso a novas tecnologias surge como um novo indicador de desigualdade⁸⁷⁻⁸⁹.

O casal defende que um dos objetivos de seu trabalho cumpre:

uma função social muito forte em pessoas assim [...] pessoas muito jovens eh... que estão no armário e querem sair do armário, querem se empoderar, querem descobrir que podem ser felizes ou ainda estão nesse momento de 'meu Deus, será que eu posso ser feliz? Será que eu me aceito e tudo mais?' [...] 'Estou infeliz. Preciso sair desse casamento' [...] então a gente está trabalhando assim, porque o trabalho mesmo vai começar depois que as crianças nascerem. Entende? Então não sei como é que vai ser isso [...] a gente vai ter que continuar aconselhando essas pessoas, vai ter que continuar produzindo conteúdo pra levar essa história mais longe.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Gustavo e Robert referem que outro objetivo de criar o perfil no *Instagram*

foi:

trocar experiências com pessoas que já passaram por esse processo. Então a gente gostaria de saber como que é na hora que esses pais gays levam os filhos à escola pela primeira vez, se os meninos sofrem alguma coisa de preconceito. Como é que é o crescimento? Como é que é área de alimentar. Tudo desse mundo envolvendo dois pais. Então foi uma forma de também a gente se aconselhar com pessoas que já passaram por isso.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

A categoria ativista-especialista surgiu a partir das falas de Humberto e Daniel, homens que já tinham conhecimentos prévios sobre ancestralidade africana, Mulherismo Africana, paternidades e equidade de gênero, antes de suas experiências pessoais de paternidade, que lhes possibilitaram reflexões e vivências baseadas em estudos anteriores.

Devido seu aprofundamento nos estudos sobre ancestralidade africana, que acredita ser possível “matrigestar^[5] uma nova versão de si, através das

^[5] A matrigestão é um conceito originado do matriarcado africano que diz respeito a uma concepção afrorreferenciada, ou seja, não está submetida às lógicas ocidentais dicotômicas de gênero. Como trata-se de um útero mítico-ancestral africano, diferente da figura feminina construída pelo Ocidente, as estratégias de sobrevivência e reorganização da vida em territórios diaspóricos precisam ser analisadas por todas e todos os membros da comunidade negra⁹⁰.

trocas”, ao descobrir a paternidade, Humberto faz o movimento de buscar rede de apoio de homens-pais pretos nas redes sociais, encontrando “outras formas de paternar”, diferente da hegemônica que “nega esse lugar do afeto ao homem”. Alguns homens “deram a ideia de a gente fazer um grupo... pra falar de paternidade, masculinidade, maternidade e afeto no *WhatsApp*”.

No que diz respeito às pautas abordadas nas redes sociais do coletivo idealizado por Humberto, destaca-se a “humanização do homem preto, já que as mídias colocam o homem preto sempre como violento, agressivo, ausente, abusivo [...] abrangendo também famílias pretas”. Humberto menciona como exemplo que:

no Agosto Dourado, campanha da amamentação... no Brasil [...] eu particularmente fiz essa pesquisa, eu não vi eh... *outdoor*, comercial, campanhas com mulheres pretas amamentando, porque no Brasil o lugar social da mulher preta é aquele lugar da babá, da empregada doméstica, tanto que viralizou um vídeo de uma vereadora, sendo chamada ‘ah você é empregada!’, a mulher que invadiu lá na Casa Legislativa no sul, chamou a vereadora negra de empregada, dizendo isso como um ataque.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Humberto continua sua narrativa sobre a discriminação da parentalidade preta, ao afirmar “só existo como pai preto em agosto”. A visibilidade e reconhecimento social do pai preto ocorrem apenas no mês da paternidade, o que aponta para uma estratégia de marketing das empresas que supostamente compõem a luta pela inclusão e diversidade. Humberto ressalta ainda que sabe:

quando eu estou num evento, como aconteceu recentemente, que estava um deles [*influenciadores brancos da paternidade*], eu sei quanto eu estou ganhando, quanto eles estão, estão ganhando, eu percebo até nisso, o racismo né, quer dizer, um cachê absurdo pro palestrante branco e um cachê ridículo pra mim, sendo que a gente fala sobre a mesma coisa, durante o mesmo tempo.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Daniel aponta que seu trabalho com as paternidades, iniciou antes de ser pai. Ele relata “eu era um especialista da paternidade sem ser pai, né? Então a paternidade faz parte da minha vida há muito tempo, faz parte do meu trabalho, o meu trabalho desde sempre é trabalhar com a temática das masculinidades e gênero.” A ideia de especialista da paternidade traz como pressuposto a noção de que há conhecimentos e habilidades excepcionais acerca da paternidade, colocando-o como alguém que pode ensinar o que é ser pai.

Antes mesmo da criação do perfil no *Instagram*, para Daniel, a paternidade se apresentava “como uma ferramenta eh... pra trabalhar a equidade de gênero”. Mais uma vez ela aparece como porta de entrada para trabalhos mais amplos sobre saúde e equidade de gênero, isto é, o seu saber de especialista traz oportunidades de destaque, em relação aos demais homens-pais.

A motivação para a criação do perfil surgiu ao perceber:

que teve um boom, né? De se falar sobre paternidades, né? Nos últimos tempos. E eu via muita gente falando e muita gente falando, sempre umas coisas muito... às vezes acho que algumas coisas muito, que pegavam uma coisa muito mais pessoal assim... e, e essa coisa, às vezes esbarrava muito nessa coisa de como ensinar a ser pai ou coisas do tipo [...] acho que ninguém ensina ninguém a ser pai, nem a ser mãe.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

Daniel faz uma crítica ao modo como alguns conteúdos sobre paternidades eram produzidos, discordando da tentativa de ensinar homens e mulheres a serem pais e mães. Diferencia-se desse tipo de iniciativa, afirmando sua busca por “incentivar os homens a se envolverem mais com a temática das paternidades”.

Quando a paternidade vira um “negócio social”

Um tópico relevante abordado nas entrevistas foi a paternidade como um negócio social. Nesse sentido existe uma causa social envolvida e um ganho financeiro. Sérgio não possui público-alvo específico, acreditando que “em termos de engajamento pode ser que atrapalhe, mas eu também não tenho intenção de ganhar dinheiro com o *Instagram*... se eu tivesse intenção de ganhar dinheiro com o *Instagram* eu procuraria uma assessoria”.

Humberto conta que dá palestras “pra várias empresas né, nacionais, multinacionais e um trabalho que eu nunca imaginei nem que existisse e ele tem uma receptividade incrível”. O coletivo “já é um empreendimento social, com CNPJ e tudo mais, e eu já faço trabalho educativo no coletivo, então eu não deixaria de ser professor, só que enfim... a gente não sabe né da economia”. Ou seja, ele demonstra desejo de trabalhar apenas como palestrante e consultor étnico-racial, contudo, a economia brasileira gera insegurança para tomar essa decisão.

Ainda falando do coletivo como um empreendimento social, Humberto afirma que aos poucos foi percebendo que era necessário:

ter um contador, era preciso ter alguém no marketing, enfim a gente foi estruturando e hoje tem pessoas profissionais, que nos assessoram nessas frentes, de forma que ninguém é obrigado, por exemplo, virar a noite pra emitir nota fiscal, como eu já tive que fazer lá atrás em 2019, por exemplo. Hoje está tudo muito mais equilibrado e já temos uma agenda de postagens no *Instagram*, pela própria plataforma... então hoje por exemplo, tem postagem que saiu que já estava agendada desde semana passada. Então, ninguém precisou entrar no feriado, entrar pra fazer postagem. Então, já está uma estrutura muito mais eh... robusta né? Uma coisa mais, mais profissional.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Há uma tensão gerada entre dinheiro e pautas defendidas pelo coletivo, que leva a uma tomada de decisão, expressa por Humberto ao dizer:

cara, é isso que eu não quero pra mim... é ficar escravo dessa máquina [...] quero levar a contribuição eh... agregar valor às pessoas e

empresas, mas não que isso custe a minha liberdade, né? A paternidade, meu casamento. Né? Então, isso a gente realmente nunca abriu mão disso, nem vamos abrir assim.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Ele acredita que “o capitalismo realmente [...] traz grandes possibilidades de retorno financeiro, mas eu acho que perder a coerência, né, não é um preço, é... que vale a pena, né [...] se você perde a sua essência, aí já perde a razão, perde de tudo”. O coletivo recusa o convite para publicidades que não agregam para as pautas que defendem, pois não querem “ganhar o mundo e vender a alma”.

A estrutura conectiva das mídias sociais favorece a circulação de informação, ao mesmo tempo que promove um redimensionamento dos repertórios políticos com o estabelecimento de uma visibilidade mediada e de uma fantasia de participação que tensiona ativistas e conduzem por repertórios mercadológicos e neoliberais via engajamento, empoderamento e protagonismos individuais⁹¹.

Após a criação do perfil @papai_e_papia, com o decorrer do tempo, foram surgindo algumas propostas inesperadas, como cita André:

a gente acabou crescendo... assim, várias pessoas começaram a descobrir a gente... como você... de entrevista ou de querer que a gente participe de alguma *live*, de algum podcast, alguma coisa parecida e o intuito nunca foi de promoção... sempre foi de mostrar a nossa família, como ela é e acabou que tá começando a virar algo que a gente não esperava [...] então assim, criar conteúdo mesmo... falar ‘vamos criar conteúdo’ foi esse ano [...] começaram a aparecer por exemplo, algumas... por exemplo, *Nexcare*... a *Sunglass*... aquela *Beats*, de fone de ouvido... algumas marcas de sorvete, sabe assim? Algumas empresas começaram a nos olhar como potenciais parceiros.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Ainda que não seja algo profissional, demonstra interesse em monetizar o perfil no *Instagram*:

vamos ver se isso muda... infelizmente, até hoje nenhuma... não fomos procurados ainda por nenhuma parceria paga né? Eu acho que nosso número de seguidores ainda é baixo pra isso, mas a gente já começou a levantar o interesse de algumas empresas em fazer parcerias no gênero 'eu te mando o produto pra você testar e você posta o produto nas redes sociais'... e a gente tem feito isso... a gente tem feito bastante.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Rafael comenta que houve uma mudança na forma como ele lidava com a produção de conteúdo nas redes sociais, antes relata que:

trabalhava até mesmo profissionalmente conteúdo de pais... eu tinha essa opção e *tava* sempre tentando trazer um conteúdo... é como posso dizer? Focado em ajudar pais e coisas do tipo... dá dicas do que os pais devem ler, do que brincar e... para ajudar... bastante, por exemplo em... 2018... antes de 2018 eu cheguei a gravar quarenta vídeos no *YouTube* e em 2019 eu gravei quatro vídeos... então, foi uma mudança assim... uma queda muito brusca, assim... que antes eu atuava mais especificamente para isso... e essa mudança mesmo eu acho que foi importante nesse sentido também... de redescobrir o que eu queria fazer ou não.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

A paternidade surge também como um 'negócio' para Daniel, ao referir desejo de abrir uma empresa de consultoria, "porque as consultorias tão entrando mais, tão crescendo mais e tal [...] e aí o nome da empresa vai ser, é na verdade, 'Paternidades Equitativas', e aí eu tô pensando agora em ter justamente uma logomarca para essa empresa".

Gustavo e Robert dedicam uma grande carga horária ao *Instagram*, isso porque produzem:

dois *IGTV*, dois *reels*, *TikTok* por dia [...] duas horas pra fazer cada um [...] o Robert passa vinte e quatro horas por dia respondendo. Porque assim são milhares de mensagem. Milhares [...] a gente recebe um volume enorme de mensagem das pessoas se abrindo, contando coisas tão íntimas da vida delas. Alegrias, frustrações, projetos futuros da vida deles, entendeu? Pedindo conselhos [...] dar um conselho, tentar orientar, porque esse é o objetivo do perfil no final [...] gente ajuda todas as pessoas.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Gustavo e Robert contam com a assessoria de uma agência de publicidade, que os procurou para oferecer seus serviços. Os interlocutores contam que:

foram eles que acharam a gente, eles que correram atrás e a gente gostou, a gente foi atrás também pra saber se era uma empresa confiável, grande e tudo e sim uma grande empresa a nível nacional que agencia vários nomes bem grandes no Brasil. Então a gente sentiu mais seguro pra assinar um contrato com eles e tudo.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Na sociedade conectada em rede, é possível notar que o alcance dos influenciadores digitais tem aumentado à medida que se compartilha conteúdo na web. Atualmente, eles são grandes expositores de marcas e produtos, como também propulsores eficazes de vendas. A visibilidade concedida pelas plataformas sociais, somada à produção de conteúdo para seguidores instigados pela experimentação, transforma essas personalidades em canal de marketing⁹².

Os líderes de opinião adquirem um novo sentido por intermédio da propagação de produtos, ideias e comportamentos em ambiente *online*. As pessoas tendem a estarem mais atentas e confiantes às informações provenientes de contatos pessoais do que às informações enviadas através de mensagens vindas diretamente de empresas⁹³. Os setores de marketing das organizações juntamente com as agências de publicidade estão investindo em maneiras de influenciar as recomendações entre pessoas, incluindo seus produtos e serviços dentro desse contexto.

Devido seu potencial de disseminar discussões e influenciar decisões, eles começam a ser patrocinados por empresas e marcas para criar publicidades em seus conteúdos, se profissionalizando como “influenciadores digitais”. Em princípio, qualquer pessoa com acesso às plataformas digitais é capaz de criar

conteúdo na internet e, porventura, tornar-se um influenciador. Contudo, muitos daqueles que alcançam visibilidade nesse âmbito têm mais recursos financeiros e reiteram padrões culturais e estéticos hegemônicos⁹⁴.

Nesse sentido, o casal entende que “existe lado profissional também né? Mas eh... falando do nosso objetivo é sempre empoderar e, e, e conversar com a comunidade LGBTQIAP+^[6] como um todo mesmo, sabe? Porque a gente sabe que é uma comunidade que carece de representatividade”.

Além dos objetivos já citados pelos interlocutores, há uma expectativa de alcançar uma maior audiência e tornar a produção de conteúdo um negócio, sendo conduzidos pela agência. Eles relatam que:

a agência que gerencia aí também o marketing do, do nosso perfil, eles foram indicando que a gente fizesse conteúdos mais experimentativos assim, eles falaram ‘não fiquem nichados, porque isso vai limitar muito vocês, em questão de monetizar o perfil’. E também em questão de atingir mais pessoas [...] e pra fechar mais parcerias [...] então a gente está trabalhando assim, porque o trabalho mesmo vai começar depois que as crianças nascerem. Entende? Então não sei como é que vai ser isso [...] a gente vai ter que continuar aconselhando essas pessoas, vai ter que continuar produzindo conteúdo pra levar essa história mais longe.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Ao serem questionados se consideram-se ativistas ou influenciadores digitais, não se identificaram com nenhuma das categorias, Robert afirma:

não sei se chega a ser soberbo, mas se achar... um, um influenciador digital [...] já tem dado esse peso hoje em dia de influenciador [...] a gente enxerga assim como um trabalho, como uma fonte de renda e uma fonte de renda que permite que a gente passe mais tempo com os nossos filhos. E também uma função social. Entende? Que, que é a questão da representatividade e tudo mais.

(Robert, 29 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Em consonância com os resultados encontrados neste estudo, Oliveira em sua pesquisa sobre os usos das mídias sociais pela comunidade LGBT

^[6] Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

investigou características midiáticas organizacionais, na esfera institucional da ONG Casinha no Rio de Janeiro^[7] e características individuais, na esfera privada dos voluntários. Dos principais resultados pode-se destacar o humor; o sentimento de pertencimento a uma comunidade; a narrativa contra o conservadorismo e atuação micropolítica; questões de representatividade e identificação; a preocupação com a exposição e a privacidade e implicações publicitárias⁹⁵. Dessa forma, a pesquisadora conclui que novos arranjos interacionais no contexto LGBT são viabilizados pelas plataformas digitais, considerando o digital como sinalizador de vínculos socioculturais.

Gustavo complementa:

temos esse desejo de fazer o negócio crescer, de enxergar isso como uma empresa, um CNPJ mesmo e falar 'não, vamos fazer disso um trabalho, vamos crescer nesse ramo e quem sabe futuramente trabalhar apenas com isso'. Seria um sonho assim [...] então a gente tem um pouco de esperança nisso assim, de conseguir ter uma renda e viver a paternidade ao mesmo tempo.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

O casal conta que o planejamento de conteúdo ocorre a fim de ter maior audiência e gerar mais lucro, sendo dirigidos pela agência. Eles relatam que:

é extremamente calculado. Por exemplo, a gente teve uma *live* que a gente falou sobre sexo. Antes da *live* sobre sexo, a gente teve uma reunião com o nosso marketing, ali pelo *WhatsApp* mesmo na verdade e aí ele falou com a gente: 'olha vocês vão falar até esse ponto, vocês vão ser um casal descolado que fala naturalmente, tranquilamente sobre sexo', porque nós somos realmente isso, 'mas a gente não quer que fique vulgar, porque daqui a pouco vocês vão ter publicidade de bebês e se vocês falarem muito abertamente sobre determinadas temáticas sexuais, isso vai limitar vocês em relação às publicidades que vocês vão fazer com marcas de bebês'.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Na lógica capitalista, nada se perde, as pautas são incorporadas e moldadas, como em um jogo em que há produção de desejo de consumo por

^[7] Para maiores informações, ver *site*: www.casinha.org

parte dos influenciadores, assim como o próprio público dita o que quer consumir. Os influenciadores detêm algum poder tanto no processo de decisão de compra de um sujeito, quanto de levantar discussões e de influenciar em decisões referentes ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede⁵⁰. Nesse sentido, parece que as dinâmicas e lógicas do mercado que dirigem a produção de conteúdo, na busca de monetizar as pautas da paternidade e da comunidade LGBT.

Destaca-se, nesse caso, a presença do fenômeno do capitalismo *pink*, expressão que designa o uso das pautas da agenda LGBT incorporada pela lógica de mercado, entretanto ao mesmo tempo, há a preocupação com o modo de expressão nas publicações, “sem ser vulgar” revela ainda o papel dos julgamentos morais em torno da homossexualidade⁷⁹.

4.3 Compromissos éticos e políticos com causas sociais

Representatividade de comunidades de pessoas com deficiência, pretas, LGBT e famílias monoparentais masculinas

Como Sérgio aborda mais do que a pauta da paternidade em suas publicações, apresentando relatos sobre sua experiência como um homem com deficiência, os equipamentos que utiliza e as medicações que fazem parte do seu tratamento, sua escrita “tá repercutindo muito inclusive na comunidade AME, de pessoas que... tem tetraplegia e entraram em contato comigo dizendo que se identificou com o que eu escrevi”.

Outras pessoas tiram dúvidas com ele, como por exemplo, “o pai de uma menina que tem uma deficiência física bastante severa entrou em contato

comigo perguntando sobre os equipamentos que eu falo lá no texto... o *bipap*, o guincho... gente que não conhece os recursos... alguns recursos que existem pra melhorar né... a qualidade de vida, o dia-a-dia...”. Também relata receber “mensagens de pessoas que entraram na justiça para conseguir um medicamento, assim como eu, por causa dos meus relatos...” e de “pessoas que começaram o tratamento depois que conversaram comigo ou depois que viram no *Instagram* lá a foto, né”.

Sérgio não possui público-alvo específico, entretanto, reconhece que:

muitas famílias... é... com pessoas com deficiência... Né... tem bastante. O pano de fundo é quase sempre inclusão e diversidade... acaba atraindo um pouco mais... né... esse segmento de pessoas com deficiência... educação [...] recebi mensagem no *direct*, de uma pessoa do Irã... o sobrinho dele tem AME e ele queria uma informação sobre *Spinraza*... e no *Facebook* eu já recebi da Chechênia.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Para Sérgio, não se deve esperar surgir uma pessoa com deficiência para então construir espaços mais acessíveis, o direito precisa ser garantido antes disso. Ele afirma “não precisa ter [*uma pessoa com deficiência*] para providenciar a acessibilidade né... tem que existir né... não é porque tem um, dois, 10, 20”. A participação na luta pela garantia desse direito envolve não somente Sérgio, mas também sua filha que:

já desde pequena [...] sabe sobre a importância da acessibilidade universal né... que é a mesma entrada para todo mundo né... e ela virou uma... tipo uma fiscal mirim né... (risos)... Ela já esteve envolvida comigo, por exemplo, em movimentos... sempre teve em palestras... e inclusive caminhadas... protestos... de faixa... participando de marchas em prol da inclusão e da acessibilidade.

(Sérgio, 54 anos, uma filha de 11 anos)

Cabe ressaltar que a narrativa de Sérgio, apesar de pontuar algumas pautas da agenda anticapacitista, explora pouco a defesa das mesmas e chama atenção por destacar mais um saber particular, partindo de sua experiência

individual. O fato de publicizar sua experiência, não necessariamente o torna um ativista em relação a essa causa específica.

Já Humberto defende que é preciso:

buscar outros modelos de masculinidade, de paternidade né? A gente milita nessa área né? Trazendo esses modelos... a maioria das minhas palestras, eu falo sobre países, etnias, povos africanos e seus modelos de, de parentar, de paternar, de maternar, enfim... eu tenho um trabalho eh... contínuo de consultoria... com pessoas em África e hoje mesmo de manhã eu estava falando com uma mãe queniana, ela estava falando sobre como no Quênia... no vilarejo né dela, eles encaram essa ideia do castigo, como que isso é inexistente lá... não existe bater em criança.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

Para Humberto, o grupo de homens-pais pretos criado no *WhatsApp*, no início de sua paternidade foi experimentando uma transformação através das trocas, que despertou a atenção das companheiras e irmãs, fazendo com que elas quisessem participar, criando assim, o grupo “pais e mães pretas”, em que ambos trocam entre si. Esses grupos foram crescendo e atualmente, existe também um grupo apenas para as mães pretas e outro “pais e mães dos pretinhos”, que é aberto a não pretos. Esse último grupo, permitiu a criação “do braço de consultoria étnico-racial que as pessoas vão falar com empresas, escolas, organizações” no coletivo. Um ponto interessante é a articulação de diferentes mídias sociais, já que o coletivo “começou no *WhatsApp* e hoje tá no *Facebook*, *WhatsApp*, *Telegram*, *Instagram*, *Twitter*, *Clubhouse*^[8], *YouTube*”.

Durante a construção do coletivo, Humberto conta que surgiu o grupo de estudos no *Telegram*, “já que o letramento racial [...] é basal no nosso coletivo... a gente tá sempre estudando alguma obra aos domingos no *Telegram*.” Além disso, alguns congressos são organizados pelo coletivo, sendo citados dois

[8] *Clubhouse* é um aplicativo de rede social para bate-papo com áudio, somente para convidados, lançado em 2020 pela Alpha Exploration Co.

deles. O “II Congresso das Mães Pretas Presentes”, realizado nos dias 06 e 07 de novembro de 2021, *online*, das 16h às 20h e com ingressos gratuitos e pagos e o “I Congresso Pais Pretos Presentes”, ocorrido nos dias 28 e 29 de novembro de 2020, *online*, das 15h às 18h e com ingressos gratuitos e pagos. O primeiro abordou empreendedorismo, autocuidado da mulher preta, questões ligadas à infância e maternidade, já o segundo, educação como autocuidado, masculinidades e autocuidado, mitos de paternidade, entre outros.

Vale ressaltar que a conciliação da vida pessoal e laboral de Humberto, citada anteriormente no tópico “Paternidade como responsabilidade”, não diz respeito apenas a uma questão subjetiva, mas a uma questão ética e política. Humberto declara recusa ao modelo de paternidade que prioriza o trabalho remunerado em detrimento do trabalho de cuidado com o filho. Até mesmo:

por estar numa plataforma que é pró paternidade ativa, presente, participativa. Então, como é que pra fazer isso, eu preciso não olhar pro meu filho? [...] A coerência conceitual ela é muito importante em qualquer tipo de empreendimento.

(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

No coletivo foi estabelecido um pacto a fim de que cada um pudesse ter apenas uma responsabilidade, para que pudesse ter tempo de qualidade na vida com o filho/filha. O combinado é “que nenhuma frente nossa, nenhuma iniciativa nossa pode custar o nosso tempo com a família, no sentido do, do trabalho e a gente tem conseguido fazer isso.” Deste modo, a partir dessa modificação, “todo mundo consegue ter a sua vida particular, sua vida pessoal”.

André entende-se como representante da comunidade LGBT. Ele defende que:

essa representatividade é fundamental para que as novas gerações consigam se manifestar e consigam se posicionar, porque o preconceito, de verdade, só vai acabar quando essas pessoas preconceituosas perceberem que não tem mais volta, entende? ‘Você

não vai me colocar de novo dentro do armário! Eu passei décadas com a minha voz fechada, trancada dentro de um armário. Agora que eu tive coragem de sair, você não me tranca mais. Se você aprender a conviver com isso, lindo! A gente vai conviver em harmonia. Se você não aprender a conviver com isso, o problema é seu, quem vai perder cabelo é você'.

(André, 46 anos, um filho de 12 e uma filha de 11 anos)

Em estudo realizado por Penner com vloggers LGBT brasileiros do *YouTube*, entre os resultados encontrados aponta-se o predomínio de homens cisgêneros *gays* entre os produtores de conteúdo mais influentes e, desse modo, com mais visibilidade⁹⁶. Evidencia-se um maior impacto dos conteúdos elaborados por essa categoria de gênero, sexual e identitária dissidente em comparação às demais.

Rafael acredita que, por ser um pai solo, teve uma melhor aceitação de sua audiência, por ser um tipo de paternidade rara. Ele afirma que:

teve as facilidades, mais subjetivas nesse sentido, porque por ser pai solo, que é um unicórnio... basicamente na nossa sociedade, então eu tive um pouco mais de visibilidade do que as pessoas dariam para um pai com filho né? [...] teve essa facilidade do meu tipo de conteúdo e do meu tipo de paternidade, que é algo bem visto né... pelas pessoas... e me encontravam por ser pai solo.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

No que se refere a relação de Rafael com seus seguidores e seguidoras, Rafael relata que:

a principal troca que acontecia... era em eventos... principalmente, o Instituto Alana fazia alguns eventos... tinha o seminário de mães, seminário pais e filhos... eram todos eventos que a gente que criava conteúdo mesmo para esses públicos... que íamos matava uma saudade, que acaba sendo... firma mais essa troca, de uma maneira não digital.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

A partir da pandemia, outras estratégias surgiram para que essa troca pudesse continuar acontecendo. Ele conta que:

a relação principal acaba sendo digital... eu faço parte de grupos de pais... principalmente de pais, aí nesse sentido... que criam conteúdo para a internet.... e a gente dialoga muito por *WhatsApp* mesmo né?

Grupos do *WhatsApp* e aí a gente faz rodas, às vezes, de conversa... é... pelo *Zoom*, isso aconteceu bastante aí durante a pandemia, mas também no dia-a-dia... as vezes tem um surto, manda mensagem lá, e aí tem uma... é uma... são grupos pequenos, principalmente... de acolhimento... acho que a gente tem um entrosamento muito bom, nesse sentido, que é muito diferente do que se espera de grupos masculinos de *WhatsApp*.

(Rafael, 32 anos, um filho de 11 anos)

No que se refere ao uso do privilégio para dar visibilidade as causas que defende, Daniel sustenta que:

homens não devem desejar, não devem almejar um lugar especial no feminismo, nesse campo da igualdade de gênero [...] os homens devem fazer é usar os seus privilégios pra tornar os espaços que eles ocupam em espaços feministas, em espaços onde exista igualdade de gênero [...] a mesma coisa possa ser dita em relação ao antirracismo, à luta antirracista... à todas as lutas... da LGBTfobia, né e tal... então, o que eu tento um pouco fazer é usar esse meu privilégio pra atrair atenção também para outros grupos pra falar de outros temas.

(Daniel, 44 anos, três filhos, um de quatro anos e gêmeos de um ano)

O movimento feminista, citado por Daniel, tem como uma de suas pautas centrais a parentalidade e a reprodução. Tanto a narrativa de Daniel, quanto a de Humberto apontam para a reflexão sobre o feminismo, como orientadora de suas ações, assim como de suas publicações. Já no caso de Gustavo e Robert, percebe-se que compreendem de forma distinta, ao sinalizar oposição a uma parcela de apoiadoras e apoiadores do movimento.

O termo privilégio citado por Daniel, é também uma das quatro categorias analíticas elencadas por Figueroa-Perea, a fim de abarcar a análise do desigual exercício de poder entre homens e mulheres, bem como a dupla moralidade cuja se nomeiam e se produzem as práticas de uns e de outras⁹⁷. Figueroa alerta que se usada de modo acrítico, a categoria impossibilita o reconhecimento de que o exercício do poder pelos homens é capaz de trazer efeitos negativos relacionados como consequência. Ainda para o autor, vale ressaltar que muitos privilégios de gênero foram legitimados privando-se os direitos as mulheres,

sendo crucial democratizar os espaços de negociação mais do que intentar se igualar em privilégios⁹⁷.

O reconhecimento da dimensão relacional do gênero permite desconstruir, sobretudo, os argumentos culpabilizantes sobre os homens que delimita o discurso de parte do movimento feminista e que continua presente, direta ou indiretamente, nas produções acadêmicas contemporâneas. Isso não pressupõe processo de desresponsabilização individual, mas anunciar que as análises que integram a dimensão relacional do conceito de “gênero” possibilitam a compreensão ou interpretação de uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino⁸⁶.

É primordial complexificar as análises, avaliando de que forma os sujeitos tidos como “vitimizadores” lidam com as situações nas quais eles exercem o poder, ou lhes é possibilitado ou promovido esse exercício e, além disso, se a conscientização desses homens ou sua responsabilização sobre esse processo, permite redefinir seu posicionamento nas relações de poder⁸⁶. Aposta-se na abertura de espaço para novas formulações teóricas que retomem o caráter plural, polissêmico e crítico das leituras feministas⁸⁶⁻⁹⁷. Desse modo, no trecho da narrativa de Daniel destacado acima, compreende-se que o mesmo busca posicionar-se pela defesa da igualdade de gênero, utilizando essa posição para vocalizar pautas do ativismo feminista.

Enquanto Gustavo e Robert relatam que:

a comunidade LGBT não sabe ainda que pode ser feliz, então eu acho que histórias como a nossa, ajudam aí a mostrar, a dar esperança para as pessoas que estão construindo suas histórias.
(Robert, 29 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Gustavo e Robert perceberam a dedicação, relevância e delicadeza do trabalho de responder aos seguidores e seguidoras nas mensagens privadas.

Existem questões éticas que precisam ser consideradas. Gustavo conta que:

o trabalho que a gente tem fora dos stories e das postagens é muito maior e muito mais importante até do que o que a gente faz ali mesmo sabe? Essa conversa mesmo ali. E a gente recebe não é uma, duas, são centenas por dia. [...] Como é que eu aconselho um menino de doze anos a sair do armário? Sabe? É muito difícil, muito difícil mesmo.
(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Os interlocutores fazem a tentativa de “falar para a comunidade, sem representar toda a comunidade, entende? É mais ou menos isso assim, porque nós somos ainda um... somos homens, cis, brancos, *gays* então dentro da comunidade é o recorte imediato”. Nessa fala, o casal reconhece que estão inseridos em um recorte específico, identificando-se a partir dos marcadores sociais de identidade de gênero, raça e orientação sexual. Contudo, a questão da classe social não aparece no discurso.

Hates, críticas e reações negativas

Humberto relata que os comentários com conteúdo racista não são respondidos, apenas abordados no grupo de estudos:

aí realmente as pessoas levam dúvidas sinceras, a gente sabe que não está ali pra lacrar, até porque um grupo fechado no *Telegram*, não existe nem o conceito de curtida... então, você sabe que a pessoa está ali, verdadeiramente, para se aprofundar, aí a gente se dedica.
(Humberto, 40 anos, um filho de dois anos)

A fim de se proteger desses ataques, o coletivo fez um alinhamento interno, estabelecendo limites entre vida pessoal e trabalho, logo “a gente age realmente como se tivesse trabalhando [...] a gente tenta só interagir com o que é pertinente ao tema da postagem.” Humberto afirma que as pessoas que fazem xingamentos

são bloqueadas e continua “fora isso a gente tenta... se poupar né? Imagina? Igual hoje... é um feriado desse e eu estou aqui... meu filho, aí em vez de eu estar curtindo *ele*, eu estou respondendo comentário no *Instagram*? Não tem sentido.”

Apesar de terem se sentido valorizados e reconhecidos por sua história, Gustavo faz uma crítica sobre a aceitação da comunidade LGBT nas redes sociais e do próprio conceito de comunidade. Ele refere que:

esperava ter recebido mais apoio de, de perfis de esquerda, de perfis mais progressistas e tudo mais, sabe? E na hora que a gente pedia ajuda ou até hoje, assim eu vejo que se... se ajudam pouco, sabe? Muitos perfis, eh não sei, não tem eu acho que tem mais a função de dar close, sabe? Do que realmente de, vou ajudar essa família aqui, vou representar, então, surgiu um incômodo da minha parte em relação a isso, em relação aos perfis da comunidade LGBT no geral e a perfis eh de pais gays também, que não estão tão interessados assim em ajudar.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Além de considerarem não ter recebido acolhimento de perfis da comunidade LGBT de forma geral, relatam que “existe um incômodo em relação ao fato de a gente não ter adotado [...] o pessoal que adota também fala que muita gente se incomoda com o fato deles não terem FIV [...] o ‘*hate*’ que a gente recebe da própria comunidade LGBTQIA+ é totalmente envolto ao fato de não ter acontecido uma adoção”.

Gustavo e Robert incitam um debate interessante sobre direitos reprodutivos de pessoas não heterossexuais, ao compartilhar os questionamentos que ouviram:

‘por que que não adotaram? Tanta criança precisando de adoção, por que que vocês não adotaram?’ Eles não sabem nem dos bastidores que a gente já tentou passar pela adoção e é o que a gente sempre fala. Casais LGBTs, indivíduos LGBTs não tem a obrigatoriedade da adoção. Quem fizer é mais uma forma de se alcançar a paternidade. Mas não é uma obrigação. Então, cada pessoa tem a sua escolha do jeito que quer se tornar pai, mãe, enfim. Tem esse peso, né? Essa obrigação de que não, porque você é *gay* você é obrigado a adotar aquela criança ali. Não, é só mais um meio, só mais uma forma de você

ser pai, mas não é única, entendeu? E não pode ser julgado o que que é mais certo, mais errado.

(Robert, 29 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Para o casal:

é óbvio que a adoção é maravilhosa e que tem que ser incentivada e tudo mais, mas não tem que ser vista como uma obrigatoriedade pra comunidade LGBTQIA+. Não é uma obrigatoriedade. É mais uma forma. E está tudo bem. Se você quiser adotar você adote. Se você quiser fazer filho você adota, aí você faça. E enfim. Não, não, não pode ser vista dessa forma. Eu acho que é um momento de empoderamento nosso aí de a gente falar 'não, eu vou fazer filho do jeito que eu quero e ponto'.

(Robert, 29 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

Nos países anglo-saxões, a filosofia individualista parece ter consagrado a noção do desejo de cada um. A liberdade de escolha, não muito diferente do direito de consumo, vem a ser a medida básica da moralidade⁵⁹. Logo, pessoas não apenas escolhem quando e como vão ser pais, como também encomendam precisamente o tipo de filho que desejam ou ao menos negociam para obter o melhor modelo possível – sem indagar as implicações éticas e políticas dos métodos utilizados para concretizar sua vontade.

É incontestável que a parentalidade é um assunto fortemente político que extrapola as fronteiras de conflitos interpessoais e invoca a reflexão da coletividade. Em virtude de sua grande visibilidade, ela nos auxilia a evidenciar certos elementos, temas que requerem debate, e das quais implicações se expandem para além da família *gay* ou *lésbica*. Enfim, auxilia na exposição das atuais formas familiares como “co-produções” que compreendem tanto valores culturais, quanto lei, tecnologia e dinheiro. Portanto, o parentesco se torna uma questão política bem como cultural⁵⁹.

Ainda no que se refere aos “*hates*” recebidos em seu perfil, os interlocutores apontam que recebem críticas do conservadorismo, da

comunidade LGBT e feminismo, sendo que “o mais forte, sem dúvidas, é o conservadorismo, o bolsonarismo, a direita como um todo [...] sem dúvida noventa e cinco por cento de todo o ‘hate’ que a gente recebe vem dessa galera”.

Entretanto, apesar da maioria das críticas e xingamentos virem do conservadorismo, para Gustavo:

o ‘hate’ que me incomoda são os outros dois pilares que é: comunidade LGBTQIA+ e feminismo. Existe um lado do feminismo, de mulheres feministas que se incomodam muito com o fato de utilizarmos uma barriga solidária. [...] Então tem esse lado da comunidade LGBTQIA+, que se incomoda com o fato de a gente não ter adotado, que acha que a gente deveria ter, ter feito por esse caminho, que todo casal *gay* só pode adotar e tem o lado de um movimento feminista mais radical que acha que a gente está usando o corpo da mulher para o nosso bem-estar, pra nossa vaidade de ter um filho com a nossa genética. E a gente sempre explica que não, que é uma atitude altruísta, que foi um desejo dela ter ajudado [...] não é algo que foi imposto por nós, que essa mulher estar ajudando, está ajudando a gente por desejo próprio dela.

(Gustavo, 31 anos, um filho e uma filha de 29 semanas de gestação)

O aspecto levantado por Gustavo, abre a possibilidade de uma discussão interessante sobre direitos e atravessamentos na questão da paternidade de homens *gays*. A crítica feita por parte do movimento feminista sobre o direito à concessão do útero de mulheres para gestar baseia-se na concepção de que os corpos das mulheres são historicamente usados pelo patriarcado para geração, criação e cuidado de crianças, estando individualmente responsáveis por elas.

A partir dos resultados encontrados nesta pesquisa, pode-se depreender duas hipóteses compreensivas⁵³ que lançariam luz para o entendimento do que sustenta a criação de conteúdo sobre paternidade nos perfis dos homens entrevistados. A primeira é a reflexão sobre a própria experiência de paternidade/masculinidade, atravessada por marcadores sociais da diferença (deficiência, raça/etnia, orientação sexual). Dessa forma, as narrativas apontam para o entrelaçamento desses marcadores nas suas experiências, conformando

a paternidade de cada entrevistado. Assim, Daniel faz contraponto em relação aos marcadores presentes nos outros homens, pois como homem branco, heterossexual, casado e sem deficiência, pertence a masculinidade hegemônica, apesar da particularidade de ser cuidador de seus filhos.

A segunda hipótese compreensiva seria o ativismo por direitos, como resposta ao modo como esses marcadores operam nas experiências dos homens-pais, compondo vivências específicas de exercício de paternidades periféricas, posto que os conteúdos produzidos pelos interlocutores representam a amplificação de vozes/discursos⁹ sobre paternidades, atravessadas por outras agendas políticas (capacitismo, LGBT, racismo e desigualdade de gênero). Ao mesmo tempo, o ativismo permite que os homens-pais mobilizem diversas estratégias de resistência e enfrentamento a processos de exclusão, isso porque, esses homens produzem e articulam diálogos com outras agendas que são anteriores à agenda de paternidade. Deste modo, ressalta-se a singularidade de cada paternidade, pois o fato de ser preto, *gay*, pessoa com deficiência constrói a experiência de paternidade particular de cada homem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial deste estudo foi investigar as concepções de paternidade de homens-pais de camada popular, em entrevistas face-a-face, de modo presencial. Contudo, a pandemia de Covid-19 e as medidas sanitárias, sobretudo o distanciamento físico, impediram a realização da pesquisa nesse formato, sendo necessária a reformulação do campo. A ambiência digital, especificamente, às contas de homens-pais que produziam conteúdo sobre paternidade no *Instagram* surgiu como uma possibilidade de desenvolvimento deste trabalho.

No campo de pesquisa, busquei ver como específicos marcadores sociais da diferença, em particular, classe social, raça/etnia, deficiência e orientação sexual produziam paternidades plurais. Recuamos à ideia de uma paternidade universal, no singular, para refletir sobre a paternidade de homens cis gênero, de camadas médias, negros, gays, com deficiência. Ao articular os marcadores, os homens-pais negro, gay, deficiente e solo são posicionados e subjugados em um contexto de subalternidade e, dessa forma, precisam romper com a estrutura que os invisibilizam enquanto sujeito.

Foi interessante perceber que essa articulação entre marcadores sociais e a paternidade aparecia tanto na produção de conteúdo desses homens-pais, quanto em suas narrativas. Ademais, suas concepções de paternidade, masculinidade e cuidado não apoiavam o ativismo somente pela causa da paternidade, como também de outras pautas a ela relacionadas, tais como, contra o racismo, homofobia e capacitismo. O ativismo dessas agendas se referia aos próprios marcadores sociais específicos a que cada homem-pai

pertencia (preto, *gay* e pessoa com deficiência). A narrativa de Daniel faz o contraponto, pois, sendo um pai hegemônico, não carrega a desigualdade e opressão de marcadores subalternizados, ainda que tenha a particularidade de ser cuidador dos filhos.

Além disso, por um lado, chama a atenção a disponibilidade dos homens entrevistados para participar da pesquisa e por outro, a recusa indireta feita pelos homens transsexuais contactados, o que nos leva a pensar na relação entre produção de conhecimento acadêmico com seus sujeitos de pesquisa, sobretudo pessoas trans e travestis. Cabe ressaltar que todos os interlocutores desta pesquisa são homens cisgêneros, de camada média e com curso superior completo, entretanto, o reconhecimento e reflexão sobre os privilégios de sua classe social, não surgem na maioria das narrativas.

Nas narrativas apresentadas, a paternidade emerge como um desejo, marcado pelo peso da responsabilidade e com uma visão de cuidado para além do provimento financeiro; vale a pena destacar que tornar-se pai é visto como um processo a ser vivido e adquirido ao longo da experiência de paternagem.

A produção de conteúdo vai mais adiante da temática sobre paternidade, aparecendo articulada às pautas com outras agendas políticas. Entretanto, o compromisso ético-político com causas sociais não é a única motivação para a criação da conta na rede social, posto que alguns homens-pais vislumbram uma oportunidade de negócio e outros capitalizam com a venda de palestras, consultoria e de um estilo de vida. Ativismo e o “mercado” da paternidade coexistem nas narrativas de alguns dos entrevistados.

Vale destacar que o termo “ativista digital” ainda é recente e com fronteiras borradas, sendo observada uma dificuldade de reconhecimento por alguns

homens-pais entrevistados. Todavia, este estudo não pretendeu se aprofundar nesse assunto, sendo necessárias pesquisas futuras para compreender as dinâmicas que orientam essas configurações de um “mercado da paternidade” e da própria masculinidade.

Em relação às limitações deste estudo destacam-se: a lacuna referente às paternidades de homens trans, mas que vem sendo objeto de pesquisa em outros estudos; o tempo disponível para a realização do mestrado não permitiu entrevistar mais interlocutores, sobretudo aqueles que atingem a marca de centenas de milhares de seguidores/as em suas redes sociais.

As narrativas expostas nesta dissertação colocam em questão a paternidade, por conseguinte, a masculinidade hegemônica, tensionando a visão predominante de um homem-pai universal, deslocada das dimensões de raça, classe e sexualidade e abrindo espaço para distintas formas de exercer a paternidade. As paternidades em diálogo com outras agendas políticas produzem uma rachadura no ideal da família heteronormativa branca com filhos biológicos, promovendo outros modos de exercícios de cuidar, de se relacionar com os filhos/as e companheiras/os. Os marcadores sociais subalternizados (preto, *gay*, deficiente) atravessam as experiências dos homens antes mesmo de serem pais, e é a partir delas que surgem questionamentos e posicionamentos específicos referentes à paternidade e às próprias concepções de masculinidade, responsabilidade e cuidado.

Desta forma, a plataforma digital se torna uma ferramenta na luta por direitos e representatividade de pessoas negras, *gays* e deficientes. Entretanto, o ativismo digital não está isento de contradições e ainda encontra dificuldade em escapar dos algoritmos, que nos induzem a transitar em postagens de igual

interesse anterior, em alcançar o público masculino como consumidores desses conteúdos e de promover um debate de forma respeitosa, sem os constantes *hates*. Isso porque a questão é muito mais ampla do que o espaço do *Instagram* propriamente dito – e, na realidade, do que as plataformas digitais de uma forma geral. A perspectiva de uma transformação mais significativa ainda é um horizonte distante, com inúmeras barreiras, que precisam ser transpostas para que haja a superação das desigualdades e opressões sociais, rumo a uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ Ribeiro, CR. et al. A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11):3589-3598, 2015.
- ² Valente, MBB. A produção de paternidade em “procurando Nemo”: performatividade em redes heterogêneas [dissertação]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco; 2011.
- ³ Campeol, AR & Crepaldi, MA. A (nova) relação pai-filhos: uma revisão integrativa da literatura nacional entre 2000 e 2019. *Psicol. Argum.*, 36 (94), 501-526, 2018.
- ⁴ Santis, L, Carvalho, TR., Guerra, LLL, Rocha, FS. & Barham, EJ. Apoiando a paternidade: revisão sistemática de programas parentais que promovem o envolvimento paterno. *Trends in Psychology*, 28, 302-320, 2020.
- ⁵ Opinion Box. Pesquisa sobre o *Instagram* no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do *Instagram*. 2022. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram>. Acesso em: 24 de julho de 2022.
- ⁶ TNW. The most popular social media networks each year, gloriously animated. YouTube, 12 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WLRA7qqiJM0>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2021.
- ⁷ Kemp, S. Global Digital Report. We Are Social, 2019. Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- ⁸ Van Dijk, J. Pesquisa, conquistas e deficiências da divisão digital. *Poética*, 34 (4-5), 221-235. 2006.
- ⁹ Deslandes, S. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10): 3133-3136, 2018.
- ¹⁰ Brandão, ER, & Cabral, CS. Justiça reprodutiva e gênero: desafios teórico-políticos acirrados pela pandemia de Covid-19 no Brasil. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação (Botucatu)*, 25 (Supl. 1). 2021.
- ¹¹ Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 jul. 2021.

- ¹² Couto, MT & Gomes, R. Homens, saúde e políticas públicas: a equidade de gênero em questão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(10):2569-2578, 2012.
- ¹³ Giffin, K. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. *Cad. Saúde Pública*, 18 (Supl.): 103-112, 2002.
- ¹⁴ Organização das Nações Unidas. Organização das Nações Unidas. *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. 2015.
- ¹⁵ Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- ¹⁶ Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política nacional de atenção integral a saúde do homem [recurso eletrônico] / Elza Berger Salema Coelho... [et al] — Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- ¹⁷ Rio de Janeiro. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro (SMSDC-RJ). Unidade de Saúde Parceira do Pai. Rio de Janeiro: PCRJ. 2009.
- ¹⁸ Promundo. Relatório Situação da Paternidade no Brasil 2019: Tempo de Agir. Rio de Janeiro. Promundo, 2019.
- ¹⁹ Cabrera, NJ, Tamis-Lemonda, CS, Bradley, RH, Hofferth, S, Lamb, ME. Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1):127-136, 2000.
- ²⁰ Fiterman, H & Moreira, L. O pai na gestação, no parto e aos três meses de vida do primeiro filho. *Revista Latinoamericana Polis [online]*, 50, 2018.
- ²¹ Fonseca, C. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Rev. Estud. Fem.*, 12(2): 13-34, 2004.
- ²² Moreira, LE. & Toneli, MJF. Paternidade Responsável: problematizando a responsabilização paterna. *Psicologia & Sociedade*, 25 (2), 388-398. 2013.
- ²³ Keijzer, B. Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina. In: Cáceres C, Cueto M, Ramos M, Vallens S, organizadores. *La salud como derecho ciudadano: perspectivas y propuestas desde América Latina*. Lima: Facultad de Salud Pública y Administración de la Universidad Peruana Cayetano Herida; 137-152, 2003.

- ²⁴ Pereira Junior, G, Siqueira, VHF, & Rezende, LA. (2011). Paternidade e saúde reprodutiva: discursos de jovens em documentários autobiográficos. *Proposições*, 22(1), 131-149.
- ²⁵ Henning, I & Guareschi, NMF. (2002). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 44-68.
- ²⁶ Trajano, MG. Entre a cruz e a espada: experiências de parentalidade de homens e mulheres trans em contextos cisheteronormativos. Dissertação (Mestrado em Saúde da Mulher e da Criança) – Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- ²⁷ Arilha, M. O masculino em conferências e programas das Nações Unidas: para uma crítica do discurso de gênero. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2005.
- ²⁸ Connell, R. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, 20(2): 185-206, 1995.
- ²⁹ Costa, RG. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Rev. Estud. Fem.* 10 (2). 2002.
- ³⁰ Mello, L & Gonçalves, E. Diferença e Interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. *Cronos*, Natal, v. 11, n. 12, p. 163-173, 2010.
- ³¹ Soares, C & Bonetti, A. Marcadores sociais da diferença na experiência escolar de jovens estudantes negras. *Dossiê: Interseccionalidades, Direitos e Políticas. Civitas, Rev. Ciênc. Soc.* 21 (3). 2021.
- ³² Pelúcio, L. Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à aids. *Saúde Soc. São Paulo*, v.20, n.1, p.76-85, 2011.
- ³³ Brah, A. “Diferença, diversidade, diferenciação”. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 26, p. 329-376, jan/jun. 2006.
- ³⁴ Figueroa-Perea, JG; Flores Garrido, N. Prácticas de cuidado y modelos emergentes en las relaciones de género: La experiencia de algunos varones mexicanos. *La ventana. Revista de estudios de género*, v. 4, n. 35, p. 7-57, 2012.
- ³⁵ Kergoat, D. & Hiriata, H. “Una nueva mirada a la division sexual del trabajo”, en Margaret MURUANI et al. (directoras). *Las nuevas fronteras de la desigualdad*. España, Editorial Icaria, 2000.
- ³⁶ Herrera, F, Aguayo, F & Weil, JG. Proveer, cuidar y criar: evidencias, discursos y experiencias sobre paternidad en América Latina. *Polis, Revista Latinoamericana*, 50. p. 5-20. 2018.

- ³⁷ Rico, M & Robles, C. Políticas de cuidado en América Latina. Forjando la igualdad. En Serie Asuntos de Género, 154, CEPAL, Santiago de Chile, 2016.
- ³⁸ Blofield, M & Martínez, J. Trabajo, familia y cambios en la política pública en América Latina: Equidad, maternalismo y corresponsabilidad. Revista de la Cepal 114, 108-125. 2014.
- ³⁹ Lyra, J, Medrado, B, & Azevedo, M. Rompendo barreiras culturais, institucionais e individuais no cuidado infantil: pai não é visita! Pelo direito de ser acompanhante. In 8 Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. 2008.
- ⁴⁰ Koehn, D. Rethinking feminist ethics; care, trust and empathy. Estados Unidos, Routledge, 1998.
- ⁴¹ Aguayo, F, Correa, P & Cristi, P. Encuesta IMAGES Chile: Resultados de la encuesta internacional de masculinidades y equidad de género. Santiago, Chile: Cultura Salud/EME. 2011.
- ⁴² Maqueda, O. Paternidad de hombres *gay*: ¿Los albores de una neoparentalidad? Proveer, cuidar y criar: evidencias, discursos y experiencias sobre paternidad en América Latina. Polis, Revista Latinoamericana, 50. p. 1-18. 2018.
- ⁴³ Vasconcelos Filho, JM & Coutinho, S. O ativismo digital brasileiro. Coleção O Que Saber. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.
- ⁴⁴ Cavalcanti, DB, Jardelino, R, & Nascimento, F. Ativismo digital no Brasil contemporâneo. Braz. J. of Develop., Curitiba, 6, (7). p.42556-42570. 2020.
- ⁴⁵ Sorj, B & Fausto, S. (Orgs.). Ativismo político em tempos de internet. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2016.
- ⁴⁶ Shirky, C. A Cultura da Participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ⁴⁷ Debord, G. A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ⁴⁸ Thompson, J. B. A nova visibilidade. MATRIZES, São Paulo, v. 1, n. 2, 2008.
- ⁴⁹ Karhawi, I. Espetacularização do Eu e #selfies: um ensaio sobre visibilidade midiática. In: Anais COMUNICON, 5, 2015, São Paulo. Anais São Paulo: Comunicon, 2015.
- ⁵⁰ Karhawi, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. Anais do XI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação. Organizacional e Relações Públicas. 2017.

- ⁵¹ Fragoso, S, Recuero, R & Amaral, A. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- ⁵² Cardoso De Oliveira, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15, 2006.
- ⁵³ Bertaux, D. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. Natal, UFRN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- ⁵⁴ Hine, C. Ethnography for the Internet. Embedded, Embodied and Everyday Internet Copyright Bloomsbury Publishing, Huntingdon, GBR. 2015.
- ⁵⁵ Madianou, M & Miller, D. Polymedia: Towards a new theory of digital media in interpersonal communication. International Journal of Cultural Studies, 2012. <https://doi.org/10.1177/1367877912452486>
- ⁵⁶ Arpen Brasil. Mais de 320 mil crianças no Brasil foram registradas sem o nome paterno durante a pandemia. 04 abril 2022. Acesso em 03 jul. 2022. Disponível em: <https://arpenbrasil.org.br/r7-mais-de-320-mil-criancas-no-brasil-foram-registradas-sem-o-nome-paterno-durante-a-pandemia/>
- ⁵⁷ Agência Brasil (Brasília). Quase 57 mil recém-nascidos foram registrados sem o nome do pai. [S.l.]: Lilian Beraldo, 9 maio 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/quase-57-mil-recem-nascidos-foram-registrados-sem-o-nome-do-pai>. Acesso em: 04 jun. 2022.
- ⁵⁸ Aguayo, F, Levtov, R, Barker, G, Brown, V y Barindelli, F. Estado de la paternidad: América Latina y el Caribe 2017. Nueva York: IPPF/ RHO, Washington, D.C., EUA: Promundo-US. 2017.
- ⁵⁹ Fonseca, C. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 424. 2008.
- ⁶⁰ Diniz, D. Direitos sexuais e reprodutivos: qual o desafio imposto pela deficiência? In: BRASIL; Ministério da Saúde (Org.). I Seminário Nacional de Saúde: direitos sexuais e reprodutivos e pessoas com deficiência. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. p. 80-85.
- ⁶¹ Giugliani, E. & Santos, E. Amamentação exclusiva. In: Amamentação – Bases Científicas. 4ª Ed. Editora GEN. 2016.
- ⁶² Brasil. Ministério da Saúde. Guia do Pré-Natal do Parceiro para Profissionais de Saúde /Angelita Herrmann, Michelle Leite da Silva, Eduardo Schwarz Chakora, Daniel Costa Lima. - Rio de Janeiro: Ministério da Saúde. 2016.
- ⁶³ Njeri, A. Vamos falar sobre Mulherismo Africana? Site Alma Preta: Jornalismo Preto e Livre, 2020. Disponível em:

<https://almapreta.com/sessao/quilombo/vamos-falar-sobre-mulherismo-africana>. Acesso em: 24 jul. 2022.

⁶⁴ Welzer-Lang, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Artigos Rev. Estud. Fem.*, 9 (2). 2001.

⁶⁵ Ziotto, L, Pires, C & Leite, T. Pais em casa: impactos da pandemia na divisão do trabalho de cuidado. 2020.

⁶⁶ Carvalho, MLM. Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo sobre pais cuidadores. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. 2007.

⁶⁷ Sousa, LP & Guedes, DR. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Mercado de trabalho Estud.*, 30 (87). May-Aug. 2016.

⁶⁸ Bianconi, G, Leão, N, Ferrari, M, Zelic, H, Santos, T, Moreno, R. Relatório da Pesquisa Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. (Org. Gênero e Número & SOF Sempre Viva Organização Feminista). 2020.

⁶⁹ Sonogo, JC, Dornelles, LMN, Lopes, RCS, Piccinini, CA, Passos, EP. A experiência paterna da gestação no contexto da Reprodução Assistida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32 (4). 1-9. 2016.

⁷⁰ Conselho Nacional de Justiça (CNJ – Brasil). Resolução nº 175/2013. Brasília. 2013.

⁷¹ Almeida, MBF. O perfil idealizado pelo adotante e a realidade da adoção no Brasil – problemática da adoção necessária. Monografia apresentada como requisito parcial para Conclusão do Curso de Bacharelado em Direito pela UFPE. 2019.

⁷² Silva, C, Pinto, C & Martins, C. Transição para a paternidade no período pré-natal: um estudo qualitativo. *Revista Ciênc. Saúde Colet.*, 26 (02). 2021.

⁷³ Uziel, AP. (2007). Adoção e homossexualidade. Rio de Janeiro: Garamond.

⁷⁴ Conselho Federal de Medicina (CFM – Brasil). Código de ética médica. Resolução nº 2.294/21. Brasília: Tabloide, 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cfm-n-2.294-de-27-de-maio-de-2021-325671317>. Acesso em: 02 abr. 2022.

⁷⁵ Santos, L. Homens e expressão emocional e afetiva: vozes de desconforto associadas a uma herança instituída. *Configurações [Online]*, 15 | 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/2593>. Acesso em: 24 jul. 2022.

- ⁷⁶ Souto, S. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. *Revista Metamorfose*, vol. 4, nº 4. 133-144. 2020.
- ⁷⁷ Cecílio, MS, Scorsolini-Comin, F & Santos, MA. Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia*, 18(3),507-516. 2013.
- ⁷⁸ Eribon, D. Reflexões sobre a questão gay; trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- ⁷⁹ Carrara, S & Simões, JA. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Dossiê: sexualidades disparatadas. *Caderno Pagu* (28), jun., 2007.
- ⁸⁰ Nascimento, MAF. Improváveis relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais. 2011. 195 f. Tese - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- ⁸¹ Lowenkron, L. O monstro contemporâneo: a construção social da pedofilia em múltiplos planos. Tese de doutorado, Antropologia Social, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2012.
- ⁸² Aragusuku, HA & Lopes, MAS. Políticas públicas e cidadania LGBT em Mato Grosso: Uma década de avanços e retrocessos (2007-2017). *Revista Sex., Salud Soc.* (Rio J.), 29. 2018.
- ⁸³ Herrera, F, Miranda, C, Pavicevic, Y, Sciaraffia, V. “Soy un papá súper normal”: Experiencias parentales de hombres gay en Chile. *Polis, Revista Latinoamericana*, Nº 50, p. 111-137. 2018.
- ⁸⁴ Smietana, M. Families Like We’d Always Known”? Spanish Gay Fathers’ Normalization Narratives in Transnational Surrogacy. Em M. Lie, N.Lykke (Eds.), *Assisted Reproduction Across Borders Feminist Perspectives on Normalizations, Disruptions and Transmissions*. New York, United States: Routledge. 2016.
- ⁸⁵ Herrera, F. “Men always adopt”: infertility and reproduction from a male perspective. *Journal of Family Issues*. 2013.
- ⁸⁶ Medrado, B & Lyra, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 809-840. 2008.
- ⁸⁷ Van Deursen, A & Van Dijk, J. Os níveis de habilidade na Internet aumentam, mas as lacunas aumentam: uma análise transversal longitudinal (2010-2013) entre a população holandesa. *Informação, Comunicação e Sociedade*, 18 (7), 782-797. 2015.
- ⁸⁸ Anduiza, E, Contijoch, M, Gallego, A & Salcedo, J. Internet e participação política na Espanha. Madrid: Centro de Investigación Sociológica. 2010.

⁸⁹ Schradie, J. Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe: um imposto virtual em relação à política digital. Dossiê: Comunicação e Desigualdades. v.5, n.1. 2017.

⁹⁰ Faria, L. Corpos e vozes de matripotência: A palavra cantada por Anicide Toledo do batuque de umbigada de Capivari-SP na cosmopercepção do mulherismo africana. 2021. 273 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2021.

⁹¹ Facioli, LR, Gomes, SSR. O ativismo feminista *online* no Brasil: aportes para uma agenda em construção. Civitas, Rev. Ciênc. Soc. 22. 2022.

⁹² Gomes, EC, & Gomes, EF. O papel dos Influenciadores Digitais no relacionamento entre Marcas e Millennials na Era Pós-Digital. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Fortaleza – CE. 2017.

⁹³ Zanette, M. Influência digital: O papel dos novos influentes no consumo. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.

⁹⁴ Cotter, K. Playing the visibility game: how digital influencers and algorithms negotiate influence on *Instagram*. *New Media & Society* 21 (4): 895-913. 2018.

⁹⁵ Oliveira, ASF. Lugares do arco-íris: um olhar para comunidade LGBTQ+ a partir da Antropologia Digital. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

⁹⁶ Penner, TA. A Voz da Web: Construções Ideológicas e Representatividade em Vlogs LGBTQ+ no Brasil. *Revista Tríade*, Sorocaba, SP, v. 6, n. 12, p. 79-94, set. 2018.

⁹⁷ Figueroa-Perea, JG. La representación social de los varones en estudios sobre masculinidad y reproducción: “un muestrario de reflexiones”. In: I Seminário Internacional/II Seminário Norte-Nordeste sobre “Homens, Sexualidade e Reprodução: Tempos, Práticas e Vozes”, 17-20 junho, 2003.

ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM HOMENS-PAIS QUE CRIAM CONTEÚDO NO *INSTAGRAM*

Perguntas disparadoras gerais:

- 1) Me conta um pouco sobre sua história de paternidade? (Aspectos a serem investigados: projeto de paternidade, relação com a/o companheira/o)
- 2) Me fala como surgiu a ideia de criar um perfil no *Instagram* que aborda a paternidade? (Aspectos a serem investigados: motivos financeiros – mercado, motivos ideológicos – ativismo, agenda da equidade)

Tópicos relevantes:

- Organização da rotina de trabalho remunerado e não remunerado (Aspectos a serem investigados: como se divide nas tarefas da produção de conteúdo e em relação a outros trabalhos, ao trabalho de cuidado e ao trabalho doméstico)
- Público alvo/Para quem quer falar (Aspectos a serem investigados: possui interlocutor prioritário, fala para público específico ou diversos)
- Relação com o público (Aspectos a serem investigados: se considera influenciador digital, blogueiro, ativista digital; como o público influencia na produção)
- Produção de conteúdo (Aspectos a serem investigados: tipo de conteúdo produzido – conteúdos informativos, de entretenimento, de orientação; o que almeja alcançar com a produção de conteúdo; alinha-se ao que o público quer consumir; os conteúdos que geram maior engajamento;

polêmicas envolvendo alguma publicação; pautam racismo, homofobia, transfobia, agenda da equidade).

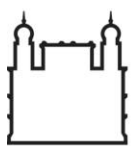
Perguntas disparadoras específicas:

Dois de Pais Pais de Dois (@2depais)	Quais dificuldades vocês enfrentam por ser um homem <i>gay</i> e como vocês lidavam com elas antes e depois da paternidade.
Pais Pretos Presentes (@paispretos)	Quais dificuldades você enfrenta por ser um homem negro e como você lidava com elas antes e depois da paternidade.
Papai & Papia (@papai_e_papia)	Quais dificuldades você enfrenta por ser um homem <i>gay</i> e como você lidava com elas antes e depois da paternidade.
Pai de Rodinhas (@paiderodinhas)	Quais dificuldades você enfrenta por ser um homem com deficiência e como você lidava com elas antes e depois da paternidade.
Rafael Noris (@rafanoris)	Quais dificuldades você enfrenta por ser um homem-pai solo e como você lidava com elas antes e depois da paternidade.
Paternidades Equitativas (@paternidadesequitativas)	Quais dificuldades você enfrentou/enfrenta por ser um homem-pai que exerce cuidado dos filhos e da casa e como você lidou/lida com elas.

Informações sociodemográficas:

1. Idade:
2. Raça/cor:
3. Estado civil:
4. Orientação sexual:
5. Tem deficiência:
6. Local de moradia:
7. Religião:
8. Escolaridade:
9. Ocupação/Profissão:
10. Filhos (número de filhos/as, idade das crianças e sexo):
11. Tempo de produção de conteúdo:

ANEXO II – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



INSTITUTO NACIONAL
DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE | FERNANDES FIGUEIRA

Título da pesquisa: Paternidades e ativismo digital: narrativas de homens-pais produtores de conteúdo nas mídias sociais

Pesquisadoras responsáveis: Juliana Araujo Mesquita e Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

Contato: (21) 97936-0841 / e-mail: juliana.a.mesquita@hotmail.com

Instituição responsável pela pesquisa: Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/FIOCRUZ)

Endereço: Av. Rui Barbosa, 716, 2º. andar (área de Educação) – Flamengo – Rio de Janeiro – RJ

Nome do participante: _____

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “Paternidades e ativismo digital: narrativas de homens-pais produtores de conteúdo nas mídias sociais”. Esta pesquisa tem como objetivo compreender quais concepções de paternidade e cuidado sustentam a criação de conteúdo relacionada a paternidade no *Instagram*.

Caso você concorde em participar, será realizada uma entrevista com uma das pesquisadoras responsáveis, na modalidade *online* de modo síncrono, em

plataforma digital *Skype* ou *Google Meet*, ambas ferramentas possuem política de privacidade que estabelecem compromissos de privacidade e proteção dos dados (<https://support.skype.com/pt-br/skype/all/privacy-security/> e <https://policies.google.com/privacy?hl=pt-BR>).

O conteúdo das entrevistas será a respeito de sua relação com a paternidade e com produção de conteúdo sobre a temática no *Instagram*. A entrevista será gravada em áudio e transcrita, para ser analisada.

Os riscos relacionados à participação na pesquisa se referem à segurança dos dados, contudo as recomendações de proteção dos dados serão tomadas pela pesquisadora, sendo o material salvaguardado em dispositivo externo.

Esta pesquisa poderá trazer benefícios tanto para os homens quanto para as famílias, pois contribuirá para uma melhor compreensão sobre o engajamento de homens na paternidade. Essa compreensão poderá favorecer o aprofundamento do debate em relação ao exercício de paternidades comprometidos com a diminuição das iniquidades sociais.

Sua participação é voluntária. Você poderá retirar-se do estudo a qualquer momento, sem que isto cause prejuízo de nenhuma ordem. Caso manifeste o interesse por seu anonimato, não serão publicados dados ou informações que possibilitem sua identificação. Os resultados serão divulgados apenas em eventos e/ou revistas científicas. Você receberá uma via idêntica deste documento assinada pela pesquisadora.

Sua participação no estudo não implicará custos adicionais, não terá qualquer despesa com a realização dos procedimentos previstos neste estudo.

Também não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação. É garantido o direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Fernandes Figueira se encontra a disposição para eventuais esclarecimentos éticos e outras providências que se façam necessárias (*e-mail*: cepiff@iff.fiocruz.br; telefone: 2554-1730).

Aprovação do participante de pesquisa

Eu, _____
autorizo voluntariamente a minha participação nesta pesquisa. Declaro que li e
entendi todo o conteúdo deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Telefone: _____

Testemunha

Nome: _____

Documento: _____

Endereço/telefone: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Investigadora que obteve o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO III – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Paternidades e ativismo digital: narrativas de homens-pais produtores de conteúdo nas mídias sociais

Pesquisador: Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52206221.9.0000.5269

Instituição Proponente: Instituto Fernandes Figueira - IFF/ FIOCRUZ - RJ/ MS

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.026.319

Apresentação do Projeto:

As informações referentes à "Apresentação do Projeto", foram obtidas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1826874 de 29/09/2021).

"O presente estudo propõe o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa de abordagem socioantropológica em ambiente digital, com homens-pais que produzem conteúdo digital a respeito da paternidade no Instagram, visando compreender as concepções de paternidade e cuidado que sustentam a criação de conteúdo, a partir de suas experiências. Como proposta para esse estudo, pensei em realizar cinco entrevistas com homens pais, maiores de 18 anos, que produzissem conteúdo digital sobre paternidade no Instagram. Serão produzidos dados primários, a partir de entrevistas narrativas de modo remoto e síncrono com os participantes. Para a entrevista, a fim de estabelecer maior aproximação com os interlocutores, será utilizada a chamada de vídeo pela plataforma Skype, por ser um programa de fácil acesso (via smartphone, computador ou tablet), sendo necessário apenas a criação de uma conta gratuita. Além disso, a plataforma permite a gravação em áudio e vídeo, caso os convidados concordem. Como uma segunda alternativa, pode ser utilizada a chamada de vídeo por Google Meet, caso algum dos participantes não tenha acesso ao Skype. O registro produzido a partir das entrevistas será analisado segundo a perspectiva analítica de Bertaux, que norteará as discussões dos dados acerca dos percursos dos atores postos em situação, a paternidade de homens que produzem conteúdo digital no Instagram, buscando construir hipóteses compreensivas em relação a realidade social

Endereço: RUI BARBOSA, 716

Bairro: FLAMENGO

CEP: 22.250-020

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2554-1730

Fax: (21)2552-8491

E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

**INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS**



Continuação do Parecer: 5.026.319

em que essa experiência está inscrita. Assim, a construção de um corpo possível de hipóteses estará baseada em um modelo a partir das observações, repleto de descrições dos mecanismos sociais e em propostas interpretativas dos fenômenos examinados (BERTAUX, 2010). O autor apresenta como proposta uma fragmentação do processo de análise em subcategorias que se interconectam. Segundo ele, é através da análise comparativa, isto é, da comparação entre as narrativas que as reincidências farão emergir o núcleo do coletivo. O pesquisador precisa empenhar-se desde o início tendo em vista esta comparabilidade, isto significa que, deve atentar-se tanto para a unidade do objeto social, quanto para a escolha dos casos - diversificados, mas mantendo o mesmo

universo social, a permanência do enunciado inicial e do filtro, e o traçado objetivo dos percursos e dados factuais inclusos nas narrativas (BERTAUX, 2010). É importante ressaltar que Bertaux (2010) sugere ainda que ao término da entrevista o pesquisador redija uma série de anotações acerca do que notou no contexto da conversa, que mensagem foi transmitida, quais temas foram abordados, e quais foram evitados. O autor recomenda concentrar-se naquilo que gerou mais surpresa ou choque. Geralmente, isso possibilita um rompimento com as concepções prévias do pesquisador e se torna um caminho para o aprofundamento da análise. Meu diário de campo servirá para que eu veja minhas representações prévias e realinhe minhas expectativas, reorientando minhas compreensões ao longo da pesquisa. Esses dados coletados têm como finalidade a contribuição na descrição e posterior compreensão do funcionamento de uma situação social. Além disso, o autor incentiva a utilização de diversas fontes de informação como a observação direta das interações, conversas informais, fontes documentais, entre outras, defendendo que cada uma destas permite melhor acesso a um aspecto específico do objeto. Portanto, além das entrevistas narrativas, outro método de construção de dados da pesquisa será o acompanhamento das postagens feitas nos perfis dos homens que serão entrevistados, por um período de 30 dias, a fim de investigar os temas mais evocados pelos donos dos perfis. O registro produzido a partir desse acompanhamento será analisado segundo a proposta analítica de Bertaux."

Objetivo da Pesquisa:

As informações referentes aos "Objetivos do Projeto", foram obtidas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1826874 de 29/09/2021).

"Objetivo Primário:

Compreender quais concepções sobre paternidade e cuidado sustentam a criação de conteúdo sobre paternidades/paternagem no Instagram.

Endereço: RUI BARBOSA, 716	
Bairro: FLAMENGO	CEP: 22.250-020
UF: RJ	Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2554-1730	Fax: (21)2552-8491
	E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

**INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS**



Continuação do Parecer: 5.026.319

Objetivo Secundário:

- a. Investigar as motivações dos homens-pais para a criação de perfil sobre paternidade no Instagram.
- b. Analisar as concepções sobre masculinidade, paternidade e cuidado desses homens.
- c. Discutir as implicações dessas iniciativas para o ativismo por direitos, como por exemplo agendas antirracista, anticapacitista e antiLGBTfóbica."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos relacionados à participação na pesquisa são de quebra de sigilo. Cabe ressaltar que por mais que haja uma política de privacidade das plataformas digitais Skype e Google Meet, ainda assim não é possível ter a garantia do sigilo. Entretanto, é oportuno destacar, que todo o material da pesquisa será armazenado em local seguro e só será compartilhado entre os pesquisadores. Ademais, os nomes e possíveis dados que possam identificar os participantes poderão ser alterados, caso seja manifestado o interesse do participante em assegurar o anonimato.

Benefícios:

A pesquisa poderá trazer benefícios tanto para homens pais quanto para suas famílias, pois contribuirá para uma melhor compreensão sobre as dinâmicas de paternidade contemporâneas e sobre as concepções produzidas e veiculadas nos perfis do Instagram acerca da paternidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa apresenta um tema muito significativo para atualidade na política pública da saúde da mulher, da infância e do homem.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1-folha de rosto [ok]
- 2-carta de autorização da(s) chefia(s) de setor(es)/serviço(s) [ok]
- 3-carta do Departamento de Pesquisa -[ok]
- 4-projeto original/brochura do pesquisador - [ok]
- 5-RCLE - [ok]

Recomendações:

O (A) pesquisador(a) deve observar os prazos e frequências estabelecidos pela resolução 466/12 e NOB 001/13 para o envio de relatórios de modo a manter o CEP informado sobre o andamento da

Endereço: RUI BARBOSA, 716		
Bairro: FLAMENGO	CEP: 22.250-020	
UF: RJ	Município: RIO DE JANEIRO	
Telefone: (21)2554-1730	Fax: (21)2552-8491	E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

**INSTITUTO FERNANDES
FIGUEIRA - IFF/ FIOCRUZ - RJ/
MS**



Continuação do Parecer: 5.026.319

pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Projeto pode ser realizado sem necessidades de alterações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1826874.pdf	29/09/2021 21:03:37		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE.docx	29/09/2021 21:03:07	JULIANA ARAUJO MESQUITA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	29/09/2021 14:45:10	JULIANA ARAUJO MESQUITA	Aceito
Outros	Carta_de_Aprovacao.pdf	28/09/2021 23:18:03	JULIANA ARAUJO MESQUITA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Paternidades.pdf	27/09/2021 16:58:33	JULIANA ARAUJO MESQUITA	Aceito
Orçamento	Orcamento_Juliana_Mesquita.docx	27/09/2021 16:57:57	JULIANA ARAUJO MESQUITA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Juliana_Mesquita_final.docx	25/09/2021 18:00:07	JULIANA ARAUJO MESQUITA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 07 de Outubro de 2021

Assinado por:

**Ana Maria Aranha Magalhães Costa
(Coordenador(a))**

Endereço: RUI BARBOSA, 716

Bairro: FLAMENGO

CEP: 22.250-020

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2554-1730

Fax: (21)2552-8491

E-mail: cepiff@iff.fiocruz.br

ANEXO IV – PESQUISA EXPLORATÓRIA SOBRE CONTAS DE HOMENS-PAIS NO *INSTAGRAM* EM 19/06/21

Nome do perfil	Número de seguidores e seguidoras em 19/06/21	Descrição na biografia
Bruno Vilas Boas (@papaiflix)	67 mil	Criador(a) de conteúdo digital Educação Família Humor 1 filho e 2 papais
Pais Pretos Presentes (@paispretos)	47,3 mil	Rede de apoio preto Aquilombamento Afroempreendedorismo CP: 70.531 CEP: 22.740-971 Use a # Linktr.ee/paispretos
Papai & Papia (@papai_e_papia)	4.456	Blog pessoal O mundo precisa de mais histórias felizes! 2 dads + 2 kids From São Paulo - Brazil
Pai de Rodinhas (@paiderodinhas)	2.490	Blog pessoal Porque a diferença está apenas no olhar de quem nos observa. “Tenho AME, do verbo AMAR!” Conheça nossa história. Linktr.ee/paiderodinhas
Cézar Paternidade Trans (@cezarsant_anna)	1.929	Criador(a) de conteúdo digital 011 Envolvido com a militância trans desde 2015, Produtor de conteúdo sobre #paternidadetrans Vencedor em Cannes na categoria melhor filme Linktr.ee/cezarsantanna

Quadro 2 - Pesquisa exploratória sobre contas de homens-pais no *Instagram*. Fonte própria.